

UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE – UNIPLAC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ANA PAULA KUSTER DA SILVA

O ATO DE LER EM UM CURSO TÉCNICO DE MAGISTÉRIO: TECENDO
TERTÚLIAS LITERÁRIAS DIALÓGICAS

Lages

2024

ANA PAULA KUSTER DA SILVA

**O ATO DE LER EM UM CURSO TÉCNICO DE MAGISTÉRIO: TECENDO
TERTÚLIAS LITERÁRIAS DIALÓGICAS**

Texto preliminar de Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense para o Exame de Defesa de Dissertação do Mestrado em Educação. Linha de Pesquisa: Processos Socioculturais em Educação.

Orientadora: Profa. A Dra. Valéria Oliveira de Vasconcelos

Lages

2024

Ficha Catalográfica

S586a

Silva, Ana Paula Küster da

O ato de ler em um curso técnico de magistério : tecendo tertúlias literárias dialógicas / Ana Paula Küster da Silva ; orientadora Dra. Valéria Oliveira de Vasconcelos. – 2024.

106 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Planalto Catarinense. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense. Lages, SC, 2024.

1. Leitura - Estudo e ensino. 2. Pensamento crítico. 3. Dialogismo (Análise literária). I. Vasconcelos, Valéria Oliveira de (orientadora). II. Universidade do Planalto Catarinense. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 370

Catálogo na fonte – Biblioteca Central



UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE

Ana Paula Kuster da Silva

**O ATO DE LER EM UM CURSO TÉCNICO MAGISTÉRIO: TECENDO
TERTÚLIAS LITERÁRIAS DIALÓGICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense para a Defesa de Dissertação do Mestrado em Educação. Linha de Pesquisa: Processos Socioculturais em Educação.

Lages, 10 de dezembro de 2024

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
gov.br VALÉRIA OLIVEIRA DE VASCONCELOS
Data: 11/12/2024 18:00:06-0300
Verifique em: <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Valéria Oliveira de Vasconcelos
Orientadora e Presidente da Banca - PPGE/UNIPLAC

Documento assinado digitalmente
gov.br FÁBIANA RODRIGUES SOUSA DE SANTO
Data: 11/12/2024 18:28:29-0300
Verifique em: <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Fabiana Rodrigues de Sousa
Examinadora Externa – PPGE/USF

Documento assinado digitalmente
gov.br MARELI ELIANE GRAUPE
Data: 11/12/2024 14:56:57-0300
Verifique em: <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Mareli Eliane Graupe
Examinadora Interna - PPGE/UNIPLAC

Dedico este trabalho aos meus filhos Isabele e Enzo, às minhas alunas/os que me fizeram professora. Para minha avó Otília e minha mãe “tia Rê” (*in memoriam*), em respeito e agradecimento pela resistência e coragem de vocês, a todas as mulheres que lutaram e abriram passagem para caminharmos neste mundo.

AGRADECIMENTOS

Trilhar o caminho da pesquisa e cruzar a linha de chegada do mestrado em educação significa que foi uma jornada de muito aprendizado, desafios e superações. É com imensa gratidão que reconheço todas/os as/os que, de alguma maneira, contribuíram para a realização desta dissertação de Mestrado.

Assim, agradeço primeiramente a todas as mulheres que pisaram neste chão antes de mim. Sei que não foi fácil abrir este caminho para que fosse trilhado por nós. Meus mais sinceros agradecimentos à minha família, meu companheiro de vida Fabio, minha filha Isabele e meu filho Enzo, aqueles que por tantas vezes tiveram que conviver com minha ausência para construir esta pesquisa. Outras tantas vezes eles foram minha base e escuta amorosa. Por isso, vocês sempre serão a minha força, minha garra e minha coragem, pois estiveram ao meu lado reforçando a minha capacidade e, acima de tudo, apoiando as minhas decisões. Sem vocês, nada disso valeria a pena.

Meu agradecimento, com profunda admiração, vai especialmente para minha orientadora, Profa. Dra. Valéria Oliveira de Vasconcelos, que, com mãos pacientes e olhar atento, ajudou-me a encaixar as peças deste quebra-cabeça chamado dissertação de Mestrado. Sempre firme em sua crença de que alcançaríamos o objetivo, ela foi a força constante, o braço que me sustentou ao longo dessa árdua jornada de produção. Sua disponibilidade e incentivo infintos foram o alicerce que me fez seguir em frente, enquanto suas correções e ajustes afiavam cada detalhe. Mais do que orientadora, foi a presença que nunca duvidou daquilo que poderia ser realizado. Gratidão eterna, professora Valéria, por acreditar e estar ao meu lado em cada passo desse processo. Você me ajudou a ser um pouquinho melhor, um pouquinho mais humana. Como disse Cris Pizzimenti em seu poema “Sou feita de retalhos”:

Sou feita de retalhos.

Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma.

Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou. Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...

Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...

Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também.

E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...

Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.

Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim.

Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de "nós".

Logo, com muito carinho e afeto, agradeço ao grupo de estudantes do técnico Magistério Elisangela Escoto, Nicole de Rocha Modesto, Patricia de O. Pimentel, Renata Aparecida da Silva Moreira e Selma Rodrigues de Andrade pela acolhida e contribuição generosa à nossa pesquisa. Agradeço pelo diálogo, pela disposição e pelo afeto recíproco, sem vocês não seria possível construir este trabalho. Obrigada às professoras do curso técnico do Magistério da EEB General Pinto Sombra pela generosidade, especialmente, agradeço às professoras Marcia Mariléia Ortiz, Karine da Silva Rodrigues, Jeane Vezaro e Sabrina M.

Assim, com o coração pleno de gratidão, estendo minha admiração e carinho aos estimados professores do PPGE da Uniplac, que, ao longo deste caminho, contribuíram para a minha formação não apenas como professora, mas, sobretudo, como ser humano. Como bem disse Rubem Alves, “*o professor tem que ser provocador*”, e vocês, mestres, foram verdadeiras/os provocadoras/es em minha vida, instigando em mim o pensamento, a reflexão e o despertar para o que sou e o que posso ser. A cada ensinamento, a cada desafio, vocês despertaram em mim um novo olhar, uma nova busca. E, por isso, deixo aqui minha eterna gratidão.

Por fim, estendo minha gratidão a todas/os que cruzaram meu caminho desde o momento em que, lá no fundo do meu ser, senti nascer o desejo de ocupar o espaço da pesquisa, um sonho tão distante para pessoas como eu. Hoje tenho grandes sonhos. Agradeço aos meus colegas e aos meus colegas do Mestrado em Educação, que, com sua sabedoria e generosidade, me ensinaram lições que vão além das palavras. A todas/os que, de maneira direta ou indireta, caminharam ao meu lado até aqui, minha mais sincera e profunda gratidão. Como disse o poeta, Fernando Pessoa, “*Tudo vale a pena quando a alma não é pequena*”, e foi com a alma grande de todas/os vocês que este sonho se fez possível. Finalizo meus agradecimentos com uma poesia de Brandão:

*e você? que caminhou comigo
até aqui
quem somos?*

DECLARAÇÃO DE ORIGINALIDADE

Declaro que os dados apresentados nesta versão da Dissertação para Defesa de Dissertação são decorrentes de pesquisa própria e de revisão bibliográfica referenciada segundo normas científicas.

Lages, 10 de dezembro de 2024.

Ana Paula Küster da Silva

O que vai acordar é aquilo que a Palavra vai chamar. As palavras são entidades mágicas, potências feiticeiras, poderes bruxos que despertam os mundos que jazem dentro dos nossos corpos, num estado de hibernação, como sonhos. Nossos corpos são feitos de palavras... (Rubem Alves, 2012).

RESUMO

O ato de ler transcende a simples decodificação de palavras, sendo um processo que envolve a compreensão profunda das diferentes perspectivas e experiências do mundo. Para as/os futuras/os educadoras/es, essa prática não apenas promove o desenvolvimento cognitivo, mas também a reflexão crítica sobre as questões sociais, políticas e culturais que envolvem o cotidiano das/os estudantes. Sendo assim, este estudo investiga de que maneira o ato de ler, especialmente por meio das Tertúlias Literárias Dialógicas (TLD), contribui para o desenvolvimento de uma leitura crítica do mundo entre as/os estudantes de um curso técnico de Magistério. O objetivo geral da pesquisa é compreender o ato de ler em um curso Técnico de Magistério e propor estratégias que possibilitem desvelar um pensamento crítico na vida das/os estudantes desse curso. Os objetivos específicos são: a). Perceber como (e se) o Ato de Ler contribui para uma leitura crítica do mundo entre as participantes da pesquisa; Propor Tertúlias Literárias Dialógicas que valorizam o Ato de ler como possibilidade de leitura crítica do mundo; analisar as ações propostas em conjunto com as estudantes. Para tanto, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, utilizando a metodologia de Pesquisa-ação, que envolve a participação ativa das/os estudantes no processo investigativo. As Tertúlias Literárias Dialógicas foram realizadas em sessões semanais, com ênfase em diálogos igualitários e na construção de um espaço de aprendizagem coletiva. As fases das TLD são alicerçadas na Aprendizagem Dialógica e incluem: Fase do Diálogo Igualitário, Inteligência Cultural, Transformação, Aprendizagem Instrumental, Criação de Sentido, Solidariedade e Igualdade de Diferença. A interação durante essas fases foi o principal meio para estimular a reflexão crítica sobre o mundo e promover a transformação das crenças e perspectivas das/os participantes. A pesquisa foi realizada em uma escola pública de Lages, no curso técnico de Magistério, com a participação de cinco estudantes. Espera-se que, por meio das Tertúlias Literárias Dialógicas, as/os participantes desenvolvam uma maior consciência crítica sobre o mundo em que vivem e o papel da educação na transformação social. A análise dos resultados buscou identificar as mudanças nas práticas de leitura e a forma como as/os estudantes do curso de Magistério são capazes de contextualizar as obras literárias em relação à realidade social, ampliando suas competências como futuras/os educadoras/es críticas/os e reflexivas/os.

Palavras-chave: Tertúlias Literárias Dialógicas. Pensamento crítico. Ato de ler. Literatura.

ABSTRACT

The act of reading transcends the simple decoding of words. It is a process that involves a deep understanding of different perspectives and experiences of the world. For future educators, this practice not only promotes cognitive development, but also critical reflection on the social, political and cultural issues surrounding students' daily lives. This study investigates how the act of reading, especially through Literary Dialogic Tertulias (TLD), contributes to the development of a critical reading of the world among students on a technical teaching course. The general aim of the research is to understand the act of reading in a technical teaching course and to propose strategies that make it possible to unveil critical thinking in the lives of students on a technical teaching course. The specific objectives are: a) To understand how (and if) the Act of Reading contributes to a critical reading of the world among the research participants; To propose Dialogical Literary Tertulias that value the Act of Reading as a possibility for a critical reading of the world; To analyze the actions proposed together with the students. The research adopts a qualitative approach, using the methodology of Action Research, which involves the active participation of the students in the investigative process. The Literary Dialogic Tertulias will be held in weekly sessions, with an emphasis on egalitarian dialogues and the construction of a collective learning space. The TLD phases are based on Dialogic Learning and include: Equal Dialogue Phase, Cultural Intelligence, Transformation, Instrumental Learning, Meaning Making, Solidarity and Equality of Difference. Interaction during these phases will be the main means of stimulating critical reflection on the world and promoting the transformation of participants' beliefs and perspectives. The research will be carried out in a public school in Lages, in the technical teaching course, with the participation of five students. It is hoped that, through the Dialogic Literary Tertulias, the participants will develop a greater critical awareness of the world in which they live and the role of education in social transformation. The analysis of the results will seek to identify changes in reading practices and the way in which students on the teaching course are able to contextualize literary works in relation to social reality, broadening their skills as critical and reflective future educators.

Keywords: Dialogic Literary Tertulias. Critical thinking. The act of reading. Literature.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Dona Otília, na década de 1990.	15
Imagem 2: Minha mãe, meu irmão, minha irmã e eu (2015).	16
Imagem 3: Eu, à direita no desfile de Sete de Setembro (1996).	17
Imagem 4: Poesia autoral	17
Imagem 5: Poesia autoral	18
Imagem 4: Isabele, minha filha com 02 anos.	19
Imagem 5: Enzo Gabriel, meu filho com 02 meses.	19
Imagem 6: almoço de um treinamento na cidade de Joinville (2013)	20
Quadro 1: Fases da Pesquisa-ação no curso técnico de Magistério	35
Figura 1: Representação em quatro fases do ciclo básico da investigação-ação	37
Quadro 2: Cronograma das TLD	37
Quadro 3: Levantamento de pesquisas em todas as áreas do conhecimento	40
Quadro 4: História das TLD	54
Imagem 9: Localização EEB Gen. Pinto Sombra na cidade de Lages/SC	67
Imagem 10: Vista aérea EEB Gen. Pinto Sombra	67
Quadro 5: Perfil das participantes – TLD - Magistério 2024	72
Imagem 11: Dinâmica realizada mandala, realizada por uma aluna do curso técnico do magistério	77
Imagem 12: Dinâmica realizada mandala, realizada por uma aluna do curso técnico do magistério	78
Imagem 13: Foto da primeira sessão de TLD	81
Imagem 14: Foto de uma sessão de TLD	83
Figura 2: Nuvem de palavras	88

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

IES - Instituições Ensino Superior

PIBID - Programa Institucional de Iniciação à docência

SciELO - Scientific Electronic Library Online

UNIPLAC- Universidade do Planalto Catarinense

USF - Universidade São Francisco

TLD - Tertúlias Literária Dialógicas

Sumário

- 1. APRESENTAÇÃO 13**
- 2. INTRODUÇÃO 23**
- 3. METODOLOGIA 31**
- 4. REVISÃO DA LITERATURA 40**
- 5. CAPÍTULO 1 - “MARIA, MARIA”: COMO AS MULHERES SÃO LIDAS PELA ÓTICA SOCIAL 42**
- 6. CAPÍTULO 2 - “PALAVRAS REPETIDAS”: TERTULIANDO E DESCOLONIZANDO PALAVRAS 51**
 - 6.1 “TODO CAMBIA”: A METAMORFOSE DA LITERATURA CLASSICA UNIVERSAL 60
- 7. CAPÍTULO 3 – “TEMPOS EFÊMEROS”: O MAGISTÉRIO E AS TERTÚLIAS, RELATOS INICIAIS 66**
 - 7.1 “MAIS UM TIJOLO NA PAREDE”: ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA GENERAL PINTO SOMBRA 66
 - 7.1.1 “APRENDENDO A JOGAR”: APROXIMAÇÃO COM A TURMA DO MAGISTÉRIO DA EEB GEN. PINTO SOMBRA -2024 75
- 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS 93**
- 9. REFERÊNCIAS 95**
- 10. ANEXOS 98**

APRESENTAÇÃO

Ofertas de Aninha (aos moços)

*Eu sou aquela mulher
A quem o tempo
Muito ensinou.
Ensinou a amar a vida.
Não desistir da luta.
Recomeçar na derrota.
Renunciar a palavras e pensamentos negativos.
Acreditar nos valores humanos.
Ser otimista.
Creio numa força imanente
Que vai ligando a família humana
Numa corrente luminosa
De fraternidade universal.
Creio na solidariedade humana.
Creio na superação dos erros
E angústias do presente.
Aprendi que mais vale lutar
Do que recolher dinheiro fácil.
Antes acreditar do que duvidar.
(Cora Coralina¹, 1965)*

O texto a seguir é sobre a minha caminhada, minhas experiências e vivências até aqui. A você que vai ler a minha apresentação, peço que não me coloque como vítima, pois esse lugar não me pertence. Sou uma mulher que nasceu no ano de 1987, mãe de dois adolescentes, Isabele (2006) e Enzo (2009), agnóstica, professora, mulher feminista e companheira do Fabio desde 2004, sou muitas a partir de mim. Entretanto, apesar da breve apresentação, não posso começar por mim, mas sim pelas mulheres que fizeram eu ser quem sou, as quais foram e ainda são parte de mim: minha avó Otília e minha mãe Reginalda, para alguns Regina ou “tia Rê”.

Minha avó materna, Otília, neta de alemão, uma mulher forte e destemida, criou seus dois filhos sem o pai, na década de 1970, em uma cidade do interior de Santa Catarina, um lugar extremamente sexista, misógino e colonialista. O seu ganha-pão era como lavadeira, o que era comum na cidade de Lages – SC, quando conseguia trabalhos com costura, fazia-os para dar o sustento aos seus filhos. Adorava contar os “causos” sobre as dificuldades, os prazeres da vida ou sobre qualquer assunto que achasse interessante. Essa pequena e grande mulher de 1m50cm criou-me e ensinou-me quase tudo que sou.

¹ Cora Coralina, pseudônimo de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas.

Imagem 1: Dona Otilia, na década de 1990.



“Você não costurou só roupa, né?

*Teve que costurar um mundo de
trauma, abdicação, luta*

Pra hoje falar com orgulho

*Que essa família não tem
vagabundo*

Aprendi no seu colo

*Tenha medo de quem tá vivo e
respeito por quem tá morto”*

Bença - Djonga²/2019

Fonte: Arquivo pessoal

A filha mais velha da dona Otilia, nesse caso minha mãe, era uma mulher engraçada e corajosa, enfrentou de peito aberto o preconceito e a discriminação por suas escolhas. E não só por isso, mas também pelo simples fato de ser mulher neste mundo. Trabalhou como prostituta durante quase 20 anos nas casas de mulheres localizadas na BR 282, na cidade de Lages. Essas casas eram próximas a nossa casa e eu cresci ouvindo, principalmente de minha avó, que minha mãe tinha um trabalho como outro qualquer e que isso deveria ser respeitado. Ela falava assim para todas e todos, sem distinção.

Obviamente que os vizinhos, amigas/os e, principalmente, meus colegas da escola municipal em que estudei (desde a Educação infantil até os anos finais do Fundamental II), diziam que não era trabalho, mas sim que minha mãe era “puta”. Inclusive muitas pessoas afirmavam que meu destino seria o mesmo que o de minha mãe. Essa é a lógica estrutural do sistema social, somos predestinados a um destino pré-concebido para nós.

Sobre meu pai posso contar muito pouco, pois tudo que sei se resume a quase nada, ou talvez a tudo que eu poderia saber sobre o que restou. Seu nome era Evaldo, sua profissão era caminhoneiro e o pior dele: a violência cometida contra a minha mãe.

Minha infância foi um período difícil, porque meu pai nunca esteve presente e muito menos ajudou financeiramente em minha criação. Da mesma forma, minha mãe nunca participou ativamente da minha criação. Ela não estava presente nas questões da escola e nas decisões da educação – tudo era com a minha avó, dona Tila.

² Gustavo Pereira Marques, conhecido pelo nome artístico Djonga, é um rapper, escritor e compositor brasileiro.

Quando eu tinha 07 anos minha mãe engravidou e o pai da criança era guardado em segredo. Desse relacionamento, nasceu meu irmão Felipe. Durante a gravidez, minha mãe continuou trabalhando nas casas de mulheres e continuamos vivendo com muita dificuldade: às vezes faltava luz, às vezes faltava água, o gás era um luxo. Em resumo, vida de pobre. Meu irmão, Felipe, nasceu na madrugada de três de março do ano de 1994, sendo que minha mãe saiu da casa onde trabalhava direto para a maternidade.

Imagem 2: Minha mãe, meu irmão, minha irmã e eu



Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Vó Otília acabou criando meu irmão e eu, e quando eu tinha entre 13 e 14 anos minha mãe engravidou novamente. Recordo-me que ela revelou sua gravidez quando já estava com sete meses de gestação. Minha avó ficou bastante chateada pela gravidez, pois passávamos por muitas situações difíceis e “se não bastasse todo aquele cenário, mais uma criança!”. Nesse contexto, nasceu minha irmã Vitória, no dia 19/08/2001, e seus cuidados também ficaram a cargo de minha avó.

Os anos foram se passando e, no início dos anos 2000, troquei de escola e iniciei os estudos no Ensino Médio (Segundo grau, na época) com uma adolescência que posso definir como bastante conturbada. Comecei a me revoltar, de certa forma, com a situação de minha família, que era terrível em todos os sentidos: além da pobreza, da ausência de mãe e pai, soube que minha mãe era dependente química e foi usuária de crack durante 18 anos.

Imagem 3: Eu, à direita no desfile de Sete de setembro



Fonte: Arquivo pessoal (1996)

Nessa “bagunça”, a escrita sempre me salvou: às vezes escrevia em diários, outras vezes escrevia poesias sem métrica e sem cobrança, de qualquer jeito e em qualquer lugar. Essa escrita foi e ainda é uma válvula de escape para mim.

Imagem 4: Poesia autoral

Que você tenha preguiça
De não falar com o coração
De não ter afeto
De não ser papo reto
De não olhar além de seu
teto
De soprar velas para as
desgraças do seu irmão
De ser sem emoção.

@aluaph

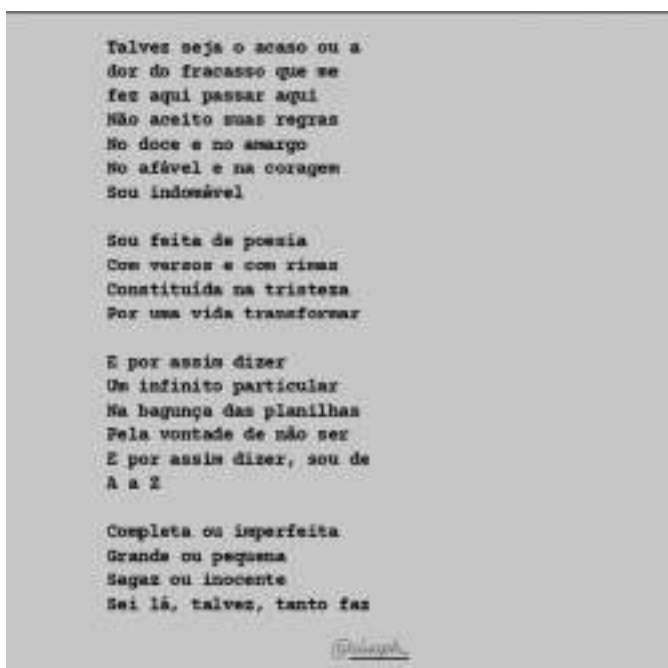
2/2

Eu tenho preguiça
De dias chatos
De multidão
De gente mesquinha
Dos atropelos da vida e
gente que não tem posição

Eu tenho preguiça
De conversas sem sentido
De vivências julgadas
De gente chata
De grupinhos
De multidão

Fonte: Arquivo pessoal³

Imagem 5: Poesia autoral - Aluaph, 2023.



Fonte: Arquivo pessoal

No primeiro ano do Ensino Médio me saí muito bem, era estudiosa e comprometida, mesmo com a cabeça e o coração totalmente desestruturados em função das dificuldades pelas quais passava em casa. Eu não concordava com tamanha desigualdade, alguns tinham tanto e outros, como minha família, tinham tão pouco. Nessa época, o papo de desigualdade social não rolava entre as pessoas com as quais eu convivia, mas eu sabia que havia algo de errado. Mesmo assim, eu adorava estudar, eu queria estudar, queria cursar Arqueologia, viajar pelo mundo, conhecer outros lugares, outras pessoas. Porém, quando se é pobre, o sistema nos proíbe de sonhar. Então, no segundo ano do Ensino Médio, já com 15 anos de idade e com a mochila cheia de revolta, comecei a me envolver com outras/os amigas/os.

No segundo ano do Ensino Médio já não ia tão bem na escola, uma vez que não fazia sentido nenhum o que a escola me oferecia, ou melhor, o que a vida me oferecia. Então, reprovei e larguei os estudos. Estava namorando e resolvi ir morar com ele e, logo em seguida, engravidei da minha filha Isabele, que nasceu no ano de 2006. Como disse Marielle Franco, ⁴“*Eu não fugi das estatísticas*”. Hoje, em 2024, com 18 anos, minha filha é estudante

³ Aluaph é como eu assino o que escrevo. Poesia escrita em 2015.

⁴ Marielle Francisco da Silva (1979-2018), conhecida publicamente como Marielle Franco, foi uma política brasileira. Formada em Sociologia (pela PUC-Rio) e com Mestrado em Administração Pública (pela UFF), Marielle foi eleita Vereadora do Rio de Janeiro pelo PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) no ano de 2016. Negra, mulher, feminista, pobre, criada na favela e lésbica, Marielle representou uma série de minorias ao

de Ciências Biológicas na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, a primeira mulher da minha família e da família do pai dela a acessar a universidade pública, o que é motivo de muito orgulho.

Imagem 6: Isabele, minha filha com 02 anos, no bairro Dom Daniel – Lages/SC.



Fonte: Arquivo pessoal (2008)

O ano era 2006, eu com 18 anos e “uma criança no colo”, comecei a trabalhar em um supermercado como operadora de caixa, porque era um dos poucos lugares que aceitaria uma funcionária sem o Ensino Médio completo. Em 2008, engravidei novamente, do meu segundo filho, Enzo Gabriel. Esse gurizinho nasceu em uma madrugada muito fria, com a temperatura negativa, no dia 25/07/2009, com seus 3,805g e 51cm. Nesse momento, eu, com 21 anos de idade, tornei-me mãe de duas crianças.

Imagem 7: Enzo Gabriel, meu filho com 02 meses.



Fonte: Arquivo pessoal (2009)

longo da sua vida política. A socióloga presidiu a Comissão da Mulher da Câmara, foi defensora dos direitos humanos e das causas LGBTI.

Quando o período da licença maternidade acabou e eu voltei a trabalhar no supermercado, logo em seguida fui desligada, como ocorre na maioria dos casos das mães que recém-pariram. Passei por uma depressão pós-parto, não tinha rede de apoio e, ainda assim, precisava trabalhar. A única alternativa que me restou foi trabalhar como diarista. Minha filha Isabele quando tinha cinco meses de idade e o Enzo quando tinha quatro meses foram para a creche pública próxima à minha residência. Eu trabalhava como faxineira na república (casa) de estudantes da UDESC – Centro de Ciências Agroveterinárias de Lages e em algumas casas em um bairro central da minha cidade. A minha rotina era uma faxina em cada dia da semana e em casas diferentes. Nessa mesma época, eu, meu companheiro e meus dois filhos morávamos de aluguel em um bairro periférico. Moramos lá durante quase 10 anos (bairro Dom Daniel que é chamado de Pedreira), que foi e ainda é dominado pelo tráfico.

Em 2011 iniciei meus estudos na EJA (Educação de Jovens e Adultos Jacó Anderle) porque nessa época eu trabalhava como faxineira e quando decidi trabalhar no comércio da minha cidade ninguém me aceitou, porque eu não havia terminado o Ensino Médio. Demorei um pouco mais de um ano para finalizar esse ciclo na EJA. Enquanto eu estudava, consegui emprego em um abatedouro de frango, no qual trabalhei por nove meses na linha de produção, sendo que o serviço era insalubre e muito difícil. Logo depois da minha saída desta empresa, comecei a trabalhar em uma loja de roupas, no centro de Lages. Em 2013, iniciei o meu primeiro curso superior, por meio do incentivo de uma grande amiga, Rosane, ela foi a grande incentivadora para que eu estudasse, tanto finalizasse o Ensino Médio quanto iniciasse o Ensino superior.

Imagem 8: almoço de um treinamento na cidade de Joinville



Fonte: Arquivo pessoal (2013)

Eu vou ressaltar aqui que a escolarização não era uma possibilidade, nunca foi até então, é assim principalmente para nós, moradoras/es da periferia, em uma cidade do interior

do sul do Brasil. O “papo de educação” quase nunca acontece, constantemente as pessoas já dizem qual será o seu destino, e para elas somos predestinadas/os a algo que na maioria das vezes não é o que desejamos e não é porque não queremos, o grande motivo é a falta de acesso à informação. Lá naquela época, se alguém perguntasse o que era mestrado eu não saberia responder, não fazia ideia do que se tratava e muito menos que isso existia.

Mesmo diante de tudo isso, em 2013, iniciei a minha primeira graduação, Bacharel em Administração, na Uniasselvi. Esse momento veio acompanhado de todos os desafios da vida na época, até porque ser mulher, mãe, trabalhadora, dona de casa e tantas outras funções que nos são atribuídas é fatigante.

Em contraponto, a leitura e a escrita sempre estiveram presentes na minha vida, fui uma criança criativa e curiosa, adorava escrever diários e escutar histórias e isso se estendeu em uma parte da minha adolescência, até a maternidade, talvez tenha sido a influência da vó Otília. A graduação de Administração era semipresencial, dessa forma, as aulas eram presenciais uma vez na semana apenas. Lembro que eu pensava que era muito difícil e apresentei uma defasagem de aprendizagem muito grande, porque interrompi meus estudos e voltei a estudar na EJA.

No ano de 2018, finalizei a graduação de Bacharel em Administração. Para mim, foi uma grande conquista e nesse momento já estava pensando em uma especialização e tinha certeza de que eu queria algo na área de Gestão de Pessoas, porque sempre gostei muito de conversar e ouvir os outros. Logo que terminei a graduação iniciei a especialização, porém fui só na primeira aula, não gostei e decidi não continuar. Naquele momento percebi que não era o que eu gostaria de fazer. Foi então que decidi iniciar meus estudos em uma escola de idiomas. Nessa época da minha vida eu estava decidida a estudar algo que agregasse ao meu currículo, era o que eu pensava na época, porque eu não queria trabalhar mais no comércio, desejava ter uma vida melhor, um pouco mais digna. No primeiro dia de aula na escola de idiomas considerei a possibilidade de cursar uma licenciatura, uma vez que fiquei encantada com a didática da professora do cursinho de idiomas e pensei: é isso que vou fazer da minha vida, quero ser como ela, o que a professora fez naquela foi tão incrível que decidi ali que iria cursar uma licenciatura. E foi assim que, em 2019, iniciei meus estudos no curso superior de Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa na Uniplac.

Posteriormente, em 2020, iniciei o trabalho como professora de inglês na educação infantil e fundamental I em uma escola Adventista na cidade de Lages. Já no ano de 2021, comecei a trabalhar em uma escola com o método Montessori, iniciei como professora

orientadora e trabalhei por dois anos nessa função, nessa mesma escola. Em 2023, fui convidada a assumir a vaga como professora de Literatura.

Em 2021, fui bolsista da Capes no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - Pibid. Nessa oportunidade, trabalhei durante um ano na Escola Municipal Lupércio de Oliveira Koeche, localizada na R. Cláudio Manoel da Costa, 926 - bairro da Várzea, Lages - SC e os outros oito meses de programa foram na Escola Básica Municipal Mutirão, localizada na Av. dos Pessegueiros, 1 - Habitação, Lages - SC. As duas escolas são localizadas em bairros que apresentam vulnerabilidade social. De uma atividade realizada com uma turma de 2º ano do fundamental I, publiquei um capítulo de livro no projeto Compartilhando Saberes do IFSC- RS, intitulado: O Ensino da Língua Portuguesa por meio do *Storytelling*: Um movimento inovador na educação básica pública. Além disso, já publiquei alguns textos que discutem a área da linguagem. Em 2022, comecei a trabalhar como professora de Língua Portuguesa e Literatura, nesse mesmo ano, finalizei o curso de Letras - Português e Inglês na Uniplac.

Desde o início da minha caminhada na educação eu sonhava em cursar um Mestrado. Então, logo que finalizei o curso de Letras, realizei a inscrição no curso de Mestrado em Educação da Universidade do Planalto Catarinense, sendo que fui aprovada em 6º lugar das/os 50 inscritas/os. Com isso, iniciei a jornada como mestranda em educação no ano de 2023, porque quando acessei a universidade comecei a sonhar, como diz o rap do Facção Central ⁵“O sistema tem que chorar vendo a sua formatura”.

No primeiro ano de mestrado, cursando as disciplinas obrigatórias e as eletivas, e por meio de muito diálogo e provocação das/os professoras/es, foi me apresentado pela professora Doutora Valéria Vasconcelos as Tertúlias Literárias Dialógicas (TLD)⁶, que são sessões informais nas quais se discute a literatura universal de forma dialogada e participativa. Logo que conheci essa maneira de fazer educação coletivamente e por meio da literatura, fiquei encantada, porque o meu desejo foi ao encontro das TLD. Afinal, sempre acreditei no poder da aprendizagem dialógica e gostaria de pesquisar o Ato de ler e como isso pode transformar as pessoas no mundo e o mundo das pessoas.

⁵ O Facção Central é um grupo de rap formado em 1989 na cidade de São Paulo por jovens moradores dos bairros do Glicério e do Cambuci. Ao longo da sua trajetória artística possuiu diversos integrantes, mas foi com a composição de Eduardo, Dum Dum e Erick 12 que alcançaram grande visibilidade dentro da cultura Hip Hop.

⁶ TLD: Tertúlias Literárias Dialógicas

INTRODUÇÃO

*Que tal se delirarmos por um tempinho
Que tal fixarmos nossos olhos mais além da infâmia
Para imaginar outro mundo possível?
(Eduardo Galeano, 2015)*

O Ato de ler⁷ ocupa um lugar importante no desenvolvimento cognitivo, social e intelectual das/os estudantes, particularmente no Magistério⁸, uma fase crucial na vida educacional de futuras professoras. A leitura não é apenas uma atividade que proporciona entretenimento, mas também é uma ferramenta poderosa para o aprimoramento do pensamento crítico, da criatividade, do vocabulário e da compreensão do mundo. Sendo assim, nesta dissertação, abordaremos as razões pelas quais o Ato de ler deve ser incentivado e cultivado no Magistério.

A linguagem entendida como a capacidade humana de comunicar-se por meio de um sistema de signos (língua), historicamente, foi e é empregada como estratégia para distinguir e hierarquizar os diferentes grupos sociais. No processo de colonização configurou-se como uma das formas mais eficazes de invasão cultural impetrada com o intuito de garantir o controle e dominação de distintos grupos humanos. (Vasconcelos; Sousa, 2020, p. 34)

O Ato de ler é uma janela para diferentes cosmos, períodos e óticas. A leitura permite que as/os alunas/os⁹ percorrem mundos imaginários, conhecem a história de povos distantes e compreendem a diversidade de experiências humanas. Tudo isso possibilita um movimento de tolerância, empatia e lucidez da complexidade do universo em que vivem, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e globalmente desvelados.

Diante disso, este trabalho possui como objeto de estudo ampliar o diálogo dialógico acerca da importância do Ato de ler na etapa do curso Técnico de Magistério em Lages/SC. Assim, a leitura é uma atividade que estimula a mente da/do estudante, levando-a/o a analisar, questionar e refletir sobre o conteúdo lido. Ao se deparar com diferentes pontos de vista, enredos complexos e informações variadas, as/os alunas/os desenvolvem a capacidade de pensar criticamente. Isso é fundamental para a formação de pessoas conscientes e capazes de avaliar argumentos, tomar decisões informadas,

⁷ Optou-se na grafia do termo o Ato de ler em letra maiúscula em função da centralidade do tema da presente pesquisa.

⁸ A escolha pela pesquisa no curso Técnico Magistério tem o intuito de contribuir para que as pessoas envolvidas tenham a possibilidade de ler o mundo de maneira crítica.

⁹ Optou-se por utilizar o gênero feminino antes do masculino.

participar de debates construtivos e agir na sua própria realidade. Para Paulo Freire (1989):

Devemos pensar sobre a nossa vida diária. Quando aprendemos a ler e a escrever, o importante é procurar compreender melhor o que foi a exploração colonial, o que significa a nossa Independência. Compreender melhor a nossa luta para criar uma sociedade justa, sem exploradores nem explorados, uma sociedade de trabalhadores e trabalhadoras. Aprender a ler e a escrever não é decorar "bocados" de palavras para depois repeti-los.

Para tanto, incentivar a leitura regularmente contribui para a expansão do vocabulário da/o aluna/o, tornando-o mais proficiente na comunicação escrita e verbal. Além disso, a exposição a diferentes estilos de escrita, gêneros literários e autores enriquece a linguagem, permitindo que os estudantes expressem suas ideias de forma mais clara e precisa. Essa habilidade é fundamental para o sucesso acadêmico e profissional no futuro. Assim, complementa Brandão (2020, p. 37):

Uma vez habitante de uma linguagem rica, complexa e articulada, a palavra aspira sair de si-mesma. E o "falar" quer "dizer". Tanto as palavras quanto os saberes que elas enunciam existem porque, continua e perenemente, elas se coletivizam. E seja ao redor da fogueira, seja no círculo de uma equipe de mulheres que tecem esteiras de palha e conversam enquanto trabalham, seja até mesmo num templo de silenciosa meditação budista, ou na mesa redonda de um congresso sobre teorias pedagógicas, a fala se obriga a ser e conviver com uma roda de prosa ao redor da fogueira, ora a estória narrada de um avô a um neto; ora o ensino breve e quase sem palavras de um monge zen ao seu discípulo. E ora um primeiro embrião do que virá a ser adiante a educação e a sua melhor casa: a escola. Afinal, a educação é uma conversa entre pessoas ao redor não apenas de "novidades", mas de novos saberes.

A formação de leitoras/es críticas/os no curso do Magistério é um desafio complexo, que envolve uma intersecção de fatores educacionais, sociais e culturais, o que poderá vir a proporcionar vivências experiências além das páginas dos livros. Esse desafio reflete não apenas a necessidade de aprimorar habilidades de leitura, mas também de instigar a capacidade dos estudantes de analisar, questionar e interpretar de maneira reflexiva o conteúdo textual. Diante desse cenário, é crucial explorar os principais obstáculos que permeiam essa missão educacional e buscar estratégias eficazes para superá-los. Para Délia Lerner (2002), o grande desafio da contemporaneidade é cultivar indivíduos capazes de se engajar na leitura e escrita, indo além da mera habilidade de decifrar o sistema escrito. Acerca disso, a autora ainda complementa que a importância reside em

[...] formar seres humanos críticos, capazes de ler entre linhas e de assumir uma posição própria frente à mantida, explícita ou implicitamente, pelos

autores dos textos com os quais interagem, em vez de persistir em informar indivíduos dependentes da letra do texto e da autoridade de outros. O desafio é formar pessoas desejosas de embrenhar-se em outros mundos possíveis que a literatura nos oferece, dispostas a identificar-se como semelhante ou a solidarizar-se com o diferente e capazes de apreciar a qualidade literária. (Lerner, 2002, p. 327)

A etapa ou nível educacional, seja ele qual for, na educação básica ou no ensino técnico e profissionalizante, é um fator crucial na preparação das/dos estudantes para a vida adulta. A leitura é uma habilidade que é fundamental em qualquer campo da vida das pessoas, uma vez que, se o sujeito lê, ela/ele sente-se pertencente como cidadã/ô do mundo. Entretanto, incentivar a leitura na formação de professoras/es é uma maneira de prepará-las/los para os desafios da carreira docente.

Ademais, trabalhar com a Literatura deve fornecer base para estimular a criticidade de todas/os as/os envolvidas/os no ato de ensinar e aprender, fazendo-as/os ter uma visão crítica sobre o mundo, por meio de uma leitura de mundo antes da leitura da palavra. Então, a idealização da literatura como partitura contribuinte com a humanização do ser é pensada a partir dos estudos de outros especialistas do ramo, tal como Tzvetan Todorov (2010), que, em seu livro “A Literatura em Perigo”, disserta:

Mais densa e mais eloquente (sic) que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam: a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. [...] Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano.

A construção da história da educação inicia nos tempos remotos da humanidade, quando os primeiros seres humanos aprendem como controlar o fogo, a manusear os metais, quando é criado um sistema linguístico para registro da comunicação. No que concerne à história da educação e da escola brasileira, da Colônia ao Império e, por fim, a República, evidencia-se que o projeto de escolarização da população adquiriu diferentes contornos e significados ao longo da história, sendo resultado de políticas educacionais diversas. Mudanças econômicas, sociais e transformações de ordem política impactaram diretamente no processo de escolarização, impondo à escola papéis diferenciados (Gouvêa, 2007). Em aproximação a isso, para Rubem Alves (2012, p. 54)

A este processo mágico pelo qual a Palavra desperta os mundos adormecidos se dá o nome de educação. Educadores são todos aqueles que têm esse poder. É por isso que a educação me fascina. Hoje o que fascina é o poder dos técnicos, que sabem o segredo das transformações da matéria em artefatos. Poucos se dão conta de que o fascínio muito maior se encontra no poder da Palavra para fazer as metamorfoses do corpo. É no lugar onde a Palavra faz amor com o corpo que começam os mundos.

Convém ressaltar, a princípio, que a escola é o primeiro ambiente social apresentado à criança após a experiência familiar. Nesse sentido, a escola desempenha um papel muito importante uma vez que, no decorrer da infância e adolescência, desenvolve-se o processo de interação sujeito-sociedade. Se a escola promover diariamente, em seu ambiente, mecanismos propositivos como o diálogo e a participação, possibilitará que as relações sociais construídas dentro desse contexto tornem-se a base de apoio para o desenvolvimento psicossocial e humano das crianças (Virões, 2013).

Adicionalmente, evidencia-se que a educação escolar vive um profundo paradoxo, uma vez que possui a missão de educar todos os indivíduos, mas, por outro lado, nem sempre concebe as diferenças individuais, sociais e culturais de seus educandos. Parece haver uma dissonância entre o discurso teórico e a prática cotidiana atrelados à própria identidade da instituição escolar, subordinados a uma extensa e sólida tradição normatizante e conservadora, com pouco ou nenhum espaço para a singularidade e a diversidade (Cunha; Dazzani, 2016).

Ainda outro fato que merece destaque é que a escola, como hoje se conhece, nem sempre possuiu a mesma função. Por este motivo, é importante realizar uma análise histórica sobre seu surgimento e evolução que assim servirá para compreender de maneira mais aprofundada seus impasses os quais, de certa forma, apresentam resquícios na atualidade e acabam por interferir na educação dos sujeitos.

A cultura letrada não é invenção caprichosa do espírito; surge no momento em que a cultura como reflexão de si mesmo, consegue dizer-se a si mesma de maneira definida, clara e permanente. A cultura marca o aparecimento do homem no longo processo da evolução cósmica. A essência humana existencia-se, auto desvelando-se como história. Mas essa consciência histórica, objetivando-se reflexivamente, surpreende-se a si mesma, passa a dizer-se, torna-se consciência historiadora: o homem é levado a escrever sua história. (Freire, 1987, p. 18)

De fato, é por meio da história que as pessoas constroem, conhecem e chegam à plena consciência do que são no presente e o que podem vir a ser no futuro. Ou seja, a realidade atual não age no vácuo, ela está vinculada às raízes históricas intensas, as

quais devem ser difundidas e afrontadas para uma melhor compreensão do presente e, para além disso, para uma efetiva transformação do futuro (Cunha; Dazzani, 2016).

Diante disso, as Tertúlias Literárias Dialógicas¹⁰ São sessões que vão além, ou seja, transcendem as simples conversas sobre obras literárias. Elas são verdadeiras celebrações da arte da palavra, na qual mentes se reúnem para mergulhar nos mundos criados por autoras e pelos autores. Isso permite assumir a compressão do texto, explorar significados ocultos e compartilhar perspectivas singulares, a leitora/or tem a tarefa de produzir a compressão do texto sendo, nesse sentido, uma/um coautora/or da/o autora/or. Nessas reuniões, a literatura universal ganha vida e a partir disso, as pessoas podem intervir em sua realidade. As páginas das obras se abrem para revelar camadas profundas de significado, e cada participante traz consigo interpretações únicas e experiências pessoais que enriquecem a discussão. O diálogo se torna um convite para explorar não apenas a trama e os personagens, mas também os temas subjacentes, os simbolismos e as emoções que permeiam as narrativas.

Para Ramón Flecha (1997 *apud* Mello, 2003, p. 453) a dinâmica da Tertúlia Literária Dialógica literária acontece da seguinte maneira:

A tertúlia literária se reúne em sessão semanal de duas horas. Decide-se conjuntamente o livro e a parte a comentar em cada próxima reunião. Todas as pessoas leem, refletem e conversam com familiares e amigos durante a semana. Cada uma traz um fragmento eleito para ler em voz alta e explicar por qual razão lhe há resultado especialmente significativo. O diálogo se vai construindo a partir dessas contribuições. Os debates entre diferentes opiniões se resolvem apenas através de argumentos. Se todo o grupo chega a um acordo, ele se estabelece como a interpretação provisoriamente verdadeira. Caso não se chegue a um consenso, cada pessoa ou subgrupo mantém sua própria postura; não há ninguém que, por sua posição de poder, explique a concepção certa e a errônea.

A atmosfera da Tertúlia Literária Dialógica é atravessada por entusiasmo e respeito mútuo, sendo que a diversidade de opiniões não é apenas aceita, mas valorizada por todas e todos. O debate saudável floresce, permitindo que diferentes pontos de vista se entrelaçam, expandindo, assim, a compreensão coletiva das obras e do mundo que elas retratam. Nas Tertúlias Literárias Dialógicas, há uma partilha constante de concepções, um jogo de reflexões que desafia e enriquece cada uma/um que participa dessa dinâmica. Aprende-se não apenas sobre literatura universal discutida, sobretudo, também a respeito da natureza humana, sobre a maneira como as palavras moldam

¹⁰ Optou-se em utilizar a Tertúlia Literária Dialógica com as iniciais maiúsculas porque Ramón Flecha e Roseli R. Mello se refere desta forma em seus textos.

nossa percepção do mundo e sobre a capacidade única da arte de nos conectarmos uns aos outros.

Ao final de uma Tertúlia Literária Dialógica, o sentimento é de gratidão pela oportunidade de compartilhar, aprender e crescer mutuamente. É a celebração da literatura como um veículo não apenas de entretenimento, mas de reflexão, empatia e enriquecimento pessoal. É o reconhecimento do poder transformador das palavras e da beleza encontrada na troca de ideias entre mentes apaixonadas pela leitura e não somente por meio das codificações dos signos, mas sim pela arte de dialogar.

Assim, quando se reflete que a literatura desempenha um papel fundamental na vida das pessoas, oferecendo não apenas uma fuga para mundos imaginários, mas também desencadeando um profundo entendimento do próprio eu e do mundo que os cerca. Ao mergulharem em histórias envolventes, todas/os as/os envolvidos têm a oportunidade de explorar uma vasta gama de emoções, perspectivas e experiências humanas, enriquecendo, assim, seu desenvolvimento emocional e cognitivo. Para Vanessa Giroto e Roseli Mello (2007, p. 2).

Entender e reconhecer que são sociais os critérios para a definição do que é literatura é um grande passo para escolher o que fazer com ela. Defender o acesso a esse tipo de leitura não significa, portanto, menosprezar o movimento de desqualificação que as elites e suas instituições (como a escola, por exemplo) fazem dos sujeitos pertencentes a grupos populares ao tentar colonizar sua compreensão em conformidade com os sentidos que servem para manter tais elites em posição dominante. É preciso subverter o espaço da leitura como lugar de muitos sentidos, por vezes conflituosos.

Nessa perspectiva, para Chimamanda Adichie (2020 p. 17) “As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram criadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada”. A leitura também desafia as pessoas a expandirem suas visões de mundo, explorando culturas diferentes, tempos diversos e pontos de vista alternativos. Essa leitura que foge de um modelo eurocêntrico de padrão contribui para a formação de mentes críticas, incentiva a refletir um mundo que é diverso. A possibilidade de analisar e interpretar textos literários ou não contribui para o aprimoramento das habilidades linguísticas, mas também fortalece a capacidade de pensamento analítico. Dessa maneira, é fundamental desenvolver e proporcionar a problematização acerca da temática em questão: Como e se o ato de ler contribui para a leitura crítica do mundo no curso do Magistério no Ensino Médio em Lages?

Além disso, tem-se como **objetivo geral**: Compreender o Ato de Ler no curso Técnico de Magistério e propor estratégias que possibilitem desvelar um pensamento crítico na vida das/os estudantes

Já os **objetivos específicos** são:

1. Perceber como (e se) o Ato de Ler contribui para uma leitura crítica do mundo entre as participantes da pesquisa;
2. Propor Tertúlias Literárias Dialógicas que valorizam o Ato de ler como possibilidade de leitura crítica do mundo;
3. Analisar as ações propostas em conjunto com as estudantes.

Para tanto, esta pesquisa está estruturada em quatro capítulos que tratam de diferentes aspectos do Ato de ler, na perspectiva freiriana, especificamente no que concerne às questões femininas articuladas à educação. No primeiro capítulo, intitulado "*Maria da Vila Matilde*"¹¹ O Ato de ler em uma perspectiva plural, será discutido o Ato de ler como uma atividade que vai além da decodificação de palavras. Nesse sentido, o Ato de ler será abordado numa perspectiva freiriana de que pode romper barreiras e abrir portas para novos mundos, ampliar horizontes e enriquecer a compreensão de diferentes realidades e experiências.

Por sua vez, no segundo capítulo, nomeado "*Maria, Maria*"¹² Um corpo que lê e é lido através da perspectiva de Paulo Freire, será tratada a leitura sob a ótica de Paulo Freire, focando na mulher como um ser que não apenas consome textos, mas também é constantemente influenciado e transformado por eles. Desse modo, exploraremos como a leitura pode possibilitar às mulheres e, também, proporcionar reflexões críticas sobre identidade, gênero e sociedade.

Já no capítulo 3, intitulado "*Palavras repetidas*"¹³ Tertuliando e descolonizando palavras, serão discutidas as Tertúlias Literárias Dialógicas como uma prática educacional e social que promove o diálogo igualitário entre as/os participantes e o desvelamento das suas condições. Assim, será analisado como esses encontros podem ser espaços de construção de conhecimento coletivo e de desenvolvimento de habilidades de leitura crítica e interpretativa de e a partir do mundo em que essas mulheres estão inseridas.

¹¹ "Maria da Vila Matilde" é uma canção da artista brasileira Elza Soares. A letra fala sobre a força e a resiliência feminina diante das desigualdades de gênero que permeiam a vida das mulheres.

¹² Canção composta por Milton Nascimento e Fernando Brant, lançada no álbum Clube da Esquina 2, de 1978, a música tematiza a respeito das lutas e sobre a força da mulher brasileira, principalmente da mulher negra brasileira.

¹³ A canção foi escrita e interpretada (2005) pelo rapper Gabriel O pensador.

Por fim, no quarto capítulo, “*Tempos Efêmeros*”¹⁴: O magistério e as tertúlias, serão apresentados relatos iniciais sobre a implementação das TLD no contexto educacional, especificamente no período de formação docente, no curso Técnico de Magistério em Lages/SC. Dessa maneira, serão problematizados os desafios e as potencialidades dessa prática como uma ferramenta pedagógica para promover a participação ativa das/os alunas/os na construção do conhecimento e no desenvolvimento de competências literárias, criticidade e consciência. Essa organização permitirá uma investigação aprofundada sobre o papel transformador da leitura na vida das mulheres, futuras professoras, especialmente no que diz respeito ao enriquecimento do processo educativo através das Tertúlias Literárias Dialógicas.

¹⁴ Laura Conceição é Mc e poeta, nascida na Zona da Mata Mineira. Criou o projeto Poesia na Escola, tendo realizado mais de 50 visitas a colégios da região e é fundadora do coletivo de poesia. Duas. Em 2019 lançou seu primeiro CD de rap, *Tempos efêmeros*.

METODOLOGIA

A metodologia do trabalho é a Pesquisa-ação, cuja composição se dá de maneira dialógica no campo das ciências sociais e da educação popular, com o intuito de tecer uma rede entre a pesquisa e a prática de forma colaborativa e dinâmica. A abordagem empreendida nesta pesquisa busca superar a dicotomia entre teoria e prática, possibilitando uma interação contínua e reflexiva entre esses dois âmbitos, no que diz respeito ao Ato de ler por meio das Tertúlias Literárias Dialógicas que têm como principal fundamento a reflexão crítica da vida. Como afirmam Vasconcelos e Ayala (2016, p. 63)

A metodologia científica representa um caminho estruturado para se concretizar uma dada proposta que, de certa maneira, estará orientada pelas concepções de mundo, de ser humano, de sociedade daqueles envolvidos em sua consecução, além de estar condicionada pelos momentos históricos e espaços geográficos nos quais ela é posta em prática.

O conceito de Pesquisa-ação deriva da combinação dos vocábulos "pesquisa" e "ação", que acabam por refletir a hipótese de que a investigação não deve ser apenas um processo sistematizado e acadêmico apartado da prática, separado da realidade, mas sim uma trilha que esteja diretamente conectada a práxis e à realidade da vida humana. Assim, a Pesquisa-ação demonstra-se aberta, ampla e caminha para compreender o mundo e assim transformar as suas estruturas. Ademais, a pesquisa-ação se destaca por sua natureza participativa, envolvendo dinamicamente as pessoas da pesquisa no processo investigativo e na implementação de intervenções práticas. Nesse aspecto, discorre Thiollent a respeito da Pesquisa-ação:

Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 2011, p. 20).

Os pilares da Pesquisa-ação que fundamentam essa metodologia são a cooperação e solidariedade entre pesquisadoras/es e participantes. Em vez de adotar uma postura externa e distanciada ou até elitizada, as/os pesquisadoras/es atuam como moderadoras/es, promovendo um diálogo constante com as/os envolvidas/os e valorizando suas experiências e conhecimentos. Essa perspectiva consente que as questões investigadas sejam abordadas de forma mais contextualizada na conjuntura em questão, resultando em soluções que são mais adaptadas às necessidades e realidades

das/os participantes/es. Outro aspecto crucial da pesquisa-ação é o caráter cíclico e reflexivo do processo. A metodologia não se limita à coleta e análise de dados, é uma caminhada não só acadêmica como também humana, que permeia e envolve uma reflexão constante sobre os resultados e a prática. Esse ciclo de planejamento, ação, observação e reflexão concede ajustes contínuos e permite a evolução do processo investigativo e da prática associada. Dessa forma, a Pesquisa-ação contribui para a construção de uma consciência desvelada mais sólida e possível, com um impacto real nas práticas humanas e contextos sociais estudados.

Além disso, a Pesquisa-ação valoriza a construção comunitária do conhecimento por meio das experiências e vivências das/dos participantes/es. Com o foco de buscar respostas plausíveis e aplicáveis no contexto social, essa metodologia se concentra em gerar ideias e soluções que são válidas e úteis para os contextos específicos em que são aplicadas. Essa abordagem contribui para uma compreensão mais profunda e integrada dos fenômenos estudados e articulados ao que se refere às Tertúlias Literárias Dialógicas, provocando intervenções mais eficazes e contextualmente relevantes e possíveis, no que diz respeito ao significado de participação dentro do contexto da metodologia de Pesquisa-ação. De acordo com Vasconcelos (2020, p. 133) “Participação é, portanto, muito mais do que estar presente (ou onipresente, como as redes sociais pretendem). Participação demanda relação. Participação demanda confiança. Participação demanda convivência.”. Assim, de acordo com a autora, a participação é a conexão entre as/os participantes.

Nesse sentido, a metodologia da Pesquisa-ação é uma abordagem que viabiliza a integração entre pesquisa e prática, valorizando a participação ativa de todas as pessoas. Independentemente de sua origem ou classe social, todas as pessoas envolvidas são provocadas a participar de alguma maneira da reflexão contínua sobre o processo investigativo. Ao combinar teoria e prática de forma colaborativa e dinâmica a Pesquisa-ação contribui para a construção de um ou mais saberes com mais significado, que sejam relevantes para as pessoas envolvidas, impactando positivamente os contextos e as realidades estudadas. Dessa forma, a Pesquisa-ação está dividida em quatro fases, sendo que para compreender sua validade e estrutura é essencial examinar suas fases principais: planejamento, ação, observação e reflexão.

Em um primeiro momento da sistematização em questão, chamada de planejamento, afirma-se fundamentalmente a sua relevância, porque são estabelecidas as bases para todo o processo investigativo constituído. Nessa etapa, a/o pesquisadora/o,

em colaboração com as/os participantes da pesquisa, identifica o problema ou a questão a ser abordada. Imediatamente, o planejamento envolve a definição clara dos objetivos, a formulação de perguntas de pesquisa e a escolha das estratégias e métodos a serem utilizados na trilha da pesquisa. É primordial que esta fase seja inclusiva, permitindo que todas/os as/os envolvidas/os contribuam com suas perspectivas e conhecimentos.

Em seguida, há a esquematização, quando o ciclo da ação põe em prática as estratégias e intervenções propostas. Nesse momento da pesquisa, o intuito reside na concretização das soluções planejadas para enfrentar o desafio identificado. Essa fase é caracterizada pela experimentação e pela aplicação prática dos conceitos desenvolvidos anteriormente. É durante essa fase que a metamorfose acontece, consequentemente a teoria se transforma em prática, e as soluções são testadas em um ambiente da vida real. A etapa de observação é quando a análise e a coleta de dados ocorrem para avaliar o impacto das ações implementadas. Nessa etapa, as/os pesquisadoras/es e participantes observam e registram as mudanças e os resultados das intervenções propostas. A observação sistemática permite a coleta de informações qualitativas que são essenciais para compreender a eficácia das ações realizadas. Além disso, essa fase ajuda a identificar aspectos que podem não ter sido antecipados durante o planejamento e a ação, fornecendo dados valiosos para a próxima etapa.

Sequencialmente, a reflexão é a etapa da pesquisa em que o aprendizado é alicerçado e analisado criticamente pela/o pesquisadora/o. No decorrer desse período, os resultados alcançados são discutidos e avaliados em relação aos objetivos originais da pesquisa. A reflexão promove um entendimento do que funcionou ou não para empreender a pesquisa e como ocorreram tais conclusões. Essa análise crítica não apenas contribui para a melhoria contínua das práticas e intervenções na educação básica, mas também enriquece o conhecimento teórico e prático da área de estudo. A reflexão é fundamental para ajustar o ciclo de Pesquisa-ação, possibilitando a reavaliação dos objetivos e a reformulação das estratégias para futuras condutas.

Como é possível observar, as fases da metodologia da Pesquisa-ação – planejamento, ação, observação e reflexão – integram um ciclo dinâmico, que promove a união entre teoria e prática. Em vista disso, cada período da Pesquisa-ação encarrega-se de um papel essencial no processo de investigação e resolução de problemas, favorecendo que as intervenções sejam bem alicerçadas, executadas de maneira eficaz e avaliadas reflexivamente e criticamente.

Em vista disso, o caráter participativo e interativo da Pesquisa-ação possibilita uma abordagem resistente para enfrentar desafios complexos e promover mudanças positivas, ao mesmo tempo em que contribui para o avanço do conhecimento acadêmico e prático. Sendo assim, a metodologia de Pesquisa-ação no curso técnico de Magistério é substancial para a formação de futuras/os educadoras/es, porque permite a construção de conhecimento a partir da prática, com uma constante interação entre teoria e vivência.

Nesse contexto, a primeira fase, denominada como exploratória, é fundamental, porque proporciona a aproximação inicial da/o estudante com a realidade da turma. Durante esse período, a/o educadora/or em formação participa ativamente das aulas, desenvolvendo um entendimento mais profundo sobre o contexto educacional, às necessidades das/os alunas/os e os desafios que surgem no cotidiano escolar. Essa etapa, com a realização da aproximação com a turma, por meio de rodas de conversa, favoreceu a criação de vínculos, o que é crucial para estabelecer um ambiente de confiança e colaboração entre a/o educadora/o e as/os alunas/os.

Consequentemente, na segunda fase da pesquisa inicia-se o planejamento, isto é, a etapa na qual a/o educanda/o do curso Técnico de Magistério começa a integrar as sessões de Tertúlias Literárias Dialógicas. A pesquisa nas bases de dados e o aprofundamento das TLD são ações indispensáveis para que a/o educadora/o em formação compreenda e consiga planejar de maneira mais fundamentada suas intervenções nas sessões de TLD. Logo, o planejamento detalhado e teórico, baseado nas necessidades exploratórias da primeira fase, é a chave para criar práticas que atendam de forma eficaz as demandas do grupo, permitindo uma abordagem mais personalizada e reflexiva no processo de ensinar-aprender.

Após isso, na terceira parte da pesquisa, intitulada como ação, são promovidas oito sessões de Tertúlias Literárias Dialógicas durante as aulas do curso Técnico de Magistério na cidade de Lages/SC. Nessa etapa, as estudantes colocam em prática o que foi planejado por meio da aproximação com o grupo, as atividades de leitura permitem um ambiente de diálogo e troca entre as/os participantes, em que o objetivo não é apenas transmitir conhecimento, mas também estimular a reflexão crítica em relação ao lugar que cada estudante ocupa no mundo e a participação ativa nas dinâmicas de leitura e discussão. Esse momento é crucial para que as/os alunas/os do curso Técnico de Magistério reflitam sobre os diversos aspectos sociais e políticos.

Por fim, o último estágio é a reflexão, que é um espaço de avaliação e análise das ações realizadas, no qual se discorre sobre os resultados obtidos nas Tertúlias Literárias Dialógicas. Esse processo reflexivo permite que se perceba o que funcionou, o que precisa ser ajustado e como as práticas pedagógicas podem ser aprimoradas, favorecendo o contínuo crescimento humano das participantes da pesquisa. O quadro a seguir demonstra as fases inerentes da Pesquisa-ação no curso Técnico de Magistério.

Quadro 1: fases da Pesquisa-ação no curso técnico de Magistério

Fases da Pesquisa – Ação	
• Fase 1 – Exploratória	• Aproximação com a turma, participação nas aulas, rodas de conversas e dinâmicas de leitura.
• Fase 2 – Planejamento	• Pesquisas nas bases de dados e aprofundamento das TLD.
• Fase 3 – Ação	• 8 Tertúlias Literárias Dialógicas.
• Fase 4 – Reflexão	• Análise das Tertúlias Literárias Dialógicas.

Fonte: Elaboração da própria autora (2024)

A fase exploratória¹⁵ é essencial para que o processo da Pesquisa-ação tenha êxito, visto que ela assegura a vivência na caminhada da pesquisa acadêmica. Nessa etapa do percurso, as/os educadoras/es estabelecem um contato direto com as pessoas que fazem parte, participando ativamente e observando as dinâmicas que envolvem a investigação. As rodas de conversa e dinâmicas, que no caso das Tertúlias Literárias Dialógicas chamamos de sessões, são instrumentos que possibilitam a compreensão das necessidades e dos desafios da problematização, permitindo que as/os estudantes do curso técnico de Magistério obtenham uma visão clara e desvelada das questões que precisam ser abordadas nas fases seguintes. Essa aproximação inicial é crucial para criar um ambiente de confiança e empatia, promovendo conexão entre os pares, características fundamentais para qualquer prática pedagógica transformadora.

Já a segunda fase, chamada de planejamento, justifica-se pela necessidade de sistematizar e organizar as intervenções educativas com base no diagnóstico realizado na primeira fase. Ao realizar pesquisas em bases de dados e aprofundar os conhecimentos sobre as Tertúlias Literárias Dialógicas (TLD), planejam-se as ações de maneira fundamentada, utilizando embasamento teórico e científico. Esse planejamento permite que as/os educadoras/es em formação criem estratégias pedagógicas adequadas

¹⁵ Originariamente David Tripp (2005) denomina essa fase como “exploratória e diagnóstica”. Entretanto, pela proximidade da terminologia “diagnóstica” com a área da Saúde, escolhemos aqui utilizar somente o termo “fase exploratória”.

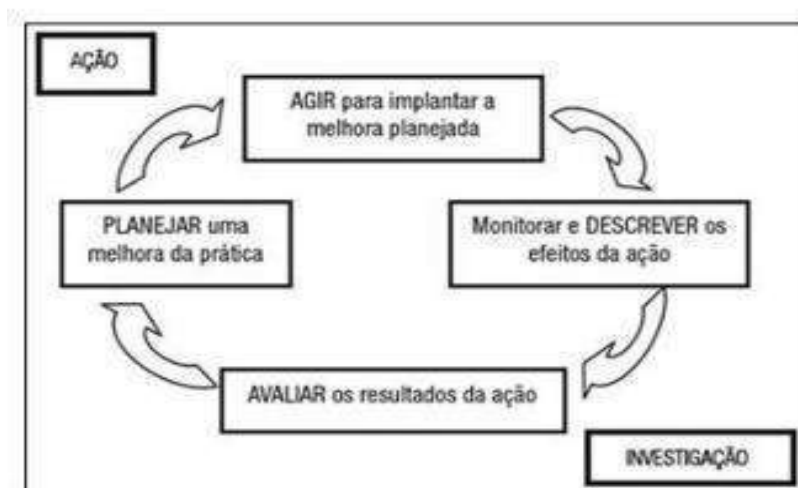
ao perfil da turma, considerando as particularidades do grupo e buscando formas de transformar as dificuldades identificadas em possibilidades de aprendizado e crescimento. O delineamento bem estruturado é, portanto, o alicerce para a execução eficaz da prática educativa.

A terceira fase, denominada ação, é a implementação das estratégias planejadas, uma vez que as TLD desempenham um papel central e indispensável. Essa fase é justificada pela necessidade de proporcionar às/aos alunas/os do curso técnico de Magistério uma vivência prática a partir das provocações realizadas durante as sessões de TLD. A realização das Tertúlias permite que as/os educadoras/es em formação inicial coloquem em prática os conhecimentos adquiridos nas fases anteriores, utilizando a literatura universal escolhida coletivamente como ferramenta para promover a reflexão crítica e reflexiva do mundo, por meio de ricos debates e a partilha de saberes. As Tertúlias, além de estimularem o pensamento reflexivo e a leitura crítica, contribuem para o desenvolvimento de habilidades pedagógicas que são fundamentais para a atuação da/o futura/o educadora/or. Assim, esse momento de ação proporciona uma avaliação contínua das estratégias, preparando a/o professora/or para lidar com os desafios do cotidiano escolar e também a refletir e questionar o seu lugar no mundo.

Por fim, a fase da reflexão é a que propicia a avaliação crítica do processo realizado. A análise das Tertúlias Literárias Dialógicas permite que as/os educadoras/es em formação percebam o impacto de suas ações no processo de ensinar-e-aprender das/os alunas/os e na dinâmica da sala de aula e da vida. A reflexão é o momento de autoavaliação e revisão das estratégias pedagógicas utilizadas, vital para o aprimoramento constante da prática docente. A partir dessa análise, as/os participantes da pesquisa conseguem identificar os pontos fortes e as áreas que precisam de ajustes, promovendo um ciclo contínuo de melhoria e adaptação. Assim, a reflexão é a base para a evolução da prática pedagógica e para a vida humana, permitindo que a/o educadora/or se torne cada vez mais competente e crítica em suas intervenções no contexto escolar e no que se refere aos desafios da vida.

Portanto, as quatro fases da Pesquisa-ação, segundo Tripp, – Exploratória, Planejamento, Ação e Reflexão – são fundamentais no contexto do curso técnico de Magistério, uma vez que propiciam um processo de formação integral, que vai desde o conhecimento teórico até a prática crítica e reflexiva. As Tertúlias Literárias Dialógicas, aplicadas nesse ciclo, tornam-se uma ferramenta poderosa para a construção de saberes significativos e para o desenvolvimento de uma prática pedagógica transformadora.

Figura 1: Representação em quatro fases do ciclo básico da investigação-ação



Fonte: TRIPP, D. (2005). Pesquisa-ação é uma introdução metodológica (p. 446). Educação e pesquisa, v. 31, n. 3, p. 443-466

A Pesquisa-ação, conforme abordada por Tripp, é uma metodologia que se caracteriza pela interação entre prática e reflexão, com o objetivo de promover mudanças significativas no contexto educacional. No curso Técnico de Magistério, a aplicação dessa metodologia por meio das Tertúlias Literárias Dialógicas se dá em quatro fases fundamentais, que são justificadas pela necessidade de um processo contínuo de envolvimento, planejamento, ação e reflexão para a formação de educadores críticos e preparados para transformar a realidade escolar, conforme descrito no cronograma a seguir.

Quadro 2: cronograma das Tertúlias Literárias Dialógicas

FASES	PERÍODOS	PRÁTICAS	PROPÓSITOS
Fase 1	Junho e Julho de 2024.	Aproximação com a turma.	Conhecer a turma.
Fase 2	Julho de 2024.	Planejamento.	Planejar e estruturar das 8 TLD.
Fase 3	Agosto e setembro de 2024.	Ação.	Tertúlias Literárias Dialógicas.
Fase 4	Outubro de 2024.	Avaliação.	Avaliação das TLD.

Fonte: Elaboração da própria autora (2024)

Em conformidade com as etapas do cronograma, as Tertúlias Literárias Dialógicas (TLD) são cuidadosamente estruturadas para garantir uma formação integral, efetiva e reflexiva no curso técnico de magistério. Acerca disso, cada fase tem um

propósito específico, que se conecta diretamente à formação das/os futuras/os educadoras/es e ao desenvolvimento das habilidades necessárias para o desvelamento e para a prática docente. A seguir, justificam-se as etapas e os objetivos de cada fase do processo de exploração da pesquisa.

Na primeira fase do estudo, que aconteceu entre os meses de junho e julho do ano de 2024, na EEB General Pinto Sombra, localizada na cidade de Lages/SC, no período noturno, no curso do técnico em Magistério, o principal objetivo foi a aproximação com a turma do técnico de magistério. Diante disso, empreendeu-se a ação de conhecer o perfil das/os alunas/os, seus sonhos, objetivos e seus interesses, qual a sua visão de mundo e em qual mundo elas vivem, sendo que inclusive esse foi o nome da primeira dinâmica realizada com a turma “Qual o meu mundo e em qual mundo eu vivo”. Essa fase inicial da caminhada coletiva foi substancial para tecer uma relação de confiança entre as/os educadoras/es em formação, criando um ambiente de respeito mútuo, empatia e compaixão. A partir das interações em sala de aula, que foram realizadas por intermédio de rodas de conversa e dinâmicas, as/os futuras/os professoras/es conseguem compreender melhor o contexto em que irão atuar, identificando as expectativas e os desafios que serão enfrentados nas próximas fases. Esse conhecimento prévio é essencial para garantir que as ações pedagógicas sejam eficazes e adaptadas à realidade da turma.

A segunda fase (julho de 2024) foi dedicada ao planejamento das oito Tertúlias Literárias Dialógicas (TLD). Durante esse período, foi realizado o planejamento de oito sessões de Tertúlias de acordo com a aprendizagem dialógica, considerando as especificidades do grupo e os objetivos pedagógicos da pesquisa. Dessa maneira, evidencia-se que o planejamento cuidadoso é essencial para que as TLD se tornem espaços de reflexão profunda e de troca de saberes. As/os alunas/os precisam realizar a leitura conforme combinado com antecedência, garantindo que cada encontro seja significativo para as pessoas envolvidas. Essa fase é marcada pelo aprofundamento de teorias pedagógicas e práticas literárias, preparando o terreno para a ação efetiva nas fases seguintes.

A terceira fase (agosto e setembro de 2024) representa a ação propriamente dita, com a realização das Tertúlias Literárias Dialógicas. Esse é o momento em que o planejamento é colocado em prática, permitindo que as pessoas vivenciem a dinâmica das TLD. Para isso, foram promovidos debates e discussões literárias baseados na leitura da obra “*A hora da estrela*”, de Clarice Lispector. Portanto, as Tertúlias têm o

propósito de fomentar, principalmente, o pensamento crítico e reflexivo, a escuta ativa e a construção coletiva de saberes. Além do que elas proporcionam às pessoas envolvidas uma experiência real de mediação de leitura e de construção de conhecimento em grupo. Sobre isso, destaca-se que é possível refletir e analisar a estrutura social em que, especificamente, o corpo feminino está inserido. Essa fase é essencial, uma vez que permite a avaliação das estratégias de ensino adotadas, além de possibilitar que as/os educadoras/es em formação não só ajustem suas abordagens pedagógicas conforme necessário, mas que repensem a lógica estrutural social.

Por fim, a quarta fase (outubro de 2024) foi voltada para a avaliação das Tertúlias Literárias Dialógicas realizadas ao longo do processo. Nesse momento, foi realizada a reflexão sobre os resultados alcançados e analisadas as experiências vividas nas Tertúlias. Consequentemente, a avaliação permite verificar o impacto das ações pedagógicas sobre e com a vida das alunas do curso técnico do magistério, identificando aspectos positivos e áreas que necessitam de aprimoramento. Essa fase é crucial para o desenvolvimento contínuo das pessoas, pois oferece a oportunidade de autoavaliação e ajustes nas práticas pedagógicas, contribuindo para a formação de educadoras/es críticas/os e aptas/os a promover a aprendizagem significativa no ambiente escolar e também no cotidiano da vida real.

Dessa forma, as quatro fases do cronograma das TLD no curso técnico de magistério foram estruturadas para proporcionar um processo pedagógico completo, vivo e que fizesse sentido na realidade das mulheres da periferia da cidade de Lages/SC, que vai desde o conhecimento da turma até a reflexão sobre as práticas adotadas. Através de um planejamento cuidadoso, da ação prática e da avaliação contínua, o curso técnico prepara as/os futuras/os educadoras/es para enfrentar os desafios da profissão, com habilidades críticas, reflexivas e criativas.

REVISÃO DE LITERATURA

A atual análise da literatura foi realizada com uma delimitação temporal específica, conduzida de forma sequencial, conforme demonstra o quadro 3, o qual apresenta a progressão detalhada e organizada das etapas investigativas realizadas.

Quadro 3 – Levantamento de trabalhos de pesquisas em todas as áreas do conhecimento.

DESCRIÇÃO DA ETAPA 1	BASE DE DADOS	DESCRIPTORES UTILIZADOS	TRABALHOS DE PESQUISAS ENCONTRADOS	FILTROS UTILIZADOS	Nº DE PRODUÇÕES SELECIONADAS
Levantamento de trabalhos de pesquisa.	CAPE (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)	"ato de ler" + "Magistério"	00		
		"Tertúlia Literária Dialógica" + "magistério"	00	Nenhum	
		Tertúlia literária dialógicas	49 PESQUISAS	Resultados expandidos, acesso aberto, tipo de recurso: artigo, dissertação e tese, ano de criação entre 2019 a 2024, idioma Português	8 trabalhos
	BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações)	"ato de ler" + "magistério"	16 PESQUISAS	Tipo de documento: dissertações; idioma: Português; ano de defesa: 2019 a 2023	04 trabalhos
		"tertúlia literária dialógica" + "magistério"	00		
	SciELO Scientific Electronic Library	"ato de ler" + "magistério"	00		
		"ato de ler"	21		
		"ato de ler" + "Magistério"	07	Período de 2019 a 2023; ordenar por relevância; pesquisar páginas em português; qualquer tipo, idioma Português	07 trabalhos
		"ato de ler" + "Magistério" + "tertúlias literárias dialógicas"	07	Período de 2019 a 2023; ordenar por relevância; pesquisar páginas em português; qualquer tipo, idioma Português	Idem ao item anterior.

Fonte: Elaboração da autora (2024)

A presente revisão de literatura reúne pesquisas científicas que exploram o Ato de ler como um impulsionador de conhecimentos que exerce influência significativa na aprendizagem das estudantes, considerando a diversidade presente no ambiente

educacional e na sociedade contemporânea. Nesta seção, serão abordados temas como a prática de leitura por meio das Tertúlias Literárias Dialógicas no Magistério, no contexto escolar, com ênfase na formação integral das alunas. O propósito é estabelecer uma base potente para um ensino dialético, capaz de interferir na formação de pessoas críticas que moldam o coletivo em que estão inseridas e, assim, superar os desafios ainda existentes em um projeto de sociedade desigual. Isso será alcançado por meio de uma abordagem educacional que prioriza a qualidade e a inclusão, fomentando uma reflexão crítica sobre os temas essenciais que permeiam a educação contemporânea.

A partir do *site* de indexação de Periódicos da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), a busca foi realizada no dia 09/07/2024. Com os descritores "o ato de ler" + "Magistério" obteve-se zero resultados e também com os descritores "Tertúlia Literária Dialógica" + "magistério" não foi encontrado nenhum resultado. Após isso, foi realizada uma nova busca com o seguinte descritor: "tertúlia literária dialógica", a partir da qual foram encontradas 49 pesquisas, entre elas artigos, dissertações e teses. Em seguida foram utilizados os seguintes filtros: Resultados expandidos, acesso aberto; tipo de recurso: artigo, dissertação e tese, ano de criação entre 2019 a 2024 e idioma Português. Nessa busca, foram encontradas oito pesquisas. Dessa pesquisa não foram selecionados oito trabalhos em virtude do título.

Já na busca realizada no site da BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações), com os descritores "ato de ler" + "magistério", no dia 10/17/2024, foram encontrados 16 resultados. Após isso, foi realizada a mesma busca com o seguinte filtro: Tipo de documento: dissertações; idioma: Português; ano de defesa: 2019 a 2023. Essa ação modificou o resultado, ou seja, foram encontradas quatro dissertações. Quando foi buscado com outro descritor "tertúlia literária dialógica" + "magistério" não foi encontrado nenhum registro.

Posteriormente, no dia 10/07/2024, no site do *Scielo*, foi realizada nova busca com as palavras-chaves, "ato de ler" + "magistério", na qual não foi obtido nenhum resultado. Com o descritor "Ato de ler" também não foi encontrado nenhum resultado. Observou-se na busca realizada que alguns trabalhos, apesar de indicados nas plataformas, não estavam disponíveis. Além disso, alguns textos apareciam repetidos nos *sites* procurados, sendo que destes, nenhum foi selecionado para a leitura.

De modo geral, os estudos abordam a integração do Ato de ler por meio das Tertúlias Literárias Dialógicas e Literatura no curso de Magistério, visando possibilitar e estimular a leitura crítica de mundo, promover a discussão e a reflexão sobre obras

literárias entre as/os estudantes. Essas pesquisas buscam desenvolver habilidades de análise, interpretação e expressão, além de criar um ambiente colaborativo, que incentiva o diálogo e o pensamento crítico em torno da literatura. Essas práticas também visam ampliar o repertório cultural das/das educandas/educandos, incentivando o gosto pela leitura e contribuindo para o desenvolvimento de competências linguísticas e sociais.

Nesse percurso, observou-se que apareceram poucas pesquisas voltadas para a temática das Tertúlias Literárias Dialógicas, no período dos últimos 05 anos, nas bases de dados pesquisadas. Entretanto, foi encontrada uma quantidade satisfatória de pesquisas sobre o Ato de Ler em todas as etapas da Educação Básica.

CAPÍTULO 1 – “MARIA, MARIA”¹⁶: COMO AS MULHERES SÃO LIDAS PELA ÓTICA SOCIAL

*"Mas é preciso ter força, é preciso ter raça
É preciso ter gana, sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria, mistura a dor e a alegria."
(Milton Nascimento¹⁷, 1978)*

O Ato de ler vai além da simples decodificação de palavras ou frases escritas em uma folha. Ler é um ato de compreensão crítica e reflexiva do mundo, no qual a/o leitora/or não apenas absorve informações, mas também as interpreta, questiona e reconstrói seu significado dentro de um contexto social, histórico e cultural. De acordo com Britto (2012, p. 19)

Pode-se dizer, nessa direção, que a leitura tem a ver, mais que com decifração, com escolhas. E este parece ser, por outros e tortuosos caminhos, o sentido subjacente ao bastante difundido mote de que é o leitor quem dá sentido ao texto: seriam suas escolhas e projeções o cerne da significação ou significações que emergiriam no ato leitor.

¹⁶ Canção composta por Milton Nascimento e Fernando Brant, lançada no álbum Clube da Esquina 2, de 1978, a música tematiza a respeito das lutas e sobre a força da mulher brasileira, principalmente da mulher negra brasileira.

¹⁷ Milton Nascimento (1942) é um cantor e compositor brasileiro, um dos maiores nomes da Música Popular Brasileira.

Em um mundo cada vez mais digitalizado, a atenção, muitas vezes, é dividida entre telas brilhantes e notificações incessantes. Por diversos motivos, a desigualdade social faz com que o incentivo à leitura seja quase inexistente e, nesse contexto, o ato de ler destaca-se como uma prática essencial para as pessoas, capaz de cultivar não apenas o amor pela leitura, mas também uma série de habilidades e valores fundamentais que são inerentes ao mundo em que estamos inseridos e o mais importante, possibilitar uma cosmovisão de seu próprio mundo.

Ler com estudantes, em uma escola pública, não se trata apenas de folhear páginas ou decifrar palavras impressas, é uma jornada conjunta rumo à descoberta, à compreensão e à reflexão de um mundo acelerado, desigual e, muitas vezes, violento com essas pessoas. É uma oportunidade para explorar mundos além dos limites físicos, mergulhar em histórias que desafiam, emocionam e inspiram. Nessa perspectiva, Brandão discorre sobre a educação da seguinte maneira:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, a sós, com os outros, em silêncio diante de um livro, ou entre falas de alguém, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos momentos de nossas vidas com a educação. (Brandão, 2020, p. 25)

Nesse contexto, a leitura torna-se muito mais do que uma atividade solitária, ela se transforma em um ato de conexão, no qual adolescentes e adultos compartilham experiências, ideias e perspectivas e, por conseguinte, é uma janela para transformar a própria realidade. É durante esses momentos compartilhados que surgem conversas profundas e significativas, em que temas complexos são discutidos, questionados e compreendidos por meio da literatura.

Ao ler coletivamente, não apenas proporcionamos entretenimento, mas também cultivamos habilidades essenciais para a vida. As capacidades de analisar, interpretar e sintetizar informações se fortalecem a cada página virada. O pensamento crítico é estimulado, assim como a imaginação e a criatividade, que florescem em meio às narrativas e personagens que habitam as páginas dos livros. Além disso, com o ato de ler temos a oportunidade de promover valores como empatia, tolerância e compaixão. À medida que se envolve com os desafios e triunfos dos personagens, somos convidados a nos colocar no lugar do outro, a entender suas motivações e a aprender com suas

jornadas. Assim, não se pode subestimar o poder transformador da leitura na vida das pessoas. Para Britto (2012, p. 23):

É bastante razoável considerar que esse uso da palavra *leitura* se faz por relação metafórica, com o sentido aproximado de “encontrar significação pessoal em algo com base nas suas observações e vivências”. Nessa perspectiva, seria semelhante à conhecida expressão de Paulo Freire *leitura de mundo*, que em muitas instâncias pedagógicas e de promoção de leitura tem sido usada como exemplo “criativa”, “verdadeira”.

O autor ainda complementa destacando e dando ênfase no que se refere ao valor profundo do Ato de ler, em uma perspectiva de desvelamento para a ampliação e entendimento do ser na sociedade contemporânea

A leitura não é uma prática superior a outras formas de inteligência, interpretação e projeção do mundo. Ler a mão, ler o jogo, ler o mundo, ler um quadro, ler um filme são ações culturais e intelectivas diferentes de ler o texto, com maiores ou menores aproximações. De fato, ao pôr-se como sujeito do mundo, a pessoa, na busca da compreensão dos fatos, realiza múltiplas ações, quase sempre de modo articulado. Ler é uma delas. (Britto, 2012, p. 28)

Ao colocar-se para o mundo e como parte dele, a pessoa realiza uma diversidade de ações articuladas na busca pela compreensão dos fatos e contextos do seu próprio mundo. A leitura, entretanto, é uma dessas ações, mas não a única, nem necessariamente a mais importante. Ela se integra a um conjunto de práticas intelectuais e culturais que contribuem para a formação de uma visão ampla e multifacetada do conhecimento e da experiência humana. Dessa maneira, amplia-se o conceito de leitura além da simples decodificação de palavras, incentivando uma compreensão mais inclusiva e diversificada das formas pelas quais os indivíduos interagem com o mundo ao seu redor e constroem significados através dessas interações.

Sob esse viés, Paulo Freire, em sua teoria educacional, utiliza o conceito de "leitura de mundo" para descrever esse processo de compreensão crítica e reflexiva do ambiente social, cultural e político em que vivemos. Nessa perspectiva, ler o mundo não é apenas uma habilidade técnica, mas uma atividade intelectual e emocional que envolve a interpretação dos sinais e símbolos presentes na realidade, assim como se interpreta um texto escrito. E o autor ainda complementa, no que se refere ao ser professora/or: “Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino.” (Freire, 1996, p. 47).

Quando Freire afirma que sem a curiosidade ele não aprenderia nem ensinaria, ele está destacando a dinâmica interdependente entre ensinar e aprender. A/o professora/o precisa estar em um processo de constante descoberta e de autocrítica, para que a sua prática educativa seja, de fato, significativa. A curiosidade que move a/o educadora/o a/o insere em um ciclo de aprendizado contínuo, o que a/o torna mais capaz de orientar suas alunas/os não apenas com conhecimento, mas também com uma postura de abertura e flexibilidade para novas possibilidades. Para Brandão, o que ensina ou educa não poderia ser pensado como professora/or, porque o ser humano é a reunião de um mundo em si e isso é grandioso. (Brandão, 2020, p. 20)

Essa ideia de "leitura de mundo" de Freire pode ser aplicada de maneira metafórica em diversas situações educacionais e na promoção da leitura como uma prática criativa e autêntica. Isso implica não apenas absorver informações de forma passiva, mas também questionar, interpretar e reconstruir o conhecimento com base nas próprias vivências e na interação crítica com o contexto ao nosso redor.

Assim, essa interpretação ampliada do conceito de leitura, inspirada na "leitura de mundo" de Freire, enfatiza a importância de uma educação que não apenas ensine habilidades técnicas de leitura, mas também promova o pensamento crítico, a criatividade e a compreensão profunda das complexidades do mundo contemporâneo. Manuel Antônio de Castro (2015, p. 111):

Ler, em sentido poético, é sempre questionar-se, mas cujo caminho de leitura nos expõe e exige decisões de sentido de nosso viver. Nesse momento, aparece a diferença entre a experiência e a experiencição da leitura, pois está não apenas nos informa algo, mas nos põe em questão. E isso é compreendermo-nos.

A leitura é um ato que vai além do entendimento das palavras, e quando se pensa no Ato de ler realizado dentro do ambiente escolar, este não é esgotado ou finalizado quando palavras são registradas, por exemplo, em um papel ou se lê em um livro. Em outras palavras, são a linguagem e os signos criados pelo ser humano para facilitar a comunicação e a realidade, seja ela concreta ou abstrata, que se prendem dinamicamente, como uma teia entrelaçando a leitora/or entre leitura e os desafios do dia a dia, proporcionando uma interpretação de tudo que está a sua volta.

A importância do Ato de ler se dá por meio da linguagem capaz de decodificar no texto tudo que é captado pelos nossos sentidos, um sistema de signos do qual nos valem para representar o existente e o imaginário e que encontra na língua a principal forma de comunicação e expressão do ser humano. Segundo dados do Inep, a respeito do que as/os alunas/os sabem e podem fazer na leitura, de acordo com os resultados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), do ano de 2022:

Cerca de 50% dos estudantes no Brasil atingiram o Nível 2 ou superior em leitura (média da OCDE: 74%). No mínimo, esses estudantes conseguem identificar a ideia principal em um texto de tamanho moderado, encontrar informações com base em critérios explícitos, embora às vezes complexos, e conseguem refletir sobre o propósito e a forma dos textos quando explicitamente orientados a fazê-lo. A parcela de estudantes de 15 anos que atingiram níveis mínimos de proficiência em leitura (Nível 2 ou superior) variou de 89% em Cingapura a 8% no Camboja. No Brasil, 2% dos estudantes ¹⁸ pontuaram no Nível 5 ou superior em leitura (média da OCDE: 7%). Esses estudantes ¹⁹ podem compreender textos longos, lidar com conceitos abstratos ou contra intuitivos e estabelecer distinções entre fato e opinião, com base em dicas implícitas relativas ao conteúdo ou à fonte da informação.

Nessa direção, as alunas do curso de Magistério, na maioria são mulheres que logo serão professoras, porém, muitas delas, afirmam que não gostam de ler. O fato de não gostar de ler significa que essas mulheres acabam se distanciando, separando-se de uma visão crítica do mundo e isso poderá ser reverberado de uma maneira negativa na prática docente. Tem-se um projeto de uma educação bancária, apolítica e doutrinadora, que é para se adaptar a um status quo planejado a muitas mãos durante a história da humanidade, pois a liberdade de pensamento e de escolhas foi negada. Como afirma Freire (1987, p. 24):

Raro, porém, é o que manifesta explicitamente este receio da liberdade. Sua tendência é, antes, camuflá-lo, num jogo manhoso, ainda que, às vezes, inconsciente. Jogo artificioso de palavras em que aparece ou pretende aparecer como o que defende a liberdade e não como o que a teme.

Isso ocorre quando se constrói uma sociedade com um projeto falido, que perpetua o ciclo de desigualdades, principalmente quando se refere às minorias. Nesse sentido, as educandas curso técnico do Magistério se enquadram nesse perfil, pois tratam-se de mulheres pobres e periféricas, que na sua maioria não tiveram a

¹⁸ Na próxima etapa da pesquisa serão buscados os dados do desenvolvimento da leitura das/dos estudantes e também das mulheres em formação docente.

¹⁹

oportunidade de estudar quando jovens, ou que já passaram dos 30 anos, ou são mulheres que não puderam acessar o curso superior e a única possibilidade foi o curso de Magistério. Sendo assim,

A manipulação aparece como uma necessidade imperiosa das elites dominadoras, com o fim de, através dela, conseguir um tipo inautêntico de “organização”, com que evite o seu contrário, que é a verdadeira organização das massas populares emersas e emergindo (Freire, 1987, p. 145)

O mesmo autor ainda complementa que o grande desafio habita na criação de uma pedagogia libertadora. Por outro lado, a elite dominadora perpetua a estrutura social já existente para manter-se no poder, mesmo as/os oprimidas/os sendo análogas/os com o dualismo de terem uma parcela de opressor dentro de si, a manipulação das classes dominantes insiste em esculpir uma falsa camada aparente de ordenamento que serve apenas aos interesses das elites. Dessa maneira,

O grande problema está em como os oprimidos, que “hospedam” o opressor em si, participam da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. Enquanto viver a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com opressor, é impossível fazê-lo. A pedagogia do oprimido, que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para esta descoberta crítica – a dos oprimidos por si mesmos e a dos opressores pelos oprimidos, como manifestação da desumanização. (Freire, 1987, p. 32)

Para as/os oprimidas/os, as argolas da opressão, sejam elas: a desigualdade social, a falta de igualdade de gênero, a misoginia, o sexismo, a fome, as faltas de políticas públicas equitativas, dentre tantos outros presentes em nosso corpo social, só serão quebradas quando as/os próprias/os oprimidas/os se derem conta da duplicidade a que são forçadamente expostas/os, como ressaltado na citação acima, e que as lógicas do patriarcado e de poder estão presentes em todos os âmbitos do mundo.

Ainda para Freire (1987), a pedagogia da libertação não poderá ser compulsória pelos opressores, tal emancipação deverá fluir da/o própria/o oprimida/o, pois essa prática é integrada a elas/es de maneira substancial, internamente, integralmente e que acabam por externalizar a própria linguagem da/do opressora/o. Nas palavras da poetiza *Ryane Leão*:

*Se toda história importa
E se só podemos mudar
Aquilo que nomeamos
Então seremos obras*

*Com título, início, meio
E sem fim*

A partir das palavras de Ryane Leão, pensemos como serão abordadas questões que discorrem a respeito da desigualdade de gênero nos espaços sociais, bem como de que maneira os corpos femininos leem e são lidos no mundo por meio de uma perspectiva freiriana e como isso tratará da relação da mulher com o Ato de ler, de uma maneira não rígida e padronizada. Além disso, é preciso refletir também sobre como o mundo absorve e devolve essa ação, pois vive-se em um mundo em que os corpos femininos sempre foram invisibilizados, diminuídos e proibidos de ser. Assim, como diz o provérbio africano “*Até que os leões inventem suas próprias histórias, os caçadores serão sempre os heróis das narrativas de caça.*”²⁰

A questão sobre a desigualdade de gênero elaborada na canção de Milton Nascimento e regravada por diversos artistas brasileiros, inclusive Elis Regina, reflete como a figura feminina esteve e ainda está colocada no corpo social. Afinal, a música é símbolo do feminismo, pois retrata uma personagem representativa de tantas “Marias” brasileiras que são mulheres das periferias e que são colocadas em um lugar de abnegação de sua própria vida. A música relata a vida de Maria, uma mulher forte, aguerrida, destemida e que carrega consigo muita dor e alegria. Reitera-se a resistência, a capacidade de superação e a mistura de sentimentos que caracterizam a experiência feminina, reconhecendo e valorizando a complexidade e a força das mulheres na sociedade não só contemporânea, mas sim ao longo da história da humanidade.

Contudo, as minorias sempre estiveram à margem da sociedade, os grupos sociais foram sendo levados, invisibilizados e marginalizados ao longo do tempo (negros, operários, miseráveis, desempregados, mulheres, homossexuais, pessoas com deficiências). Assim como afirma Bertold Brecht (1898 – 1956)²¹:

Primeiro levaram os negros
Mas não me importei com isso
Eu não era negro
Em seguida levaram alguns operários
Mas não me importei com isso

²⁰ Provérbio africano retirado do livro *A confissão da leoa* (2012) p. 9. Do escritor africano Mia Couto.

²¹ Bertolt Brecht (1898-1956) foi um dramaturgo, romancista e poeta alemão, criador do teatro épico anti-aristotélico. Sua obra fugia dos interesses da elite dominante, visava esclarecer as questões sociais da época.

Eu também não era operário
 Depois prenderam os miseráveis
 Mas não me importei com isso
 Porque eu não sou miserável
 Depois agarraram uns desempregados
 Mas como tenho meu emprego
 Também não me importei
 Agora estão me levando
 Mas já é tarde.
 Como eu não me importei com ninguém
 Ninguém se importa comigo.

A ausência de empatia retratada no poema de Bertold Brecht demonstra a inanição de um projeto de sociedade instituído e fomentado por opressores que não se importam com as minorias. O discurso constante das remoções dos diferentes grupos sociais - negros, operários, miseráveis, desempregados, transparece uma complacência individual enquanto as/os outras/os são marginalizados. A história da relação da mulher com o trabalho é um relato de lutas, avanços e desafios ao longo dos séculos. Tradicionalmente relegadas aos papéis de cuidadoras e administradoras do lar, as mulheres enfrentam restrições significativas para participar do mercado de trabalho remunerado. Durante grande parte da história, seu trabalho foi frequentemente invisibilizado e desvalorizado, com poucas oportunidades de educação formal ou ascensão profissional.

Na contemporaneidade, não há como justificar a figura da mulher como sendo frágil e incapaz. Entretanto, visualiza-se que, desde os primórdios, a figura feminina foi hostilizada, diminuída, silenciada e segregada de diversos espaços sociais, educacionais e políticos, sempre com a desculpa de que era inferior ao homem. Aristóteles, ao escrever “A Política” (2014), disse que a mulher é naturalmente submissa ao homem. Em História dos Animais, por sua vez, ele aponta:

Portanto, as mulheres são mais compassivas e prontas a chorar, mais invejosas e mais sentimentais e mais contenciosas. A fêmea também está mais sujeita à depressão do espírito e ao desespero do que os homens. Ela é também mais desavergonhada e falsa, mais prontamente enganada, e mais atenta às injúrias, mais ociosa e, em geral, menos excitável que o macho. Pelo contrário, o macho está mais disposto a ajudar e, como já foi dito, mais valente do que a fêmea (Aristóteles, 2014, p. 75).

Todavia, a figura da mulher foi o personagem de narrativas escritas por homens, o domínio masculino sobre o corpo feminino sempre esteja e ainda se faz presente, o que desencadeou a limitação ao acesso a diversos direitos das mulheres, sendo que a educação foi um deles, uma vez que as mulheres eram vistas como

propriedade e também como objetos do patriarcado, sendo negado o acesso a esses espaços, consequentemente naturalizando a sua invisibilidade.

Contudo, durante grande parte da história a maioria das mulheres não sabia ler justamente pela falta de espaço e acesso ao conhecimento. Virginia Woolf (2017, p. 67) exemplificou tal fato quando escreveu: “ela pouco conseguia ler, mal conseguia soletrar e era propriedade do marido”. Pierre Bourdieu acrescenta ao pensamento de Virginia Woolf ao abordar a divisão social do trabalho:

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão sexual do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos sexos, de seu local seu momento, seus instrumentos: é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres: ou, no próprio lar, entre a parte masculina, como o salão, e a parte feminina como estábulo, a água e os vegetais: é a estrutura do tempo, as atividades do dia, o ano agrário, ou ciclo da vida, com momento de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação femininos. (Bourdieu, 2020, p. 24)

No entanto, ao longo dos tempos, as mulheres têm resistido e se mobilizado por direitos iguais e possibilidades de ter sua independência financeira. De acordo com o Censo Escolar de 2023, meninas e mulheres representam 49,4% (23,4 milhões) das matrículas da educação básica no Brasil. Conforme reitera Maria Inês de Freitas de Amorim (2023, p. 76):

No Brasil, o acesso de mulheres ao letramento pode ser considerado tardio e excludente, pois as opções eram poucas e só atendiam as famílias ricas: os conventos, onde meninas eram encaminhadas para aguardarem pelo casamento; escolas particulares nas casas de professoras ou a contratação de tutores particulares que iam às casas das alunas. Também é importante destacar que a escravidão roubou o direito de milhares de meninas e mulheres as letras. Apenas em 1827, houve a autorização de escolas públicas femininas.

Durante as revoluções industriais, por exemplo, muitas mulheres ingressaram nas fábricas em condições, muitas vezes, desumanas, mas isso também marcou um momento de visibilidade crescente de seu papel na produção econômica. No século XX, as lutas feministas e os movimentos pelos direitos civis contribuíram significativamente para a expansão das oportunidades de trabalho para as mulheres, bem como para a conquista de direitos trabalhistas básicos, como a igualdade salarial e a proteção contra a discriminação.

Hoje, no mundo contemporâneo, embora os desafios persistem, como disparidades salariais e o equilíbrio entre trabalho e vida pessoal, na maioria das vezes

as mulheres enfrentam diversas jornadas de trabalho. Mesmo assim, as mulheres continuam a conquistar novos espaços em campos antes dominados somente por homens e a redefinir os padrões de liderança e sucesso profissional. A história da relação da mulher com o trabalho é, portanto, uma narrativa de resistência, superação de barreiras e contribuição essencial para o progresso econômico e social global. De acordo com bell hooks²² (2019, p. 79):

As mulheres são o grupo mais vitimado pela opressão sexista. Tal como outras formas de opressão de grupo, o sexismo é perpetuado por estruturas sociais e institucionais; por indivíduos que dominam, exploram ou oprimem; e pelas próprias vítimas, educadas socialmente para agir em cumplicidade com o *status quo*. A ideologia supremacista masculina encoraja a mulher a não enxergar nenhum valor em si mesma, a acreditar que ela só adquire algum valor por intermédio dos homens.

A autora estadunidense bell hooks discorre a respeito do sexismo sofrido pelas mulheres, quando afirma que elas são oprimidas de diversas maneiras por meio do sistema que perpetua tais opressões. Isso inclui não apenas indivíduos que promovem domínio, exploração ou opressão sobre as mulheres, mas sim todas as pessoas que são colocadas como vítimas a aceitar tal conjuntura. Essa concepção hegemônica masculina ensina as mulheres a não reconhecerem o seu próprio valor. Entretanto, ressalta-se uma dinâmica na qual as mulheres são obrigadas a internalizar sua própria inferioridade e a submeter-se a normas patriarcais que limitam sua liberdade e seu potencial.

Diante disso, o próximo capítulo, como um suspiro que se desprende da rigidez do tempo, abrirá portas para as questões inerentes às Tertúlias Literárias Dialógicas, nas quais o pensamento, como um rio, se escapa da lógica de um único mundo possível – um mundo moldado e pensado para homens – e se lança na vastidão do plural, do diverso, do que ainda não foi dito, mas ecoa no coração das participantes que estão em formação inicial no curso técnico de Magistério, que, ao se encontrarem, transformam o futuro com suas palavras.

²² bell hooks é um pseudônimo de Gloria Jean Watkins grafado em letras minúsculas como um posicionamento político da autora, que objetiva atenção à sua obra e não a sua pessoa.

CAPÍTULO 2 – “PALAVRAS REPETIDAS”²³: TERTULIANDO E DESCOLONIZANDO PALAVRAS

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (Bakhtin, 1995, p. 123)

Esse capítulo trata da articulação das Tertúlias Literárias Dialógicas decoloniais com a linguagem e como essa maneira de ler o mundo partilhando palavras pode ter uma ação transformadora na vida das participantes. Assim como para Brandão (2020, p. 21):

Quando uma professora diante de seus vinte e seis estudantes abre o livro e lê o poema, o conto ou o teorema, um pequeno milagre acontece. Um fragmento de “cultura adormecida”, ou mesmo “morta”, segundo alguns, volta ao círculo social da vida. Acende-se, ou é de novo acesa! O poema é ouvido e sentido; o conto é dialogado; o teorema é de novo ensinado-e-aprendido. E apenas por causa de tudo isso nós somos, educadores, também senhores da arte. Somos artistas não menos do que outras pessoas, entre poetisas, cantoras ou pintores. Somos artesãos da palavra e artífices do saber. E como a nossa “obra de arte” não se pendura na parede, não se toca em orquestra e apenas raramente vira um livro com imagens, mas habita o secreto lugar sagrado das mentes e dos imaginários das pessoas, nós não somos menos do que “artistas dos invisíveis”.

A literatura não é um fato contemporâneo. Antes mesmo das inscrições rupestres, ela já estava presente em sua forma vocal. É fácil imaginar o ser humano, nos primórdios, ainda na era das cavernas, ao fim do dia, ao redor do fogo, narrando suas façanhas de caçadora/or. Provavelmente, naquela época a/o que tivesse a melhor estratégia narrativa acabava por alcançar vantagens competitivas naquela civilização incipiente. É plausível pensar que, pela prevalência do mais forte, somos descendentes de uma linhagem de trogloditas contadoras/es de histórias. As linhagens sem aptidões narrativas certamente pereceram ao longo do tempo. Nesse sentido, complementa Brandão a respeito da existência da educação:

A educação pode existir livre e, entre todas, pode ser uma das experiências que as pessoas criam para tornar comum algo como o saber, como uma ideia,

²³ A canção foi escrita e interpretada (2005) pelo rapper Gabriel O Pensador.

como um sentido de vida, como algum significado de mundo, como arte, ou como crença. Enfim, como uma essencial propriedade daquilo que é comunitário como um bem, como o trabalho, ou a própria vida. (Brandão, 2020, p. 45)

Para tanto, o/a professor/a, ao trabalhar com a leitura, deve estar ciente de que estará possibilitando a ampliação de uma vida, pois ao entrar em contato com materiais de leitura o vocabulário será enriquecido favorecendo a aquisição de novas ideias e visões de mundo. Dessa forma, é possível contribuir para uma melhor elaboração textual, pois pretende-se, através do incentivo e das atividades de leitura, trabalhar de maneira diferenciada e significativa com essas estudantes, proporcionando a consciência crítica sobre a relevância da leitura na vida das pessoas como forma de adquirir uma independência de opinião frente às leituras que tragam conhecimento, informação ou entretenimento. O processo que envolve o Ato de ler por meio das Tertúlias Literárias Dialógicas é constituído perpassando o processo de ensino e aprendizagem, emergindo o objetivo de compreensão de texto para interpretar e transformar a maneira como essas mulheres do Magistério interagem na e com a vida.

Dessa forma, ressalta-se que o Ato de Ler contribui para a estabilização e o desenvolvimento de uma língua, como patrimônio coletivo social e para uma sociedade mais justa e igualitária. Acerca disso, tem-se que:

Refiro-me a que a leitura de mundo se trata de leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura de mundo, mas que por certa forma de ‘descrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (Freire, 1984a, p. 22).

Diante desse contexto, ressalta-se a importância das Tertúlias Literárias Dialógicas enquanto encontros, rodas de conversa ou reuniões, que são chamadas de sessões, organizadas com a intenção de problematizar, isto é, provocar temas do cotidiano por meio da literatura clássica universal de maneira participativa e colaborativa. A principal característica das TLD é o foco no diálogo entre as/os participantes. Ao contrário de uma palestra ou apresentação unidirecional, na qual um indivíduo domina a discussão, nas TLD todos os presentes têm a oportunidade de contribuir, expressar suas opiniões, interpretar textos literários e trocar pontos de vista de maneira aberta e respeitosa. Sendo assim, o quadro 4 a seguir sintetiza a história das TLD:

Quadro 4: História das TLD

Período	Características	Exemplos de prática
Década de 80	<p>Início do desenvolvimento das tertúlias literária dialógicas por crítico de educadoras e educadores de pessoas adultas e de participantes da Verneda Sant-Marti²⁴</p> <p>Abordagem centrada no diálogo horizontal entre participantes.</p>	Implementação inicial em contextos educacionais, focando em alfabetização.
Década de 90	<p>Expansão e adaptação das tertúlias para diferentes áreas do conhecimento.</p> <p>Reconhecimento internacional como método eficaz de aprendizagem colaborativa.</p>	<p>Inclusão de temas literários, científicos e sociais nas discussões.</p> <p>Aplicação em programas de educação não formal e movimentos comunitários.</p>
2000 a 2010	<p>Consolidação das tertúlias dialógicas como prática pedagógica e social.</p> <p>Impacto na promoção da igualdade e inclusão através do diálogo e reflexão crítica.</p>	
2002	A TLD chegou no Brasil, na cidade de São Carlos/SP, no NIASE (UFSCAR).	
Atualidade	Continuidade e adaptação das Tertúlias Dialógicas em ambientes presenciais e digitais.	São reconhecidas e realizadas em diversos contextos.

Fonte: adaptação com base no artigo: Tertúlia Literária Dialógica: compartilhando histórias de autoria de Ramón Flecha e Roseli Rodrigues de Mello (2005)

Como é possível observar, as TLD são guiadas de maneira organizada, sendo que todas/os têm espaço para participar igualmente, conforme sua vontade. Os tópicos e proposições percorridos podem diversificar-se amplamente, desde a análise de obras clássicas até a discussão de tendências contemporâneas na literatura. Na presente pesquisa, isso dependerá do que surgir no primeiro contato, pois as discussões das TLD permitem uma reflexão profunda e enriquecedora sobre os textos e suas diferentes interpretações de mundo. Nesse aspecto, Guedes *et al.* (2022) apontam que:

²⁴ É um bairro da cidade de Barcelona.

Em relação ao seu funcionamento, as tertúlias dialógicas ocorrem em encontros semanais em torno de duas horas a partir dos princípios da Aprendizagem Dialógica. Há a escolha conjunta e consensual sobre a obra a ser lida, um clássico da literatura, artes ou musical, tendo em vista a validade dos argumentos e a condução da pessoa moderadora, que se configura como sendo uma pessoa a mais no grupo, responsável por organizar as inscrições de fala, levando-se em consideração a frequência das falas, sempre priorizando a fala para as pessoas que falam menos e vivem processos de exclusão social.

A leitura literária realizada em sala de aula permite-nos refletir sobre o mundo à nossa volta. Desse modo, as TLD podem ser realizadas a partir de textos que façam sentido para as participantes, sendo que, dentre eles, podem ser surgidos letras de músicas, poesia e até mesmo a literatura brasileira, de modo a confrontar questões acerca do cotidiano, abrir nossos horizontes, ampliar os conhecimentos, possibilitar novas compressões a partir de uma visão freiriana de mundo e possibilitar a criatividade e criticidade dos estudantes. Afinal, o desafio da contemporaneidade é proporcionar um ensino significativo aos jovens, que, muitas vezes, não conseguem internalizar os conteúdos propostos. Assim, por meio da prática do Ato de Ler é possível promover um movimento de quebra de barreiras. Em aproximação a isso:

Sabe-se, pelas pesquisas recentes, que é durante a interação que o leitor mais inexperiente compreende o texto: não é durante a leitura silenciosa, nem durante a leitura em voz alta, mas durante a conversa sobre aspectos relevantes do texto. Muitos aspectos que o aluno sequer percebeu ficam salientes na conversa, muitos pontos que ficaram obscuros são iluminados na construção conjunta da compreensão. Não é, contudo, qualquer conversa que serve de suporte temporário para compreender o texto. (Kleiman, 2008, p. 24)

Além de promover a compreensão mais profunda dos textos lidos e da multiplicidade de corpos, as Tertúlias Literárias Dialógicas também proporcionam um espaço para a construção de comunidades de leitoras/es, nas quais o amor pelo Ato de ler pode ser compartilhado e celebrado coletivamente, possibilitando uma reflexão ativa e crítica da sua própria realidade. Esses encontros não apenas enriquecem a experiência de cada participante da leitura coletiva, mas também fortalecem os laços sociais e culturais entre as/os participantes, incentivando um ambiente de aprendizado mútuo e de descoberta intelectual. Nesse contexto, o próximo capítulo promoverá diálogos que abarcam a aproximação inicial ao curso de magistério com o movimento do Ato de ler por meio das Tertúlias Literárias Dialógicas.

As Tertúlias Literárias Dialógicas denominam uma abordagem metodológica criada por Ramón Flecha, que integra a leitura e as pessoas, proporcionando uma

colaboração estreita entre pesquisadores e participantes. Tal metodologia prima por questionar estruturas sociais, desigualdades de gênero, racismo e todos os desafios que podem estar presentes na vida humana. Além disso, essa metodologia busca transcender a dicotomia entre teoria e prática, promovendo uma abordagem reflexiva, participativa e dialógica, ao envolver as/os participantes diretamente no processo de pesquisa por meio do Ato de ler. Em síntese,

A Tertúlia Literária Dialógica é uma atividade cultural educativa desenvolvida em torno da leitura de livros da Literatura Clássica Universal. Destinada a pessoas sem formação universitária, foi criada há vinte e cinco anos, na escola de educação de pessoas adultas da verneda de sant-martí, em Barcelona/Espanha, por educadores e educadoras progressistas, em conjunto com participantes da escola, homens e mulheres que estavam iniciando ou retomando sua escolaridade. (Flecha; Mello, 2013, p. 1)

Evidencia-se, portanto, que a Tertúlia Literária Dialógica visa não apenas compreender um fenômeno, mas também implementar mudanças concretas e significativas na vida das/os envolvidas/os. A coleta de dados é realizada de maneira interativa, permitindo ajustes contínuos com base nos desafios emergentes. Essa abordagem dinâmica e colaborativa torna a pesquisa uma ferramenta valiosa em diversos contextos, proporcionando uma compreensão mais profunda e prática dos problemas investigados.

Ademais, essa estrutura metodológica busca assegurar a correta representação da comunidade escolar, estimulando uma pesquisa abrangente e holística que incorpora as vozes e perspectivas de todos os participantes. Isso suscitará uma análise mais aprofundada das visões, compreensões e vivências ligadas ao Ato de ler no contexto do Magistério. Para tanto, a Tertúlia Literária Dialógica é dividida nas seguintes fases:

1. **Fase do Diálogo igualitário:** Todas as opiniões são consideradas com igual respeito, e ninguém tem o direito de impor sua própria ideia sobre os outros. Essa fase corresponde ao primeiro objetivo da pesquisa, que consistiu em convidar as alunas/os do curso de Magistério da Escola de Educação Básica General Pinto Sombra a participar de um grupo mais próximo à pesquisadora. O objetivo principal era diagnosticar como as/os estudantes do Magistério percebiam e vivenciavam a leitura. A coleta de dados foi realizada por meio da primeira TLD, em que com todas/os estudantes do curso de Magistério da referida escola puderam participar.
2. **Inteligência cultural:** Com base nos dados coletados, por meio das conversas promovidas com as pessoas que fazem parte da pesquisa, essa fase envolveu a

definição, em conjunto com as/os alunas/os das leituras a serem realizadas. O foco dessa ação foi o diálogo sobre as situações que envolvem os desafios diários das pessoas que moram em bairros periféricos, como o racismo, a prostituição, o machismo e a desigualdade social, dentre outros tópicos que surgiram na primeira conversa.

3. **Transformação:** Nessa fase da Tertúlia Literária Dialógica inicia-se a transformação, ou pode-se dizer o desvelamento, quando as/os participantes mergulham em um processo dinâmico de intercâmbio de ideias e perspectivas. É um momento de metamorfose intelectual, no qual as palavras se tornam veículos de mudança e evolução. Aqui, as opiniões são desafiadas, os conceitos são questionados e novas visões de mundo são exploradas. Cada intervenção contribui para a criação de um espaço de transformação mútua, em que as mentes se expandem e os horizontes se ampliam. É um momento de sincronia entre pensamentos diversos, convergindo para um objetivo comum: o enriquecimento pessoal e coletivo através do diálogo literário.
4. **Aprendizagem instrumental:** Nesse momento da Tertúlia Literária Dialógica as/os participantes envolvem-se em um processo de aprendizado ativo e pragmático. No momento em questão, os textos escolhidos servem como uma ferramenta essencial para desenvolver o processo de compartilhamento de visões, opiniões e pontos de vista. Os diálogos são promovidos para a aplicação prática do conteúdo literário em diversos contextos, sejam eles educacionais, profissionais ou pessoais. Cada interação é uma oportunidade para explorar como as lições extraídas dos textos escolhidos podem ser utilizadas de forma estratégica e eficaz. É um momento de reflexão conjunta e crítica aliado à busca por desvelamento do seu lugar no mundo.
5. **Criação de sentido:** Nessa fase os participantes mergulham em uma jornada profundamente pessoal e coletiva de interpretação e significado. Aqui, a ênfase recai sobre a conexão emocional e a construção de significados individuais a partir das obras discutidas. As narrativas literárias se tornam um espelho das experiências e valores de cada participante, e as conversas são impulsionadas pela busca compartilhada de sentido e identidade. É um momento de revelações pessoais e comunhão intelectual, quando cada contribuição acrescenta camadas de compreensão e enriquece a vivência de todas/os as/os envolvidas/os. A criação de sentido não é apenas um processo intelectual, mas também um ato de

autodescoberta e conexão humana, que amplia os horizontes da compreensão e da empatia.

6. **Solidariedade:** Ao longo dessa etapa da TLD as/os participantes se enredam em um ambiente de apoio mútuo e compreensão empática. Nessa etapa, a solidariedade é o fio condutor que une as diversas vozes em um diálogo enriquecedor e coadjuvante. As pessoas participantes partilham não apenas suas interpretações dos textos escolhidos, mas também suas vivências, dores, sonhos, objetivos e tudo que o diálogo instituído permitir.
7. **Igualdade de diferença:** Nessa fase da TLD as/os participantes se reúnem em um ambiente que celebra a diversidade de perspectivas e vivências. Aqui, a igualdade é reconhecida na valorização das diferenças individuais, cada voz contribuindo de maneira única para a construção coletiva de significado. As divergências são vistas como oportunidades de enriquecimento mútuo, e a escuta ativa é fundamental para garantir que todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas. Nessa fase, a literatura funciona como um ponto de encontro em que as diferenças são não apenas toleradas, mas celebradas, criando um espaço inclusivo, no qual a criação de sentido é enriquecida pela multiplicidade de pontos de vista. (Flecha; Mello, p. 30)

Por sua vez, a análise dos dados qualitativos foi conduzida por meio de codificação/decodificação temática. Essa abordagem envolve a identificação de temas geradores, que emergem dos diálogos propostos com os participantes. Dentre os possíveis temas geradores que poderiam surgir durante as dinâmicas das Tertúlias literárias dialógicas estão: patriarcado, racismo, exploração sexual, pobreza, desigualdade de gênero e o ato de ler, entre outros e conforme o que as/os estudantes do Magistério apontassem. A esse respeito tem-se que:

Os temas geradores podem ser localizados em círculos egocêntricos, que partem do mais geral ao mais particular. Temas de caráter universal, contidos na unidade épocas mais amplas, que abarca toda uma gama de unidades e subunidades, continentais, regionais, nacionais, etc., diversificadas entre si. Como tema fundamental desta unidade mais ampla, que poderemos chamar “nossa época”, se encontra, a nosso ver, o da libertação, que indica o seu contrário, o tema da dominação. (Freire, 1987, p. 95)

Recorrendo à seleção de temas significativos para as/os estudantes, a tematização procura estabelecer um diálogo horizontal entre educadoras/es,

educandas/os e todas/os as pessoas envolvidas na pesquisa, propiciando a investigação colaborativa de questões sociais relevantes. Ao centrar-se nos interesses e experiências das/dos alunas/os, essa abordagem pedagógica visa promover uma compreensão de diversas camadas dos desafios enfrentados pela comunidade escolar, incentivando a participação ativa das/os alunas/os na busca por soluções e na transformação de suas próprias realidades a partir do olhar crítico de suas próprias vivências. A tematização, assim, se destaca como um recurso importante para uma educação que não apenas transmite conhecimento, isto é, uma educação bancária, mas sim que estimula a consciência crítica e a ação transformadora na vida das pessoas para além dos muros da escola. “A investigação da temática, repitamos, envolve a investigação do próprio pensar do povo. Pensar que não se dá fora dos homens, nem num homem só, nem no vazio, mas nos homens, e sempre referindo à realidade” (Freire, 1987, p. 101).

Nessa etapa, os temas geradores identificados estão de acordo com os objetivos específicos da pesquisa, que visam compreender as percepções das/os estudantes do curso de Magistério por meio das Tertúlias Literárias Dialógicas, com os temas construídos juntamente com as/os estudantes. De modo detalhado, os objetivos específicos são: perceber como e se o ato de ler contribui para uma leitura crítica do mundo entre as participantes da pesquisa; propor tertúlias literárias dialógicas que valorizam o ato de ler como possibilidade de leitura crítica do mundo; analisar as ações propostas em conjunto com as/os estudantes.

Os temas geradores também estão em consonância com o objetivo geral da pesquisa, que é compreender o ato de ler no curso de Magistério no Ensino Médio e propor estratégias que possibilitem desvelar o pensamento crítico na vida das/os estudantes. Para Freire (1987, p. 94)

Neste caso, os temas se encontram encobertos pelas “situações-limites”, que se apresentam aos homens como se fossem determinantes históricos, esmagadoras, em face das quais não lhes cabe outra alternativa senão adaptar-se. Desta forma, os homens não chegam a transcender as “situações-limites” e a descobrir ou a divisar, mais além delas e em relação com elas, o “inédito viável”.

O autor ainda complementa sobre a investigação dos temas geradores e sua metodologia que, ao proporcionar uma compreensão profunda das questões intrínsecas que moldam a vida das/os sujeitas/os, possibilita não apenas o diagnóstico crítico, mas também a ação transformadora na realidade dessas pessoas. Essa abordagem metodológica não se limita à observação superficial, mas envolve um processo de

diálogo e reflexão que ensina as pessoas a identificar as estruturas de opressão e a lutar por mudanças significativas em suas comunidades e sociedades.

Este é um esforço que cabe realizar, não apenas na metodologia da investigação temática que advogamos, mas, também, na educação problematizadora que defendemos. O esforço de propor aos indivíduos dimensões significativas de sua realidade, cuja análise crítica lhes possibilite reconhecer a interação de suas partes. (Freire, 1987, p. 96)

Com isso, a problematização oferece a possibilidade de interação entre as pessoas participantes e que as/os alunas/os se envolvam dinamicamente no processo de análise crítica e reflexiva sobre as condições de vida das/dos estudantes, tendo como principal objetivo o desvelamento, reconhecimento e transformação de sua própria realidade. Ao promover a análise demasiada dos temas geradores que afetam suas vidas, essa metodologia não apenas encoraja a conscientização sobre as estruturas de opressão e injustiças sociais presentes no passado e na contemporaneidade, mas também habilita as/os pessoas a se tornarem agentes de mudança. Essa abordagem vai além da simples percepção dos problemas cotidianos, ela fomenta um compromisso ativo na busca por soluções que promovam uma sociedade mais justa, equitativa e igualitária, na qual todas/os tenham voz e oportunidades para contribuir e prosperar.

2.1 “*TODO CAMBIA*²⁵”: A METAMORFOSE DA LITERATURA CLÁSSICA UNIVERSAL

A literatura clássica universal configura-se dentro de um macro conceito amplo e multifacetado, que engloba as obras e produções literárias capazes de transcender fronteiras culturais, temporais e geográficas. Diante desse aspecto ela é caracterizada por sua potencialidade de comunicar experiências humanas universais, sejam elas de amor, dor, busca por sentido ou questionamentos sobre a existência. No decorrer da história, as/os grandes autoras/es de diversas civilizações, com suas distintas línguas e contextos, contribuíram para a formação de um patrimônio literário coletivo, que vai além das particularidades de uma época ou nação. No cerne da arte das palavras, a

²⁵ Mercedes Sosa foi uma cantora argentina de muita referência no Brasil. Nasceu o 9 de julho de 1935, logo após o início da primeira ditadura militar argentina (1930), em Tucumán. Era filha de Dona Ema, lavadora de roupas, e de Ernesto, trabalhador da “cana”. Cresceu em uma família humilde, junto com três irmãos. Na família era chamada Marta, entre os amigos e músicos era conhecida como “La Negra”, e o público colocou-lhe o nome de “A voz latino-americana”. Disponível em: <https://museudapessoa.org/historia-de-vida/mercedes-sosa/>

literatura universal é aquela que, ao explorar a complexidade da condição humana, estabelece um diálogo atemporal e intercultural, permitindo que leitoras/es de qualquer parte do mundo se reconheçam nas suas páginas. Nesse sentido,

Parece importante, contudo, para evitar uma compreensão errônea do que estou afirmando, sublinhar que a minha crítica à magicização da palavra não significa, de maneira alguma, uma posição pouco responsável de minha parte com relação à necessidade que temos, educadores e educandos, de ler, sempre seriamente, os clássicos neste ou naquele campo do saber, de nos adentrarmos nos textos, de criar uma disciplina intelectual, sem a qual inviabilizamos a nossa prática enquanto professores e estudantes (Freire, 2000, p. 18).

Uma das prevaletentes particularidades da literatura universal é sua aptidão de refletir acerca de temas e questões que são comuns a todos os seres humanos. Obras clássicas indagam a luta das pessoas contra as forças sociais, políticas e pessoais, abordando dilemas éticos, existenciais e universais. Além disso, a literatura universal é atravessada por sua diversidade estilística e formal. Cumpre informar que esses temas não se limitam ao contexto específico de uma cultura ou período histórico, mas encontram ressonância em divergentes partes do mundo e em diferentes momentos. A luta pelo poder, a dúvida existencial, a busca pela justiça, e o confronto entre o bem e o mal são questões que continuam a inquietar os grupos humanos ao longo do tempo, o que torna essas obras relevantes em qualquer tempo e espaço.

Em cada período e lugar, as/os escritoras/es conceberam suas próprias formas de expressão literária, mas muitas dessas formas, ao longo do tempo, influenciaram e dialogaram umas com as outras. Por exemplo, a tragédia grega influenciou o teatro renascentista de Shakespeare, que, por sua vez, moldou as produções literárias modernas. Essa troca e interação de estilos, técnicas e influências contribui para a construção de uma literatura universalmente rica e plural. Assim, embora as obras da literatura universal venham de origens diferentes, elas possuem uma qualidade comum: são capazes de estabelecer pontes entre culturas, permitindo que a experiência de uma geração seja compartilhada com a próxima. Perrone-Moisés (2016, p. 65) conceitua as obras clássicas como aquelas cujo juiz é o tempo:

O grande juiz da obra literária é o tempo. Se uma obra continua a suscitar novas leituras, não é porque ela contém valores essenciais, mas porque ela corresponde a indagações humanas de longa duração, concernentes à vida e à morte, ao amor e ao ódio, à paz e à guerra, e porque essas indagações estão nela formuladas numa linguagem cuja eficácia significativa é reconhecida por leitores de sucessivas épocas. É esse reconhecimento que faz um clássico [...].

Sob esse viés, os clássicos da literatura concedem valiosos aprendizados culturais e estimulam tanto o autoconhecimento quanto à compreensão da/o outra/o. Além disso, são essenciais para a construção de um entendimento profundo sobre o mundo, abrindo novas perspectivas a cada leitura. Isso funciona como um amplo campo de informações, no qual, a cada vez que se lê, novas facetas são reveladas. Nesse aspecto, para o romancista Ítalo Calvino (1993, p. 11):

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes) [...] um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos entre si [...] são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer... se revelam novos, inesperados, inéditos.

Dessa maneira, a literatura universal não é apenas um conjunto de obras de valor estético ou histórico; ela tem uma função social e educativa importante. Ao oferecer uma visão mais ampla e diversa do mundo, ela possibilita a conscientização das pessoas para a construção de um mundo mais compreensivo. A leitura das grandes obras literárias amplifica a compreensão sobre outras culturas e épocas, além de ressoar na reflexão sobre a condição humana em suas diferentes expressões. Com isso, a literatura universal molda-se como um aparato potente para a construção de uma consciência global e para a promoção do entendimento mútuo entre os seres humanos. A literatura universal é aquela que, ao atravessar fronteiras temporais, geográficas e culturais, torna-se um patrimônio compartilhado pela humanidade. Acerca disso,

Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos. [...] os clássicos não são lidos por dever ou por respeito, mas só por amor. Exceto na escola: a escola deve fazer com que você conheça bem ou mal um certo número de clássicos dentre os quais (ou em relação aos quais) você poderá depois reconhecer os seus clássicos. A escola é obrigada a dar-lhe instrumentos para efetuar uma opção: mas as escolhas que contam são aquelas que ocorrem fora e depois de cada escola. (Calvino, 1993, p. 12).

Ao versar temas universais e ao ser traduzida e reinterpretada em diferentes contextos, a literatura cria uma rede de experiências que enriquecem nossa compreensão do mundo e de nós mesmos. Por mais diversas que sejam as origens e os estilos das obras que a compõem, a literatura universal tem um poder singular: o de conectar os seres humanos, independentemente de sua origem, por meio da beleza, da reflexão e da imaginação. Sobre isso, tem-se a visão de Candido (1995, p. 249):

Entendo aqui por Humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade.

A partir disso, a ideia de literatura universal carrega consigo uma promessa fascinante que certas obras e autoras/es transcendem os limites do tempo, do espaço e da cultura, estabelecendo um patrimônio comum à humanidade. Dessa forma, para o autor, a literatura tem esse papel de humanizar as pessoas, com o complemento de que

A produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como um todo articulado. Este é o primeiro nível humanizador, ao contrário do que geralmente se pensa. A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo. (Candido, 1995, p. 246)

No entanto, ao nos debruçarmos sobre esse conceito, surge uma série de questionamentos que nos levam a refletir sobre o que realmente significa ser "universal" no campo da literatura. Afinal, será que o conceito de "universalidade", que permeia as grandes obras literárias não é, na verdade, uma construção marcada por uma visão eurocêntrica, patriarcal e, muitas vezes, excludente?

Em primeiro lugar, vale destacar que o termo "universal", em relação à literatura, frequentemente se associa às obras que são consideradas essenciais, atemporais e que possuem um apelo global, independentemente da cultura em que foram criadas. Obras como *Dom Quixote*, *A Odisseia*, *Cem Anos de Solidão*, *Macbeth*, entre outras, são frequentemente exaltadas como símbolos desse universo literário comum, que supostamente "fala" com todas as pessoas, em todos os lugares e em todas as épocas. Contudo, se analisarmos mais profundamente, podemos questionar se essas obras realmente conseguem comunicar a experiência humana de forma "universal" ou se elas, de fato, excluem vozes e perspectivas diversas.

Um dos principais julgamentos a esse conceito de "universalidade" está no que concerne, de fato, de que ela tende a dar lugar a experiência de um determinado grupo, ou melhor, de um determinado tipo de pessoa. Predominantemente, parte da literatura considerada "universal" advém de uma tradição literária ocidental, muitas vezes branca, masculina e de classes sociais privilegiadas. A literatura grega clássica, as grandes obras do Renascimento, o romance moderno europeu e norte-americano são celebrados como representantes do "universal", quando, na verdade, estampam em grande parte as preocupações e os valores de uma elite social e cultural. Nesse sentido, a experiência

dos povos colonizados, das mulheres, dos negros, das minorias e das culturas não ocidentais frequentemente aparece marginalizada ou afastada desse cânone.

Ademais, o que se entende por "universalidade" em termos literários está profundamente enraizado em um sistema de valores que, historicamente, abdicaram as culturas não ocidentais a condição de "exótico" ou "outro", que diversas vezes marginalizou, segregou e afastou as minorias. Ao longo dos séculos, a literatura de muitas sociedades africanas, asiáticas ou indígenas, nesse molde, foi sistematicamente silenciada ou desvalorizada, enquanto os valores e a estética literária europeia eram considerados o que havia de mais nobre e puro. Por este motivo, a construção da ideia de uma literatura universal, muitas vezes, ignora essa exclusão e, em vez de promover um diálogo verídico e intercultural, reforça uma hierarquia cultural que marginaliza as vozes que não se enquadram aos padrões eurocêntricos.

Além da perspectiva cultural, a universalidade da literatura também está, muitas vezes, em questão quando consideramos a diversidade de experiências humanas. Afinal, o que é considerado universal para uma pessoa pode não ser para outra. Questiona-se, nesse sentido, o que uma obra literária de uma/a autora europeia/eu do século XIX tem a oferecer a uma/um leitora/or contemporâneo? Todavia, neste sentido existam proposições universais como a morte, o amor, a ambição ou a busca por sentido, a forma como esses temas são tratados pode variar profundamente de acordo com o contexto histórico, social e cultural de cada escritora/or e leitora/or. Assim, o que é considerado universal, em última instância, é uma interpretação de um grupo privilegiado sobre o que deveria ser lido, entendido e valorizado.

No caso da pesquisa proposta neste trabalho, foram realizadas Tertúlias Literárias Dialógicas numa perspectiva decolonial, saindo da ortodoxia e partindo da concepção da educação popular. Sobre isso, Oliveira e Lucini (2021, p. 105) “A colonialidade do saber significa o condicionamento do ser na perspectiva de que não há outros epistemes, ou seja, é a impossibilidade de ver o episteme, a filosofia e a ciência além do modo universal. Em linhas gerais, é o controle da subjetividade e do conhecimento”.

Além disso, a própria noção de "literatura" está em constante mudança e evolução, uma vez que a palavra é viva, que a humanidade se transforma, a arte da palavra não poderia ser diferente. O que é julgado um clássico hoje já foi, no passado, diversas vezes, uma obra contraditória àquele tempo social e político, contestadora ou mesmo rejeitada pela sociedade da época. A literatura clássica universal, entretanto, não

pode ser considerada apenas um reflexo de uma verdade universal sobre a condição humana, mas sim uma construção social que reflete as dinâmicas de poder, as escolhas editoriais e as ideologias dominantes de determinado período histórico.

Para tanto, interpelar a padronização da universalidade da literatura não significa rejeitar o valor das obras consagradas, mas sim problematizar o processo pelo qual essas obras foram selecionadas, ou seja, quem as selecionou, para quem foram selecionadas e com qual intuito, porque a literatura, ao longo da história humana, foi elitizada para que uma pequena parcela da humanidade acessasse. Ainda assim, é preciso reconhecer que outras experiências, vozes e estéticas também têm o direito de ocupar o mesmo espaço. Sendo assim, a literatura de culturas africanas, latino-americanas, asiáticas, de povos indígenas e das minorias deve ser reconhecida não apenas como "outra" literatura, mas como parte integrante de um panorama literário verdadeiramente universal, plural e inclusivo.

CAPÍTULO 3 – “TEMPOS EFÊMEROS”²⁶: O MAGISTÉRIO E AS TERTÚLIAS, RELATOS INICIAIS

O capítulo a seguir tem como foco a análise da relação entre o curso técnico do Magistério da EEB General Pinto Sombra por meio das Tertúlias Literárias Dialógicas, com ênfase nos relatos de experiências e no desvelamento da vida das estudantes. Através dessa abordagem, buscou-se entender como as tertúlias, enquanto espaços de diálogo e reflexão sobre o mundo e por meio da literatura universal, conectam-se à formação humana e docente de futuras/os educadoras/es, possibilitando uma leitura crítica e reflexiva de mundo no contexto da formação técnica e inicial do Magistério. Para contextualizar essa relação, será apresentada uma breve história do curso Técnico de Magistério no Brasil, destacando sua evolução, seus objetivos e os desafios enfrentados ao longo do tempo pelo corpo feminino. A partir dessa perspectiva histórica, procuraremos iluminar o papel da formação docente na construção de práticas literárias que, ao mesmo tempo, formam e transformam o pensamento das/os pessoas.

3.1 “MAIS UM TIJOLO NA PAREDE”²⁷: ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA JOSÉ PINTO SOMBRA

A Escola de Educação Básica José Pinto Sombra, localizada no bairro Guarujá em Lages/SC, teve seu início como escola isolada Estadual pelo decreto n° 590, de 09 de abril de 1958. Foi transformada em grupo escolar General José Pinto Sombra pelo decreto n.º 8757, de 16 de janeiro de 1970. Posteriormente, em 1976, passa a denominar-se escola básica General José Pinto Sombra, prestando, dessa forma, uma homenagem ao General José Pinto Sombra, que na época era superintendente da campanha nacional de alimentação escolar. Na ocasião, acabou presenteando a escola com uma geladeira, sendo que em virtude desse presente a unidade escolar leva seu nome.

²⁶ Laura Conceição é Mc e poeta, nascida na Zona da Mata Mineira. Criou o projeto Poesia na Escola, tendo realizado mais de 50 visitas a colégios da região e é fundadora do coletivo de poesia. Duas. Em 2019 lançou seu primeiro CD de rap, Tempos efêmeros.

²⁷ *Another Brick In The Wall* – Pink Floyd (tradução livre da autora)

Imagem 08: Localização EEB Gen. Pinto Sombra na cidade de Lages/SC



Fonte: *Google maps* (2024)

Sequencialmente, em 23 de Março de 1987, pela portaria n.º 155/80 E7 foi criado o segundo grau, oferecendo o curso técnico de contabilidade e passando a denominação para Colégio Estadual General José Pinto Sombra. Em 28 de março de 2000, por meio da portaria n.º 017, foi alterada a sua identificação para a Escola de Educação Básica General José Pinto Sombra.

Imagem 10: Vista aérea da EEB Gen. Pinto Sombra na cidade de Lages/SC



Fonte: *Google maps* (2024)

Os 1017 alunos que frequentavam a educação básica no ano letivo de 2021 estavam divididos em três períodos nos seguintes horários: matutino das 8 horas às 12 horas, vespertino das 13h30 às 17h30, e noturno das 18h30 horas às 22h00, distribuídos

nos níveis de ensino fundamental, médio e magistério da Educação Básica, atendendo as comunidades escolares dos bairros Guarujá, Vila Mariza, Jardim Panorâmico, Tributo, Gethal, Cristal, Dom Daniel e São Sebastião. Os estudantes participam de atividades relacionadas à comunidade, nas parcerias da escola com associação de moradores, polícia comunitária, capela Nossa Senhora da Saúde e outras instituições educacionais.

As salas de aulas são compostas por carteiras e cadeiras individuais para os estudantes, mesa para o/a professor/a regente, quadro de giz, salas amplas e bem arejadas e ainda não dispõem de tecnologias e aparatos tecnológicos. O processo educacional deve estar centrado na aprendizagem produtiva e qualitativa do conhecimento para a vida, envolvendo, de forma articulada: professor, escola, aluno e currículo, sendo determinante para o êxito do sucesso escolar. Dessa maneira, avaliação é diagnóstica, contínua e processual, ou seja, preocupa-se com a aprendizagem, propondo retomadas pedagógicas para a efetiva apropriação do conhecimento.

Já em relação à infraestrutura, a escola dispõe de: 23 salas de aula, sendo que uma delas possui 02 sanitários, 01 sala de professores com 02 sanitários, 01 sala para direção e assessores, 01 sala para administração escolar, 01 sala para secretaria, 01 sala para assistentes técnico pedagógicos, 01 banheiro para os servidores, 01 sala de recursos pedagógicos, 01 depósito, 01 sala para orientação escolar, 01 sala para atendimento aos alunos com necessidades educacionais especiais, 01 salão de eventos com 01 sanitário, 01 cozinha com depósito, 01 cozinha para as/os professoras/es e funcionárias/os, 01 sala de apoio pedagógico destinada ao Curso de Magistério, 11 sanitários, 01 área coberta com mesas de refeitório, 01 sanitário adequado a portadores de necessidades especiais, 01 sala de leitura, 01 sala para laboratório de informática, 01 arena multiuso, 01 sala de arte e 01 sala multifuncional, 01 estacionamento para servidores, 01 portão de acesso de estudantes.

Ademais, a escola tem como objetivo principal cumprir com a função social da escola: “Promover o pleno desenvolvimento do educando” (Constituição Brasileira 1988 e LDB- lei 9394/96), tornando a escola o espaço no qual se deve possibilitar às crianças e aos jovens a apropriação da cultura e dos saberes historicamente acumulados, bem como sua atuação sobre eles. Da mesma forma, procura-se desenvolver uma prática de ensino aprendizagem realmente significativa, que possibilite ao educando não só sua aprovação, mas sua postura na vida.

Nessa direção, a escola tem como objetivo proporcionar um processo de aprendizagem no qual professores e alunos participem e se apropriem do conhecimento de forma criativa e dinâmica, tendo como base o diálogo e a troca de experiências. Além disso, busca-se democratizar o conhecimento, propiciando aos seus agentes transformadores, ou seja, professores e alunos, o compartilhamento de seus saberes, oportunizando a contínua construção do conhecimento, bem como direcionar a atuação pedagógica no contexto do aprendiz e buscar, em regime de colaboração, formas de tornar a aprendizagem mais significativa e crítica.

Ainda, a Escola de Educação Básica General José Pinto Sombra tem por finalidade promover:

- I- O respeito, a dignidade e às liberdades fundamentais do homem;
- II- A compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana e do cidadão, do Estado, da família e dos demais membros que compõem a comunidade;
- III- A condenação de qualquer tratamento desigual por motivo de convicção religiosa, política, bem como qualquer preconceito de classe, raça, gênero, credo, idade e quaisquer outras formas de discriminação;
- IV- A preservação e expansão do patrimônio cultural (PPP, s/d)

3.2 “*PEQUENA MEMÓRIA PARA UM TEMPO SEM MEMÓRIA*”²⁸: HISTÓRIA DO CURSO DE MAGISTÉRIO NA EEB GENERAL PINTO SOMBRA

A extinção do curso técnico de Magistério no Brasil foi uma mudança significativa no cenário educacional, que ocorreu com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei n.º 9.394, em 1996. A LDB reformulou diversas práticas educacionais no país, e uma das suas diretrizes foi a reestruturação da formação de professoras/es, priorizando a formação superior para o exercício da docência, especialmente para a educação básica brasileira. Dessa maneira, o ensino técnico de magistério, que antes capacitava educadores para a atuação no ensino infantil e fundamental, foi progressivamente desvalorizado, sendo substituído por uma maior ênfase nas licenciaturas. Isso visava uma qualificação mais robusta das/dos profissionais, mas também gerou um debate sobre a formação inicial e as condições de trabalho das/dos professores.

O contexto político e social brasileiro em 2016, com o golpe de estado que resultou no impeachment da presidenta Dilma Rousseff, trouxe novos desafios e reconfigurações para a educação no país. A destituição de Dilma, acusada sem provas

²⁸ Canção escrita por Luiz Gonzaga e seu filho Gonzaguinha.

de crimes fiscais, foi acompanhada de uma série de reformas que impactaram diretamente a área educacional do nosso país. O golpe não apenas alterou o rumo do governo federal, mas também gerou um ambiente de retrocessos nas políticas públicas, incluindo a educação. Durante o governo Temer, a reforma educacional passou a ser mais focada na flexibilização e privatização, refletindo um movimento que minimizou a importância da formação pedagógica integral. Esse período gerou uma reflexão crítica sobre o futuro da educação no Brasil, especialmente com o enfraquecimento das políticas voltadas à educação básica e à formação docente.

É importante reconhecer que, embora a reintrodução do curso técnico de magistério tenha suas vantagens, a formação superior continua sendo um pilar fundamental para o desenvolvimento de uma educação de qualidade no Brasil. O Estado tem o dever de garantir que as/os profissionais da educação possuam a formação necessária para enfrentar os desafios pedagógicos de um sistema educacional em constante evolução. A formação superior proporciona às/aos futuras/os docentes uma visão crítica e teórica, permitindo que compreendam as diversas dimensões do processo educativo e desenvolvam competências tanto para o ensino quanto para a pesquisa e inovação na área. Nesse aspecto, a LDB, ao priorizar a educação superior para a docência, está alinhada à ideia de que as/os professoras/es devem ser preparadas/os para não apenas aplicar técnicas de ensino, mas também para transformar a prática pedagógica e contribuir para a melhoria contínua da educação no país.

Contudo, é imprescindível que o Estado brasileiro promova políticas públicas que garantam o acesso à educação superior de qualidade, especialmente para as/os profissionais da educação. A formação superior do magistério não pode ser uma opção restrita ou dificultada, mas sim uma obrigação do Estado, assegurando que todas/os as/os professoras, independentemente da sua origem ou contexto social, tenham as mesmas oportunidades de qualificação. Essa responsabilidade envolve a criação de mecanismos que permitam a democratização do acesso ao ensino superior e a valorização da/o profissional da educação, reconhecendo sua importância estratégica para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Assim, é através da formação superior do magistério que se pode garantir não apenas a qualificação técnica das/os professoras/es, mas também a qualidade da educação oferecida aos estudantes, contribuindo para um futuro mais promissor para o Brasil.

Nesse contexto, em 2017, com a promulgação da Lei n.º 13.415, um novo cenário se desenhou, permitindo a reintrodução da formação de professores em nível

técnico. Essa emenda à LDB restaurou a possibilidade de cursos técnicos de magistério, principalmente para a educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. Essa mudança foi vista como uma tentativa de adaptar a formação docente às necessidades emergentes do sistema educacional brasileiro, buscando suprir lacunas no quadro de profissionais qualificados, além de oferecer uma nova alternativa para quem desejava ingressar na carreira docente de forma mais rápida e com uma formação prática. A volta do curso técnico de magistério, portanto, se alinha a um movimento de resgatar a formação inicial mais direta e objetiva para a docência, enquanto tenta conciliar a qualidade educacional com as exigências do mercado de trabalho.

Durante conversas informais, a professora Márcia M. M. Ortiz²⁹ relata que o Magistério da EEB General Pinto Sombra nasceu do seu desejo de contribuir na formação docente da comunidade do bairro Guarujá e bairros vizinhos. Na época da sua criação, observando o contexto social da escola, era possível saber do potencial não só das/os estudantes, como também do que a instituição poderia oferecer para a formação docente.

Segundo a professora Márcia M. M. Ortiz, muitos estudantes da escola trabalhavam enquanto estagiárias nos CEIMs, outras buscavam outra escola para cursar o magistério. Diante disso, e a partir do desejo de contribuir com a educação, a professora Márcia M. M. Ortiz dialogou com os gestores escolares da época e juntos buscaram implantar o curso na unidade escolar. O processo foi longo, permeado por muitas conversas, documentação, listas de interessados, além das questões burocráticas que atravessaram essa conquista.

A gestora da unidade escolar, na época Cleusa Straobel, hoje Diretora de Ensino da Coordenadoria Regional de Educação de Lages – 7ª CRE e seus assessores na mesma época, o professor Roselino Costa e a professora Vânia Steffen, bem como o professor e supervisor escolar à época, Mário Henrique Rodrigues, atual integrador de ensino da CRE Lages, a professora Rita de Cássia Nunes Ataíde (professora de Biologia), atual assessora do Cedup Renato Ramos, a professora Vera Lúcia Maschio (professora de História) e hoje assessora da Escola Pinto Sombra, foram pessoas imprescindíveis para essa conquista.

Devido à grande procura, fez-se um processo seletivo em 2019, que oportunizou abrir duas turmas, com cerca de 30 estudantes cada. Dois anos depois, mesmo no período da pandemia da Covid-19, as primeiras estudantes eram certificadas.

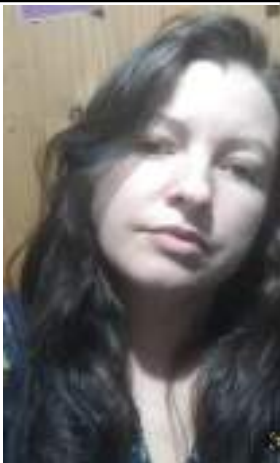
²⁹ Professora efetiva da EEB Gen. Pinto Sombra é idealizadora do curso técnico de Magistério.

O curso se mantém, ainda que com um número reduzido de estudantes, sendo que muitas das formadas já cursaram a graduação e atuam em sala de aula, tanto em escolas públicas como também em escolas particulares da região da Amures.

O curso prima por aliar prática e teoria, promove aulas diversificadas, passeios de estudo e estágios orientados e supervisionados. Assim, tem como principal objetivo contribuir para uma formação docente sólida, na qual se compreenda as pessoas de forma integral e inclusiva. Fomenta-se também a necessidade de uma formação continuada e comprometida. Entre os pilares do curso do Magistério, pode-se destacar a formação de uma/um professora/or leitora/or, pesquisadora/or e protagonista junto aos seus estudantes. A seguir, apresentamos no quadro 5 o perfil das estudantes do Magistério da turma de 2024 da EEB Gen. José Pinto Sombra que participaram das TLD:

QUADRO 05 - PERFIL DAS PARTICIPANTES TLD/MAGISTÉRIO 2024

Nome: Ana Paula Küster da Silva	Idade: 37 anos	Quem sou eu neste mundo?	Qual o meu mundo neste mundo (sonhos, desejos e objetivos)?
	O que eu leio? Leio todos os gêneros, com preferência em poesia, romance histórico, terror.	Mulher, mãe, militante, professora, pesquisadora, leitora, sonhadora/ poetiza e moradora do bairro Gethal, Lages, SC.	Concluir o mestrado. Para realizar o sonho de cursar o Doutorado, deseja publicar seus livros.
Nome: Elisângela Escoto	Idade: 44 anos.	Quem sou eu neste mundo?	Qual o meu mundo neste mundo (sonhos, desejos e objetivos)?
	Gosto de ler, embora não tenha muito tempo. Leio a Bíblia todos os dias.	Pessoa única com combinações exclusivas de pensamentos e sentimentos.	Todo mundo tem sonhos, e por isso criamos metas e objetivos.

	<p>Livros prefiro os de autoajuda ou românticos.</p> <p>No momento estou lendo o Livro “As 5 linguagens do amor.”</p>		
Nome: Patrícia de Oliveira Pimentel	Idade: 36 anos	Quem sou eu neste mundo?	Qual o meu mundo neste mundo (sonhos, desejos e objetivos)?
	<p>O que eu leio?</p> <p>Gosta de ler, mas não pratica a leitura.</p>	<p>Lageana, moradora no bairro Guarujá, mora com os filhos e o marido que é caminhoneiro, tem três cachorros e dois passarinhos.</p>	<p>Concluir o Magistério, a faculdade de Pedagogia, e ser uma professora que gosta do que faz.</p> <p>Estar com saúde e feliz. Ter realizado outros desejos pessoais.</p>
Nome: Renata	Idade: 18 anos	Quem sou eu neste mundo?	Qual o meu mundo neste mundo (sonhos, desejos e objetivos)?

	<p>O que eu leio? Não gosta muito de ler, mas quando lê, prefere suspense e ficção.</p>	<p>Sou lageana, moro com minha mãe, pai e minha irmã no bairro da Penha. Tenho quatro cachorros: Boleta, Ola, Guapeca e o Custelinha.</p>	<p>Ter pessoas que amamos próximo, ter saúde, ser uma boa professora, ter muita paixão na profissão, saber lidar com os problemas, adquirir o carro próprio, ter a casa própria.</p>
<p>Nome: Nicole da Rocha Modesto</p>	<p>Idade: 18 anos</p>	<p>Quem sou eu neste mundo?</p>	<p>Qual o meu mundo neste mundo (sonhos, desejos e objetivos)?</p>
	<p>O que eu leio? Gosta de ler Mangá, aventura e suspense.</p>	<p>Mora com a irmã, mãe e pai. É estudante do Magistério. Mora no bairro Vila Esperança, tem dois gatos e dois cachorros.</p>	<p>Quer fazer Pedagogia, ser professora e uma boa profissional, ter a própria casa, tirar a carteira de habilitação, comprar um carro, viajar e conhecer lugares diferentes.</p>
<p>Nome: Selma</p>	<p>Idade: optou por não revelar a idade</p>	<p>Quem sou eu neste mundo?</p>	<p>Qual o meu mundo neste mundo (sonhos, desejos e objetivos)?</p>
		<p>Sou de São Paulo, moro em Lages há algum tempo, não gosto de pinhão e tenho um filho adolescente.</p>	<p>Daqui 10 anos vai estar formada, com a casa própria, casada e será professora.</p>

Fonte: Elaboração da própria autora (2024)

3.3 “APRENDENDO A JOGAR”³⁰: APROXIMAÇÃO COM A TURMA DO MAGISTÉRIO DA EEB GEN. PINTO SOMBRA - 2024

“Que é obsceno? Obsceno? Ninguém sabe até hoje o que é obsceno. Obsceno pra mim é a miséria, a fome, a crueldade, a nossa época é obscena.” (Hilda Hilst, p. 77. 1986)

A observação a seguir faz parte do projeto de pesquisa de mestrado em Educação – PPGE/UNIPLAC, intitulado “O Ato de ler: Tertúlias Literárias Dialógicas no curso técnico do Magistério”. O objetivo dessa observação é analisar como se desenvolve o Ato de Ler por meio das Tertúlias Literárias Dialógicas na vida das estudantes do curso de Magistério, na Escola de Educação Básica General Pinto Sombra. Quando Hilda Hilst confronta o conceito da palavra “obsceno”, ela problematiza de maneira provocativa o conceito universal atribuído a essa palavra e, de uma maneira abstrata, a escritora articula com a semântica do termo em questão. Isso vai ao encontro da dinâmica que foi propositalmente realizada via TLD com a turma do curso técnico do Magistério, por meio da investigação realizada na instituição escolar citada anteriormente. Assim, foi possível refletir sobre a relação estrutural de poder instituída em nosso corpo social, isto é, como pode-se ver o mundo criticamente e reflexivamente a partir do seu próprio cosmos.

A escola escolhida para a pesquisa foi a instituição em que realizei o meu estágio obrigatório no Ensino Médio durante a graduação no curso de Licenciatura em Letras – Uniplac/2022. O colégio faz parte do bairro Guarujá, que é vizinho ao bairro Gethal onde eu sou moradora desde os meus três anos de idade. A escola atende a vários bairros da redondeza que são bairros periféricos da cidade de Lages, dentre eles estão os bairros Tributo, Vila Esperança, São Vicente, São Sebastião, Dom Daniel, dentre outros. Diante desse contexto, eu tinha o desejo de contribuir com a comunidade, porque conheço e vivencio a realidade de ser moradora de periferia. Foi por esse motivo que procurei a escola para realizar as Tertúlias Literárias Dialógicas com as turmas do curso Técnico de Magistério. A partir disso fui até a unidade escolar e apresentei o projeto de pesquisa para a direção da escola, que prontamente aceitou minha intervenção. Após isso, entrei em contato e apresentei a ideia e o desejo da pesquisa para a professora

³⁰Canção escrita por Guilherme Arantes e interpretada por Elis Regina.

Marcia M. M. Ortiz, que por coincidência é mestranda – Udesc³¹ e em seu trabalho de pesquisa aborda as questões da formação leitora. Logo na semana seguinte, combinamos que eu poderia observar suas aulas.

O primeiro contato com as alunas ocorreu no dia 14/06/2024, após uma conversa prévia com a professora de língua portuguesa do curso de Magistério, a observação foi conduzida na própria sala de aula, durante 45 minutos do período noturno. Nesse encontro, foram observados 08 participantes e a professora Marcia Mariléia Ortiz. O tema da aula foi o significado da palavra. A professora iniciou a aula realizando uma contextualização com o dia a dia das estudantes.

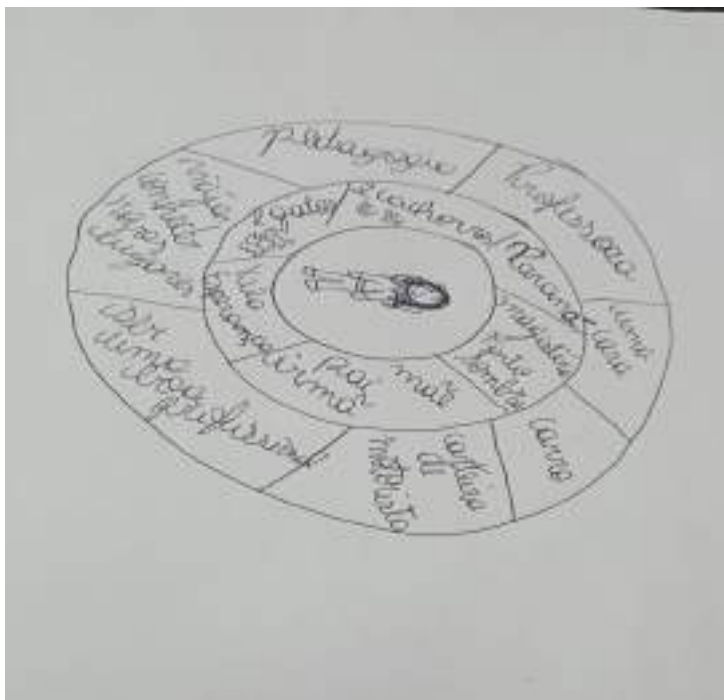
Após esse momento, a professora expôs um slide com figuras de linguagem e promoveu uma aula expositiva e dialogada, em que as estudantes estavam organizadas em fileiras e não participaram ativamente. Durante a observação, o ambiente era composto por 28 carteiras em fileira, uma lousa digital, computador e quadro branco, sendo que nas paredes havia alguns cartazes da turma do período diurno. As participantes incluíam jovens e mulheres de diversas idades, entre 18 e 60 anos, conforme o quadro 05 acima. Vale destacar que, nesses momentos de observação, as interações envolveram pouco diálogo.

Preliminarmente, identificou-se que as alunas do curso técnico de magistério pouco ou quase nada leem, porque a professora durante a aula verbaliza os desafios em relação às escritas. Esse padrão parece apoiar a hipótese de que a promoção do Ato de ler no curso de Magistério de uma escola pública em Lages pode ser uma estratégia eficaz para tecer conexões literárias entre as alunas/os, proporcionando uma série de benefícios, incluindo o desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico, a melhoria do desempenho acadêmico, o estímulo à criatividade e a promoção da compreensão do mundo, além de contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes e culturalmente engajadas/os. Sendo assim, a implementação de programas e práticas que enfatizem a leitura ativa e a apreciação da literatura no contexto do Magistério pode desempenhar um papel significativo na formação educacional das/os estudantes em uma escola pública em Lages.

Posteriormente, o segundo contato com as participantes da pesquisa foi realizado no dia 21/06/2024. O objetivo desse segundo momento foi aprofundar a compreensão das experiências e perspectivas das participantes em relação ao Ato de ler por meio das Tertúlias Literárias Dialógicas no curso de Magistério. Esse contato foi

³¹ Udesc: Universidade do Estado de Santa Catarina.

Imagem 12: Dinâmica realizada pela aluna do curso do magistério.



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Nesse dia, a conversa aconteceu a partir do que as estudantes acharam importante verbalizar para apresentar-se. Questões como “meu nome é?”, “Onde nasci e cresci?”, “O que move o meu mundo?”, “Um lugar que moldou minha visão de mundo e minhas experiências desde cedo?”, “Sou apaixonado por?”, “Profissionalmente, em qual área trabalho?”, “Onde e com o quê trabalho?”, “Qual é meu sonho ou objetivo de vida?”, “Além disso, sou uma pessoa que valoriza...”.

Já o quarto contato com a turma deu-se dia 05/08/2024 durante a aula de didática. O objetivo desse encontro foi realizar uma problematização da leitura do conto "Maria", de Conceição Evaristo, explorando questões relacionadas à identidade, gênero e poder na sociedade contemporânea. A facilitadora iniciou o encontro saudando os participantes e relembrando o propósito da discussão em torno do conto "Maria". Após a leitura coletiva, as participantes foram convidadas a compartilhar suas interpretações pessoais do conto lido, destacando elementos como o papel da protagonista na narrativa, as relações de poder presentes e os temas de identidade e gênero explorados pela autora.

Foram levantadas questões provocativas para a reflexão em grupo: Como a personagem de Maria desafia ou reforça estereótipos de gênero? Qual é o impacto das estruturas sociais de poder na vida de Maria e das mulheres semelhantes a ela? De que maneira o conto de Conceição Evaristo dialoga com questões contemporâneas de justiça social e lugar feminino em nossa sociedade, qual é o lugar que as mulheres são colocadas?

O conto lido foi sugestão da participante Ana Paula Kuster da Silva, ideia que surgiu após uma conversa e sugestão do próprio grupo. A leitura foi realizada coletivamente, o que proporcionou emoção, pois o conto dialoga com os desafios de ser mulher nesse mundo, algo que de uma certa forma toca profundamente as participantes da pesquisa. A narrativa reflete situações vivenciadas pelas mulheres periféricas, pois conta a história de Maria, o que ressoa com as tantas Marias existentes. O Ato de ler empregado nesse momento possibilitou uma reflexão acerca da luta diária feminina, do enfrentamento e da desigualdade de gênero que tantas mulheres perpassam. A aula nesse dia teve duração de 45 minutos e não foi possível finalizar a problematização.

3.4 “O QUE É, O QUE É”: ³⁴ TERTÚLIA LITERÁRIA DIALÓGICA NO CURSO DE MAGISTÉRIO DA EEB GENERAL PINTO SOMBRA

E, então, eis que você aprende-o-que-que-não sabia e agora sabe! E havendo aprendido uma fração do que não sabia, dentro de você uma dimensão pequenina ou imensa de seu eu-interior salta sobre si-mesma e se transforma através do saber-agora o que você antes não sabia. E então, sabendo, você compreende algo do que não compreendia, e passa a fazer parte do “círculo do que é compreendido”. (Brandão, 2020, p. 18).

No dia 05 de agosto de 2024, a Tertúlia Literária Dialógica aconteceu durante as aulas de Didática. O encontro durou aproximadamente 90 minutos e, nesse dia, foi promovida uma conversa para explicar de uma forma mais concreta como seriam as próximas Tertúlias Literárias Dialógicas. A partir do diálogo, foi decidido coletivamente pela leitura da obra “A hora da estrela” de Clarice Lispector, sendo que a escolha foi realizada por meio de pesquisa e indicação da aluna Elisangela Escoto e as colegas de turma concordaram com a sugestão.

³⁴ Canção gravada por Gonzaguinha no ano de 1982, no álbum Caminhos do coração.

Já no dia 21 de agosto de 2024, foi iniciada a Tertúlia Literária Dialógica com a leitura da apresentação da obra, um momento crucial para situar o grupo no contexto do texto que seria explorado. A sessão teve uma duração de aproximadamente 120 minutos e contou com a participação de cinco estudantes do curso técnico do Magistério: Selma, Nicole, Letícia Patrícia e Ana Paula. Durante esse encontro, a ordem da leitura foi decidida de forma colaborativa entre os participantes e com a moderação da participante Ana Paula. A leitura começou com a Patrícia, seguida pela Luana, Nicole, Selma e, por fim, Ana Paula. Cada participante ficou responsável por ler duas páginas do livro, o que permitiu uma abordagem fluida e dinâmica do conteúdo.

À medida que cada participante avançava na leitura, surgiam questionamentos e discussões sobre os temas apresentados. Por exemplo, Patrícia levantou a questão:

De que, ao que parece, os homens sempre estão à frente, começando pela língua portuguesa.

Esse questionamento gerou uma reflexão mais ampla sobre as questões de poder e hierarquia presentes nas estruturas linguísticas e sociais, que remetem a desigualdades sociais. Como discute a respeito dessa temática Walter Mignolo (2006, p. 633)

a ‘ciência’ (conhecimento e sabedoria) não pode ser separada da linguagem; as línguas não são apenas fenômenos ‘culturais’ em que as pessoas encontram a sua ‘identidade’; elas também são o lugar onde se inscreve o conhecimento. E, dado que as línguas não são algo que os seres humanos têm, mas algo de que os seres humanos são, a colonialidade do poder e a colonialidade do conhecimento engendraram a colonialidade do ser.

Posteriormente, no dia 26 de agosto de 2024, ocorreu a segunda sessão da Tertúlia Literária Dialógica, com uma duração de aproximadamente 120 minutos, na qual nos reunimos primeiramente para a discussão da apresentação literária da obra de Clarice Lispector. Durante o encontro, optamos por iniciar a leitura pela apresentação, com o objetivo de contextualizar a obra a ser discutida e fornecer as participantes uma visão mais ampla sobre a vida e a trajetória de Clarice Lispector. A ideia foi tomar conhecimento do contexto em que a personagem Macabéa esteve inserida, para que todos pudessem compreender melhor os elementos presentes na obra. Esse método ajudou a enriquecer as discussões subsequentes, possibilitando uma análise mais crítica

e aprofundada do texto literário, além de estimular reflexões sobre a relevância da obra no cenário atual.

Imagem 12: Primeira sessão de Tertúlia Literária Dialógica



Fonte: Arquivo pessoal

Por sua vez, no dia 02 de setembro de 2024, a leitura da obra proposta no âmbito da Tertúlia Literária Dialógica foi iniciada por quatro participantes: primeiro a Selma, logo após Nicole, Patrícia Eliane e Ana Paula. Cada uma delas ficou responsável por uma parte específica do texto, contribuindo com sua interpretação e leitura em voz alta, o que permitiu uma abordagem mais dinâmica e interativa da obra. Além disso, cada participante trouxe suas percepções pessoais e reflexões sobre os trechos lidos, o que gerou um ambiente de troca de ideias e discussões enriquecedoras, principalmente a respeito da mulher em nossa sociedade. Durante essa primeira parte da leitura, procuramos não só compreender o conteúdo, mas também explorar aspectos literários, como a linguagem, os personagens e as temáticas abordadas pela autora. Essa abordagem colaborativa possibilitou uma compreensão mais aprofundada do texto, permitindo que diferentes perspectivas fossem compartilhadas e que o grupo fosse estimulado a refletir de forma coletiva sobre os principais elementos da obra.

No dia 11 de setembro de 2024, começamos a análise da obra a partir da página 30, e, durante a discussão, diversos questionamentos surgiram a respeito da vida solitária da mulher retratada no texto. As participantes refletiram sobre como a personagem principal, Macabéa, lida com o isolamento e a solidão, levantando questões

sobre os fatores sociais e emocionais que contribuem para essa condição. A conversa também se aprofundou na reflexão sobre a servidão das mulheres, um tema central no enredo, ao explorar como a mulher, muitas vezes, se vê confinada a um papel submisso e de serviço, seja na família, no trabalho ou na sociedade. Essa servidão, muitas vezes invisível, é uma das maneiras pelas quais as mulheres têm suas vidas determinadas, sendo ensinadas a se colocar em segundo plano, a servir aos outros sem questionamento e sem esperar reconhecimento ou recompensa.

Além disso, uma parte significativa da conversa foi dedicada à simbologia do nome Maria, que despertou interesse e curiosidade entre os participantes. O nome, frequentemente associado a figuras religiosas, à pureza e à devoção, foi discutido sob diferentes perspectivas. Alguns levantaram a hipótese de que a escolha desse nome poderia refletir uma conexão com a figura da mulher idealizada pela sociedade, enquanto outros apontaram para o possível contraste entre o nome e as vivências da personagem, sugerindo uma ironia ou uma crítica implícita. Esse nome tradicional, que pode carregar uma carga de submissão e sacrifício, foi visto como um reflexo da opressão silenciosa imposta às mulheres, que, mesmo tendo nomes e figuras que simbolizam devoção e pureza, são, muitas vezes, forçadas a viver em função dos outros, sem espaço para sua própria liberdade e desejo. Essas discussões abriram um leque de interpretações, permitindo que explorássemos as camadas mais profundas da obra, suas implicações sobre a vida das mulheres, o papel da solidão, a construção da identidade feminina e a crítica à servidão que marca a existência de muitas mulheres em diferentes contextos sociais.

Em certo momento da discussão, foi comentado a respeito da falta de registro civil da Macabéia, pois ela era invisível para todos os que a rodeiam, sendo que a invisibilidade é um marcador social para as minorias para que sejam desumanizadas. Diante disso, “A desumanização, que não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é a distorção da vocação do ser mais. É uma distorção possível na história, mas não vocação histórica”. (Freire, 1987, p. 30).

Freire argumenta que essa desumanização é uma distorção possível dentro da história, mas não é algo que deva ser considerado parte da vocação histórica do ser humano. Ou seja, a opressão e a violência contra a/o outra/o não são condições naturais ou inevitáveis; elas são distorções que surgem em contextos históricos específicos, mas não refletem o verdadeiro potencial humano. A "vocação histórica" do ser humano,

segundo Freire, está na busca pela liberdade, pela igualdade e pela justiça, o que implica no reconhecimento e no respeito pela humanidade do outro.

Essa visão desafia a ideia de que a opressão é algo natural ou imutável. Para Freire, a desumanização é uma construção social, uma deformação das relações humanas, que pode ser combatida por meio da educação e da conscientização, promovendo um processo de humanização para todos, tanto para os oprimidos quanto para os opressores. Ele acredita que a verdadeira vocação humana está na construção de um mundo mais justo e igualitário, no qual a dignidade e a humanidade de todos sejam respeitadas.

Imagem 14: Terceira sessão de Tertúlia Literária Dialógica



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

No dia 18 de setembro de 2024, a conversa teve início a partir do papel da mulher na sociedade, dos seus direitos, focando, especialmente, na figura de Macabéa, personagem central de *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. Em aproximação a isso, segundo Antonio Candido (1995, p. 241):

São bens incompressíveis não apenas aqueles que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura.

A partir da história da obra lida e de sua personagem central, discutimos como as mulheres são frequentemente moldadas e limitadas pelos contextos sociais e culturais em que vivem, sendo, muitas vezes, relegadas a papéis subalternos e à invisibilidade. Refletimos sobre como a sociedade, ao longo do tempo, construiu expectativas rígidas

sobre o que é ser mulher, impondo restrições e normas que acabam definindo seu lugar no mundo de maneira opressiva e limitante.

Essa reflexão nos levou a questionar as estruturas sociais que influenciam diretamente a vida das mulheres, com especial ênfase à condição de Macabéa. Ao analisar sua trajetória, observamos como ela é uma representação de muitas mulheres que vivem à margem, lutando contra a falta de oportunidades e com a dificuldade de encontrar um espaço próprio. A partir dessa análise, discutimos as questões de identidade, marginalização e os sonhos não realizados, que são recorrentes na vida de muitas mulheres na sociedade. Macabéa, com sua simplicidade e resignação, representa o sofrimento silencioso das mulheres que, muitas vezes, são educadas a se submeterem ao que é imposto, sem conseguir ir além das limitações de seu contexto. Essa conversa nos levou a questionar o quanto ainda precisamos avançar para que as mulheres possam, de fato, ocupar os espaços que merecem e realizar seus próprios sonhos, sem as amarras das expectativas sociais.

No dia 25 de setembro de 2024, nossa conversa teve início com uma reflexão sobre o lugar da mulher no mundo do trabalho, a partir da análise da vida de Macabéa. A personagem de Clarice Lispector, com sua vida limitada e suas condições de trabalho precárias, tornou-se o ponto de partida para discutirmos as dificuldades e os desafios enfrentados pelas mulheres em um mercado de trabalho que, muitas vezes, as vê como invisíveis. Macabéa é, assim, uma representação da mulher que ocupa funções subalternas, mal remuneradas e sem perspectivas reais de crescimento ou reconhecimento. A vida da personagem leva-nos a questionar se, em pleno século XXI, as mulheres ainda estão sendo forçadas a aceitar o lugar que lhes é imposto pela sociedade. Será que, como ela, muitas mulheres não estão sendo ensinadas a se conformar com empregos que não refletem seu potencial, mas sim uma visão distorcida de seu papel na sociedade?

A partir de Macabéa, surge a provocação sobre como o mundo do trabalho ainda reflete um sistema patriarcal, no qual a mulher é frequentemente relegada a funções domésticas, de cuidado ou de serviços subvalorizados, sem que suas capacidades ou talentos sejam devidamente reconhecidos. A personagem nos faz refletir sobre como, muitas vezes, as mulheres são vistas como "apenas mais uma", sendo reduzidas a suas funções ou aparências, como Macabéa, que é constantemente descrita como "feia" e "sem importância". Essa visão estigmatizada do lugar da mulher no trabalho é um reflexo de um sistema que ainda não reconhece plenamente as mulheres

como protagonistas em suas próprias carreiras. Como, então, podemos esperar que as mulheres ocupem espaços de liderança e protagonismo se o sistema as mantém presas a empregos que negam seu valor, seu potencial e sua voz? A provocação é clara: o que estamos fazendo para mudar essa realidade e garantir que mulheres como Macabéa não se vejam mais relegadas a um lugar de invisibilidade e subordinação no mercado de trabalho? A questão é urgente, e a resposta precisa vir de uma transformação profunda das estruturas que ainda limitam o verdadeiro poder e a igualdade de gênero no mundo do trabalho.

Sequencialmente, no dia 16 de outubro de 2024, a discussão teve início a partir da leitura sobre a relação entre Macabéa e seu namorado Olimpo, que a trata de forma desdenhosa, chamando-a de *"um cabelo na sopa"*. Esse comentário, que carrega um tom de desprezo, gerou um debate intenso entre os participantes, que se indignaram com a forma como Olimpo diminui e desvaloriza Macabéa, tratando-a como algo indesejado, uma mera inconveniência. A conversa se aprofundou, refletindo sobre o impacto da atitude de Olimpo, que não só desconsidera os sentimentos da namorada, mas também a coloca em uma posição de inferioridade, como se fosse algo a ser desprezado. Em meio ao debate, uma das participantes levantou uma reflexão:

Mas será que ele não era apaixonado por ela e ela aprontou algo com ele que nem acontece em casos de a mulher apronta, aquela gorda, aquela magra, aquela seca e daí acaba ofendendo? É que a gente não sabe o contexto (Elisângela).

A fala questionava se o comportamento de Olimpo poderia ter uma explicação relacionada a algum conflito ou desentendimento prévio, sugerindo que, em certos casos, atitudes agressivas podem ser desencadeadas por frustrações não resolvidas, algo que ocorre com frequência em relacionamentos, mas que depende do contexto e das circunstâncias que envolvem as pessoas envolvidas. A questão trouxe à tona as complexidades das relações afetivas, em que, muitas vezes, as aparências e os julgamentos rápidos podem esconder realidades mais profundas e complicadas. Assim com Marcia Tiburi (2020, p. 78) discorre:

As mulheres representam uma imensa multidão de seres que não puderam se tornar quem era, ou quem desejavam ser, porque foram educadas para servir aos homens. Para se tornarem seres que servem a outros seres sem esperar nada em troca. Ainda há pessoas que defendem ideias assim.

Ao fazer essa crítica, a autora não questiona apenas os sistemas de opressão que historicamente limitaram as mulheres, mas também as mentalidades que ainda perpetuam tais desigualdades. Isso reforça a importância de repensar os modelos educacionais, sociais e culturais para que as mulheres possam finalmente se tornar quem realmente são ou desejam ser, sem serem restringidas por normas arcaicas que definem seu lugar no mundo. Nessa direção,

As mulheres são o grupo mais vitimizado pela opressão sexista. Tal como outras formas de opressão de grupo, o sexismo é perpetuado por estruturas sociais e institucionais; por indivíduos que dominam, exploram ou oprimem; e pelas próprias vítimas, educadas socialmente para agir em cumplicidade com o status quo. A ideologia supremacista masculina encoraja a mulher a não enxergar nenhum valor em si mesma, a acreditar que ela só adquire algum valor por intermédio dos homens. (hooks, 2019, p. 79)

O ponto central da reflexão de bell hooks sobre a ideologia supremacista masculina é a ideia de que as mulheres são educadas para acreditar que seu valor é apenas derivado da validação e do reconhecimento masculino. Essa crença limita a liberdade e a autoestima das mulheres, pois impede que elas se reconheçam como seres completos e valiosos por si mesmas, independentemente da sua relação com os homens. Essa ideologia, portanto, serve para manter a estrutura de poder desigual, em que as mulheres são constantemente avaliadas, objetificadas e definidas pela perspectiva masculina.

Além disso, hooks nos alerta para o fato de que a opressão sexista é uma construção sistêmica, que envolve não apenas o controle explícito exercido por homens, mas também a aceitação passiva dessa opressão pelas próprias mulheres, as quais são educadas a se verem como inferiores ou dependentes. Isso evidencia a necessidade urgente de questionar e desconstruir as normas sociais que continuam a sustentar essa visão distorcida de valor e identidade feminina. É um chamado para a transformação das estruturas de poder e a conscientização das mulheres sobre seu potencial e valor, independentemente da validação externa.

No dia 21 de outubro de 2024, a sessão teve início com a indagação sobre o que realmente significa o mestrado. A partir dessa pergunta, foi iniciado um diálogo profundo sobre a educação, suas implicações e objetivos. As participantes refletiram sobre o papel da educação no desenvolvimento pessoal e profissional, buscando entender como o mestrado se encaixa nesse contexto. A conversa evoluiu para discussões sobre as diferentes formas de aprendizado, o impacto da formação acadêmica

na sociedade e o significado de se aprofundar em um campo de estudo específico. Como afirma Brandão (2020, p. 43), “[...] entre as redes e teias que nos conectam o tempo todo e ao longo de nossas vidas inteiras aos nossos outros, aos outros de quem somos, a educação não é mais e nem menos do que isto. A educação é a palavra que nós nos devemos uns aos outros”.

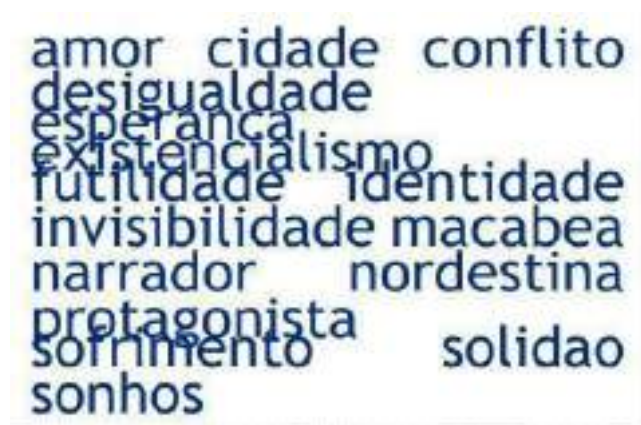
Nesse mesmo encontro, surgiram questionamentos sobre a função da educação na transformação social e como ela pode contribuir para a mudança de perspectiva dos indivíduos. Ao longo da conversa, também se discutiu a relação entre teoria e prática no ambiente educacional, assim como os desafios que os educadores e alunos enfrentam. Esse diálogo proporcionou uma troca rica de ideias, permitindo uma reflexão mais ampla sobre o processo educacional e suas diversas dimensões. Afinal, é por meio da literatura que pensamos o mundo:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (Todorov, 2010, p. 76).

Nesse ponto, questiona-se: será que Macabéa é realmente a protagonista de sua própria história, ou é apenas um reflexo das imposições que a sociedade, seu contexto e até mesmo ela própria impõem sobre sua vida? Vivendo em uma constante solidão existencial, ela parece ser a personificação de tudo o que sonha, mas jamais alcança. Sua condição de mulher nordestina e vista como fútil, a coloca como uma sombra, uma figura invisível. E, então, as perguntas que ficam são: até que ponto seus sonhos não são, na verdade, uma farsa imposta pelo próprio mundo que a limita? Ela não está apenas perseguindo sonhos, mas fugindo da realidade cruel que lhe é imposta. Macabéa será mesmo capaz de se tornar protagonista de sua própria história, ou ela está condenada a ser eternamente coadjuvante, sonhando e sendo sonhada?

Sob esse viés de discussão, a figura 4 traz a síntese das palavras que apareceram com mais frequência durante a realização das TLD.

Figura 2: Nuvem das palavras que apareceram com mais frequência durante as TLD



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Já no dia 29 de outubro de 2024, a sessão foi realizada durante as aulas da professora Sabrina. Durante o encontro, as educandas estavam um pouco atarefadas com atividades do curso de magistério, sendo que enquanto uma lia, as alunas estavam recortando atividades em alusão ao Dia da Consciência Negra. Estávamos em um círculo, assim como em todas as sessões de TLD. Patrícia foi a única a compartilhar suas reflexões sobre a leitura, havia comentado com seu filho adolescente de 13 anos sobre o nome de Macabéa.

Eu até tentei professora, mas o meu filho não deu muita bola, sabe como é adolescente né professora, a única coisa que ele disse foi, que nome estranho né mãe, eu concordei. (Patrícia)

O filho, ao ouvir o nome, achou-o estranho e fez uma observação curiosa. Isso nos leva a pensar: o nome "Macabéa" seria, de fato, uma escolha simples ou carregaria algum tipo de simbolismo que reflete a identidade da personagem? Afinal, em muitas

culturas, nomes têm significados profundos, e talvez o nome dado a ela seja uma provocação da autora, uma forma de indicar a falta de pertencimento ou a marginalização da personagem, assim como a desconexão de sua própria identidade em um mundo que a vê como invisível. Essa escolha de nome poderia ser uma chave para entendermos ainda mais sobre a construção da personagem e sobre as camadas de significados que a narrativa nos propõe.

Adicionalmente, nessa sessão, quando a leitura estava sendo realizada na página 76 da obra, a autora Clarice Lispector (1998) disse o seguinte: “*Macabéa nunca tinha tido coragem de sentir esperança*”. O termo "coragem" aqui é simbólico, contudo, Lispector nos faz perceber que, para Macabéa, a esperança não é algo natural ou espontâneo, mas que exige um ato de coragem. Sobre o sentido das palavras e influência gerada em nossas relações, Lev Vigotski (2000a, p. 465) disserta:

O sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata. Como se sabe, em contextos diferentes, a palavra muda facilmente de sentido. O significado, ao contrário, é um ponto imóvel e imutável que permanece estável em todas as mudanças de sentido da palavra em diferentes contextos.

Isso sugere que a personagem principal vive uma vida marcada por uma certa apatia, resignação e falta de perspectivas. Algo construído e estruturado em nosso coletivo, o que, muitas vezes, é naturalizado e tão forte que até a própria Macabéa acreditava. A sua existência, desde o princípio da história, é pautada por uma percepção de falta de significado e pela repetição de uma rotina opaca e sem grandes expectativas de mudança.

Durante as provocações de Clarice Lispector, algumas palavras se destacam e chamaram a atenção das leitoras, como, por exemplo, quando Patricia lê um trecho do diálogo entre a personagem Macabéa e a cartomante Carlota, já nas últimas páginas do livro. Nesse momento, Elisângela, ao comentar sobre a situação da protagonista, diz: “*Coitada da Macabéa*”, “*é a feia*”, “*Macabéa foi chamada de feia*”. Essas palavras, simples e diretas revelam o peso do olhar social sobre a personagem, que é reduzida a uma avaliação superficial e cruel de sua aparência. O uso da palavra "feia" enfatiza a percepção negativa que ela carrega sobre si mesma e a maneira como é vista pelas outras pessoas. A repetição da expressão "coitada" sugere uma atitude de compaixão,

mas também de condescendência, como se Macabéa fosse uma figura incapaz de mudar sua condição.

A partir dessa fala, podemos perceber como a sociedade e as próprias personagens do livro, como a cartomante, reforçam a marginalização e a invisibilidade de Macabéa, que é constantemente definida e limitada pela visão dos outros sobre sua aparência e seu lugar no mundo. Quando se pensa na narrativa fictícia de vida de Macabéa, a autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie comenta sobre as histórias:

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. (Adichie, 2020, p. 32)

Esse trecho também provoca uma reflexão sobre quem importa na sociedade contemporânea e as expectativas sociais, que influenciam profundamente a forma como as pessoas são tratadas e como elas se veem. Ao final da leitura da obra na TLD surgiu um comentário de uma das participantes:

Mas ela morreu, ela descansou, porque a gente queria que ela tivesse uma história feliz no final, ela sofreu, sofreu e sofreu e acabou morrendo, mas na... realidade é a vida, a pessoa sofre, sofre. (Renata)

Quando pensamos sobre o sofrimento do personagem principal ocorre o espelhamento de uma realidade dolorosa, na qual as expectativas de um final feliz são confrontadas pela dura constatação de que a vida nem sempre oferece tais soluções. De certa forma, Elisângela revela o desejo de que toda história tenha um final feliz, o que vai de encontro à história de Macabéa e seu final, conforme é observado nos relatos das participantes da pesquisa:

Mas ainda realizando uma coisa, coitada nem isso, não casou, não teve filho, não tinha nada (Patricia)

Ela nunca foi tão olhada por tantas pessoas quanto no dia do seu atropelamento, parece que as pessoas só viram a Macabéa na hora da sua morte. (Renata)

Ela é invisível, ela é ingênua, ela aceita tudo quieta. (Nicole)

Esses comentários reproduzem uma crítica sutil, mas dilacerante, no que diz respeito ao comportamento e à posição social de uma pessoa que vive à margem da sociedade, uma mulher esquecida cujas necessidades não foram escutadas. A palavra "invisível" sugere que a personagem em questão é ignorada, não valorizada, como se

sua existência e suas ações passassem despercebidas pelos outros. A ideia de "aceitar tudo quieta" reforça a ideia de passividade, indicando que a personagem, talvez por falta de alternativas ou pelo lugar que é dado ao corpo feminino, não questiona ou não reage diante das adversidades que enfrenta. Assim como Virginia Woolf diz:

Por todos esses séculos, as mulheres serviram como espelhos possuidores da mágica e do poder delicioso de refletirem a figura do homem com o dobro do seu tamanho natural. Sem aquele poder, provavelmente a terra ainda seria coberta por pântanos e selvas. As glórias de todas as nossas guerras seriam desconhecidas. Ainda estaríamos rabiscando os contornos de um cervo sobre os restos de ossos de carneiros e fazendo escambo de sílex por pele de ovelha ou qualquer outro ornamento simples que atendesse nosso gosto pouco sofisticado. Super-homens e Dedos do Destino ³⁵nunca teriam existido. (Woolf, 2020, p. 47)

A fala anterior revelou uma suposição de subordinação e impotência, em que a personagem se vê limitada pelas circunstâncias e pela insuficiência de possibilidades, podendo ser interpretada, também como uma crítica à opressão social, que silencia e subjuga corpos cujas vozes e desejos são constantemente ignorados. Após a finalização da leitura na TLD, dentre os comentários que surgiram destacam-se dois:

É porque ela foi na cartomante por isso ela morreu. (Elisângela)

Essa escritora é muito gênio (Patricia)

Quando Patricia comenta sobre a genialidade de Clarice Lispector, isso demonstra a admiração não só da comentarista, mas da unanimidade do grupo durante as sessões de Tertúlia Literária Dialógica. Ao concluir as sessões de leitura da obra de Clarice Lispector *A hora da estrela* pode-se perceber como o mundo ainda é feito por homens e para homens, como a estrutura social ainda invisibiliza os corpos femininos, diminuindo suas vontades, desejos e sonhos, para que continuem sendo domesticados e controlados.

Durante as sessões de Tertúlias Literárias Dialógicas, percebeu-se que o processo de leitura vai além da simples interpretação do texto; ele se torna uma oportunidade de reflexão profunda sobre as questões sociais que permeiam nossas vidas e a nossa construção como pessoas. Ao discutirmos, por exemplo, a relação entre Macabéa e Olimpo, e ao questionarmos os motivos que levariam o namorado a tratá-la de forma desdenhosa, como se fosse um "cabelo na sopa", a conversa se expandiu para

³⁵ Livro de contos de Edmund Snell chamado *The Finger of Destiny and Other Stories*, publicado em 1938, ou seja, após as palestras de Virginia Woolf que serviram de base para Um Teto Todo Seu.

uma análise crítica das relações de poder que se estabelecem nas sociedades patriarcais. O questionamento de uma participante sobre a possibilidade de um desentendimento prévio entre o casal trouxe à tona a complexidade das relações afetivas e o quanto nossos corpos, muitas vezes, são moldados a partir dessa sociedade patriarcal, misógina e sexista. Percebi, nesse momento, como é fundamental entender as múltiplas camadas que influenciam as pessoas e suas atitudes, refletindo sobre a opressão sutil que pode estar presente em diferentes aspectos de nossas relações cotidianas.

Além disso, as discussões em torno do sofrimento e da invisibilidade de Macabéa me permitiram uma compreensão mais profunda do impacto das estruturas sociais na formação da identidade das mulheres. A partir dos comentários sobre o nome da personagem, a ideia de que a sociedade a rotula como "feia", "ingênua" e "invisível", foi possível refletir sobre como as expectativas sociais impõem limites severos às mulheres, obscurecendo seus desejos e sonhos.

Durante a Tertúlia, foi possível perceber ainda como a opressão sexista é um fenômeno enraizado e como as mulheres são, muitas vezes, educadas para aceitar seu lugar à margem da sociedade. A conversa sobre o sofrimento de Macabéa e o desejo de um final feliz trouxe à tona a realidade de que as histórias de mulheres como ela são ignoradas até a tragédia. Esse debate me fez perceber a importância de questionar as normas sociais que marginalizam mulheres e corpos femininos, e como a literatura pode ser uma ferramenta poderosa para romper com essas estruturas e derrubar as barreiras, de modo que as vozes constantemente silenciadas sejam ouvidas, acolhidas e validadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada confirma a relevância do Ato de Ler, evidenciando a importância das Tertúlias Literárias Dialógicas (TLD) na formação crítica das educandas do curso de Magistério da EEB Gen. Pinto Sombra, em Lages, especialmente através da obra *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector. O estudo teve como objetivo geral compreender como o Ato de Ler, no contexto do curso técnico de Magistério pode contribuir para a construção de um pensamento crítico nas/os estudantes. A partir dessa prática, ficou claro que o Ato de ler vai além da simples decodificação das palavras, funcionando como um processo de desvelamento, que abre portas para uma vida mais justa e transformadora.

Para tanto, a pesquisa se desenvolveu com estudantes em sua formação inicial, na dicotomia entre a educação que temos e a educação da esperança, como descreve Vigotski: “Na escola do futuro essas janelas estarão abertas de par em par, e o professor não só olhará, mas também participará ativamente dos deveres da vida”. A partir dessa perspectiva, a educação da libertação se caracteriza por ser uma educação em que todas as pessoas são livres para pensar, agir e sonhar. Contudo, é uma educação que não se limita à vida passiva de Macabéa, mas que busca a emancipação, sendo desveladora e bonita, porque a vida precisa ser bonita.

Por sua vez, dentre os objetivos específicos, o estudo procurou perceber como o Ato de ler contribui para uma leitura crítica do mundo. A análise demonstrou que as participantes se apropriaram do conteúdo da obra e utilizaram a leitura como um meio de questionar e refletir sobre questões sociais e existenciais. Esse processo se alinha à proposta freireana de uma educação que promova a conscientização crítica. Nesse sentido, as TLD, como estratégia pedagógica, criaram um ambiente de diálogo que possibilitou a reflexão sobre o mundo em que vivemos, incentivando uma postura ativa diante das problemáticas sociais. Ao abordar temas como opressões, desigualdades e preconceitos, as Tertúlias se configuraram como um espaço privilegiado para questionar as estruturas sociais que impactam as comunidades periféricas, principalmente as mulheres.

Dessa forma, as Tertúlias Literárias Dialógicas revelaram-se, portanto, como uma prática eficaz para promover uma leitura crítica e reflexiva. Elas proporcionaram um ambiente de diálogo e questionamento das relações de poder, permitindo que as participantes interferissem em suas realidades e refletissem sobre as desigualdades

estruturais que afetam suas vidas. Assim, ressalta-se que a experiência das TLD vai além da teoria e da decodificação da gramática, estimulando ações práticas que buscam a liberdade e contribuem para uma sociedade mais justa e igualitária.

A pesquisa também evidenciou a importância de se criar espaços pedagógicos que não apenas incentivem a leitura, mas que também favoreçam uma reflexão profunda sobre as realidades sociais e políticas que impactam as/os estudantes. As Tertúlias, ao serem inseridas no contexto do curso técnico de magistério, mostraram-se uma ferramenta poderosa para a construção de uma educação mais crítica, que vai além da mera formação técnica e instrumental. Elas oferecem uma possibilidade de transformação do olhar das/os estudantes sobre a educação e sobre o papel que desempenham na sociedade. Nesse contexto, o Ato de ler, mediado por essa metodologia, torna-se um caminho para que as/os educandas/os desenvolvam uma consciência crítica, não apenas sobre os conteúdos literários, mas também sobre suas próprias vidas e as realidades que os cercam.

Ademais, os resultados da pesquisa indicam que as Tertúlias não só incentivam uma leitura crítica do mundo, mas também favorecem o desenvolvimento de habilidades interpessoais e sociais, fundamentais para a formação de educadoras/es. Ao praticarem a escuta ativa, o respeito à diversidade de opiniões e a troca de experiências dentro das TLD, as/os participantes aprenderam a se posicionar de maneira mais assertiva em suas comunidades, promovendo ações de solidariedade e empatia. Essa formação integral é essencial para o fortalecimento de uma educação que tenha como princípio a liberdade e a justiça social, aspectos que devem ser cultivados na formação das/os futuras/os educadoras/es, para que possam, por sua vez, transmitir esses valores aos suas/seus próprias/os alunas/os.

Em síntese, as Tertúlias Literárias Dialógicas se mostraram um instrumento fundamental para o desenvolvimento de uma educação crítica, emancipadora e transformadora, em consonância com os princípios de Paulo Freire e da educação popular. Ao tratar de questões profundas relacionadas às opressões estruturais e ao promover um espaço aberto para o diálogo e a reflexão, as TLD proporcionaram aos participantes uma oportunidade única de ampliar suas percepções sobre o mundo. Logo, essa prática contribui para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e consciente de suas realidades, oferecendo aos educandos ferramentas para se tornarem agentes de mudança.

REFERÊNCIAS

ADCHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 14. ed. Campinas, SP: Editora Papirus, 2012.

AMORIM, Maria Inês Freitas de. **Tecendo histórias e afetos: Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves**. 2023. 186 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

ARISTÓTELES. **História dos Animais**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

BAKHTIN, M. **A interação verbal**. In: **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. SP: Hucitec, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**; Tradução Maria Helena Kühner. 18º ed. Rio de Janeiro: Bertand Barsil, 2020.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** 1º ed. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, 2019.

BRECHT, Bertolt. Poemas 1913-1956. Tradução Paulo Cesar de Souza. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRITTO, Luiz Percival Leme. LEITURA: ACEPÇÕES, SENTIDOS E VALOR. **Revista Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, SP, v.21, n. 22, p. 18-31, jan. /abr. 2012. DOI: <https://doi.org/10.32930/nuances.v21i22>

BRITTO, Luiz Percival Leme. O ENGODO SUBJETIVISTA E A FORMAÇÃO DO LEITOR. **Revista Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, SP, v.28, n. 2, p. 08 - 23, maio / agosto. 2017.ISSN: 2236-0441 DOI: <https://doi.org/10.14572/nuances.v28i2.5093>

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAMERON, D. **Higiene verbal**. Londres: Routledge, 1995.

CANDIDO, Antonio. “**O direito à literatura**”. In: **Vários escritos**. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CASTRO, Manuel Antônio de. “**Leitura e obra: a parte e o todo**”: In: ----- . *Leitura: questões*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2015, p. 111.

CORALINA, Cora. “**Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**”. 6ª ed., São

Paulo: Global Editora, 1997, p.145.

COUTO, Mia. **A confissão da leoa**. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DE SOUZA OLIVEIRA, Elizabeth; LUCINI, Marizete. O Pensamento Decolonial: Conceitos para Pensar uma Prática de Pesquisa de Resistência. **Boletim. Historiar**, [S. l.], v. 8, n. 01, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/historiar/article/view/15456>. Acesso em: 26 nov. 2024.

FLECHA, R. MELLO, R. R. de. Tertúlia Literária Dialógica: compartilhando histórias. Presente! Revista de Educação - Ano 13 - nº 48 - Salvador, mar/2005. FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: Em três artigos que se completam em São Paulo: Autores Associados, 1989.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 39 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUMPERZ, JJ **Estratégias discursivas**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HOOKS, bell. **Teoria Feminista Da Margem ao Centro**. Tradução Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

HILST, Hilda. **Com os meus olhos de cão e outras novelas**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

<https://www.pensador.com/frase/MTk5NTA1Mg/> Acesso em 21/11/2024

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Censo Escolar, 2024. Brasília.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**, São Paulo: Companhia das letras, 1993.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. São Paulo: Pontes, 2008.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Filadélfia: University of Pensi Press, 1972.

LEÃO, Ryane. **Não serei anônima**. In. DUARTE, Mel (org). *Querem nos calar*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. p. 203-204.

Magalhães de Sousa Guedes, H. A., Marini Braga, F., Madaleno Batisteti, Éverton., & Silva Correia, R. . (2022). **NIASE E TERTÚLIAS DIALÓGICAS NO BRASIL: UMA ARTICULAÇÃO ENTRE SONHO E CIÊNCIA PARA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL**. *Crítica Educativa*, 8(3), 1–20.

<https://doi.org/10.22476/revcted.v8.id629> MELLO, Rodrigues de Mello. **Tertúlia Literária Dialógica**: espaço de aprendizagem dialógica: Disponível em: file:///C:/Users/Dell/Downloads/marianass.+3_3_7%20cita%C3%A7%C3%A3o%20pp.pdf

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIGNOLO, Walter D. (2006). Os esplendores e as misérias da “ciência: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de. (Ed). **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado**. São Paulo: Cortez, p. 667-709.

NASCIMENTO, Milton. Clube da Esquina 2. EMI Odeon, 1978. [Disco - Long Play (LP)]

OCDE (2023), *Resultados do PISA 2022 (Volume I): O estado da aprendizagem e da equidade na educação*, PISA, OECD Publishing, Paris, <https://doi.org/10.1787/53f23881-en>.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas Literaturas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RIBEIRO, N. R. **Morre Eduardo Galeano**: eternize-se o direito ao delírio. Disponível em:

<<http://www.contioutra.com/morre-eduardo-galeano-eterniza-se-o-direito-ao-delirio/>>. Acesso em: 11 dez. 2023.» <http://www.contioutra.com/morre-eduardo-galeano-eterniza-se-o-direito-ao-delirio/>

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum**. 14 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo**. Trad. Caio Meira. 3ª Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Educação e pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000300009>

VASCONCELOS, V. O.; AYALA, R. M. Pesquisa-ação e Educação Popular: pertinências e impertinências. In: BISSOTO, Maria Luisa; MIRANDA, Antonio Carlos. (Org). **Metodologias em educação sociocomunitária**. 1º Ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2016, v. 1, p. 63-92.

VASCONCELOS, V.; SOUSA, F.R. Unidade na diversidade: Entre utopias e concretudes em pesquisas desde a Educação Popular. **Cadernos CIMEAC**. V10 n. 1 (2020): Dossiê - O uno e o diverso nas tramas da educação popular. DOI: <https://doi.org/10.18554/cimeac.v10i1.4168>.

VIGOTSKI, L. S. (2000a). **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes

WOOLF, Virginia: **Um teto todo seu**. São Paulo, SP: Tordesilhas, 2017.

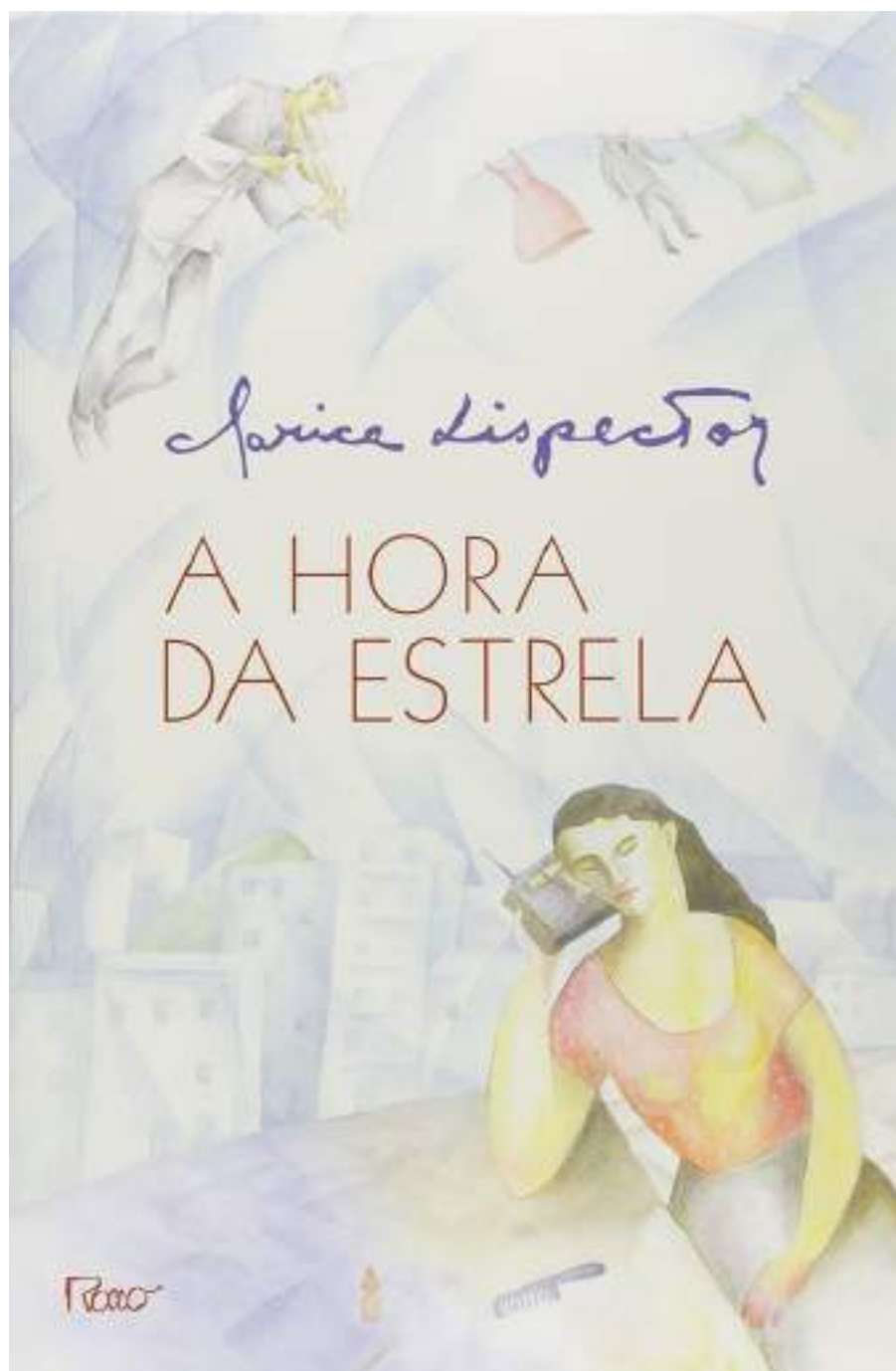
ANEXO A - OLHOS D'ÁGUA (CONCEIÇÃO EVARISTO)

1º obra lida no primeiro encontro de aproximação: OLHOS D'ÁGUA (Conto Maria, p. 39) – Conceição Evaristo

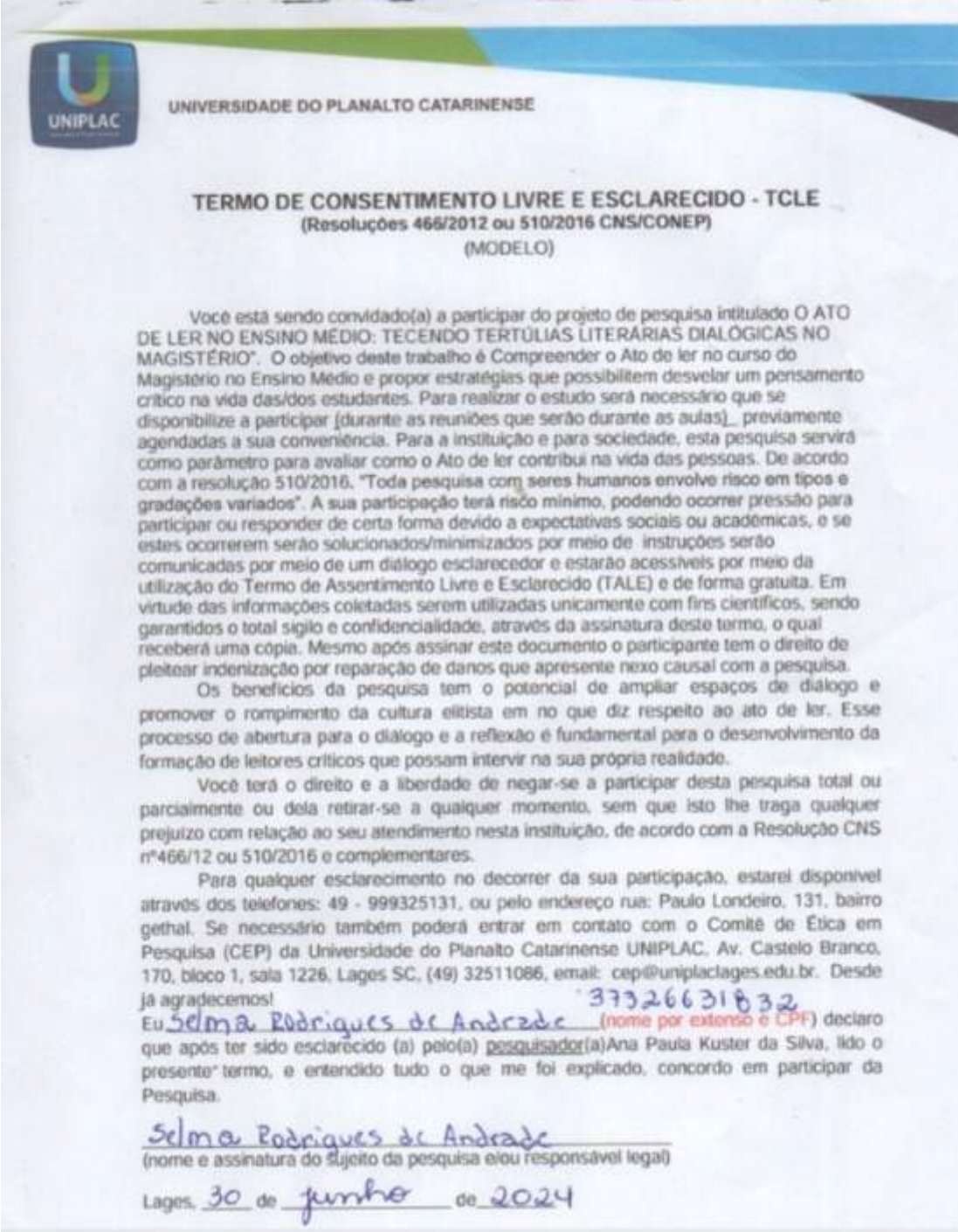



ANEXO B - A HORA DA ESTRELA (CLARICE LISPECTOR)

Obra lida nas 08 sessões de Tertúlias Literárias Dialógicas: A HORA DA ESTRELA - Clarice Lispector



ANEXO C, D, E, F - TERMO DE CONSENTIMENTO E ESCLARECIMENTO (TCLE).



 UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE
(Resoluções 466/2012 ou 510/2016 CNS/CONEP)
(MODELO)

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado O ATO DE LER NO ENSINO MÉDIO: TECENDO TERTÚLIAS LITERÁRIAS DIALÓGICAS NO MAGISTÉRIO. O objetivo deste trabalho é Compreender o Ato de ler no curso do Magistério no Ensino Médio e propor estratégias que possibilitem desvelar um pensamento crítico na vida dos estudantes. Para realizar o estudo será necessário que se disponibilize a participar (durante as reuniões que serão durante as aulas) previamente agendadas a sua conveniência. Para a instituição e para sociedade, esta pesquisa servirá como parâmetro para avaliar como o Ato de ler contribui na vida das pessoas. De acordo com a resolução 510/2016, "Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados". A sua participação terá risco mínimo, podendo ocorrer pressão para participar ou responder de certa forma devido a expectativas sociais ou acadêmicas, o se estes ocorrerem serão solucionados/minimizados por meio de instruções serão comunicadas por meio de um diálogo esclarecedor e estarão acessíveis por meio da utilização do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e de forma gratuita. Em virtude das informações coletadas serem utilizadas unicamente com fins científicos, sendo garantidos o total sigilo e confidencialidade, através da assinatura deste termo, o qual receberá uma cópia. Mesmo após assinar este documento o participante tem o direito de pleitear indenização por reparação de danos que apresente nexo causal com a pesquisa.

Os benefícios da pesquisa tem o potencial de ampliar espaços de diálogo e promover o rompimento da cultura elitista em no que diz respeito ao ato de ler. Esse processo de abertura para o diálogo e a reflexão é fundamental para o desenvolvimento da formação de leitores críticos que possam intervir na sua própria realidade.

Você terá o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa total ou parcialmente ou dela retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo com relação ao seu atendimento nesta instituição, de acordo com a Resolução CNS nº466/12 ou 510/2016 e complementares.

Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, estarei disponível através dos telefones: 49 - 999325131, ou pelo endereço rua: Paulo Londeiro, 131, bairro gethal. Se necessário também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Planalto Catarinense UNIPAC, Av. Castelo Branco, 170, bloco 1, sala 1226, Lages SC, (49) 32511086, email: cep@uniplaclages.edu.br. Desde já agradecemos!

Eu Selma Rodrigues de Andrade ³⁷³²⁶⁶³¹⁸³² (nome por extenso e CPF) declaro que após ter sido esclarecido (a) pelo(a) pesquisador(a) Ana Paula Kuster da Silva, lido o presente termo, e entendido tudo o que me foi explicado, concordo em participar da Pesquisa.

Selma Rodrigues de Andrade
(nome e assinatura do sujeito da pesquisa e/ou responsável legal)

Lages, 30 de junho de 2024



UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE
(Resoluções 466/2012 ou 510/2016 CNS/CONEP)
(MODELO)

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado O ATO DE LER NO ENSINO MÉDIO: TECENDO TERTÚLIAS LITERÁRIAS DIALÓGICAS NO MAGISTÉRIO. O objetivo deste trabalho é Compreender o Ato de ler no curso do Magistério no Ensino Médio e propor estratégias que possibilitem desvelar um pensamento crítico na vida das/dos estudantes. Para realizar o estudo será necessário que se disponibilize a participar (durante as reuniões que serão durante as aulas), previamente agendadas a sua conveniência. Para a instituição e para sociedade, esta pesquisa servirá como parâmetro para avaliar como o Ato de ler contribui na vida das pessoas. De acordo com a resolução 510/2016, "Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados". A sua participação terá risco mínimo, podendo ocorrer pressão para participar ou responder de certa forma devido às expectativas sociais ou acadêmicas, e se estes ocorrerem serão solucionados/minimizados por meio de instruções serão comunicadas por meio de um diálogo esclarecedor e estarão acessíveis por meio da utilização do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e de forma gratuita. Em virtude das informações coletadas serem utilizadas unicamente com fins científicos, sendo garantidos o total sigilo e confidencialidade, através da assinatura deste termo, o qual receberá uma cópia. Mesmo após assinar este documento o participante tem o direito de pleitear indenização por reparação de danos que apresente nexo causal com a pesquisa.

Os benefícios da pesquisa tem o potencial de ampliar espaços de diálogo e promover o rompimento da cultura elitista em no que diz respeito ao ato de ler. Esse processo de abertura para o diálogo e a reflexão é fundamental para o desenvolvimento da formação de leitores críticos que possam intervir na sua própria realidade.

Você terá o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa total ou parcialmente ou dela retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo com relação ao seu atendimento nesta instituição, de acordo com a Resolução CNS nº466/12 ou 510/2016 e complementares.

Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, estarei disponível através dos telefones: 49 - 999325131, ou pelo endereço rua: Paulo Londeiro, 131, bairro gethal. Se necessário também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Planalto Catarinense UNIPLAC, Av. Castelo Branco, 170, bloco 1, sala 1226, Lages SC, (49) 32511086, email: cep@uniplaclages.edu.br. Desde já agradecemos!

Eu Renata Cys da Silva Rolonino (nome por extenso e CPF) declaro que após ter sido esclarecido (a) pelo(a) pesquisador(a) Ana Paula Kuster da Silva, lido o presente termo, e entendido tudo o que me foi explicado, concordo em participar da Pesquisa.

Renata Cys da Silva Rolonino
(nome e assinatura do sujeito da pesquisa e/ou responsável legal)

Lages, 30 de junho de 2024



UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE
(Resoluções 466/2012 ou 510/2016 CNS/CONEP)
(MODELO)

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado O ATO DE LER NO ENSINO MÉDIO: TECENDO TERTÚLIAS LITERÁRIAS DIALÓGICAS NO MAGISTÉRIO. O objetivo deste trabalho é Compreender o Ato de ler no curso do Magistério no Ensino Médio e propor estratégias que possibilitem desvelar um pensamento crítico na vida das/dos estudantes. Para realizar o estudo será necessário que se disponibilize a participar (durante as reuniões que serão durante as aulas), previamente agendadas a sua conveniência. Para a instituição e para sociedade, esta pesquisa servirá como parâmetro para avaliar como o Ato de ler contribui na vida das pessoas. De acordo com a resolução 510/2016, "Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados". A sua participação terá risco mínimo, podendo ocorrer pressão para participar ou responder de certa forma devido a expectativas sociais ou acadêmicas, e se estes ocorrerem serão solucionados/minimizados por meio de instruções serão comunicadas por meio de um diálogo esclarecedor e estarão acessíveis por meio da utilização do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e de forma gratuita. Em virtude das informações coletadas serem utilizadas unicamente com fins científicos, sendo garantidos o total sigilo e confidencialidade, através da assinatura deste termo, o qual receberá uma cópia. Mesmo após assinar este documento o participante tem o direito de pleitear indenização por reparação de danos que apresente nexos causal com a pesquisa.

Os benefícios da pesquisa tem o potencial de ampliar espaços de diálogo e promover o rompimento da cultura elitista em no que diz respeito ao ato de ler. Esse processo de abertura para o diálogo e a reflexão é fundamental para o desenvolvimento da formação de leitores críticos que possam intervir na sua própria realidade.

Você terá o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa total ou parcialmente ou dela retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo com relação ao seu atendimento nesta instituição, de acordo com a Resolução CNS nº466/12 ou 510/2016 e complementares.

Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, estarei disponível através dos telefones: 49 - 999325131, ou pelo endereço rua: Paulo Londeiro, 131, bairro gethal. Se necessário também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Planalto Catarinense UNIPLAC, Av. Castelo Branco, 170, bloco 1, sala 1226, Lages SC, (49) 32511086, email: cep@uniplaclages.edu.br. Desde já agradecemos!

Eu Patricia de Oliveira Pimentel 063-796-629-52 (nome por extenso e CPF) declaro que após ter sido esclarecido (a) pelo(a) pesquisador(a) Ana Paula Kuster da Silva, lido o presente termo, e entendido tudo o que me foi explicado, concordo em participar da Pesquisa.

Patricia de Oliveira Pimentel
(nome e assinatura do sujeito da pesquisa e/ou responsável legal)

Lages, 30 de junho de 2024



UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE
(Resoluções 466/2012 ou 510/2016 CNS/CONEP)
(MODELO)

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado O ATO DE LER NO ENSINO MÉDIO: TECENDO TERTÚLIAS LITERÁRIAS DIALÓGICAS NO MAGISTÉRIO*. O objetivo deste trabalho é Compreender o Ato de ler no curso do Magistério no Ensino Médio e propor estratégias que possibilitem desvelar um pensamento crítico na vida dos/as estudantes. Para realizar o estudo será necessário que se disponibilize a participar (durante as reuniões que serão durante as aulas)... previamente agendadas a sua conveniência. Para a instituição e para sociedade, esta pesquisa servirá como parâmetro para avaliar como o Ato de ler contribui na vida das pessoas. De acordo com a resolução 510/2016, "Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados". A sua participação terá risco mínimo, podendo ocorrer pressão para participar ou responder de certa forma devido a expectativas sociais ou acadêmicas, e se estes ocorrerem serão solucionados/minimizados por meio de instruções serão comunicadas por meio de um diálogo esclarecedor e estarão acessíveis por meio da utilização do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e de forma gratuita. Em virtude das informações coletadas serem utilizadas unicamente com fins científicos, sendo garantidos o total sigilo e confidencialidade, através da assinatura deste termo, o qual receberá uma cópia. Mesmo após assinar este documento o participante tem o direito de pleitear indenização por reparação de danos que apresente nexo causal com a pesquisa.

Os benefícios da pesquisa tem o potencial de ampliar espaços de diálogo e promover o rompimento da cultura elitista em no que diz respeito ao ato de ler. Esse processo de abertura para o diálogo e a reflexão é fundamental para o desenvolvimento da formação de leitores críticos que possam intervir na sua própria realidade.

Você terá o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa total ou parcialmente ou dela retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo com relação ao seu atendimento nesta instituição, de acordo com a Resolução CNS nº466/12 ou 510/2016 e complementares.

Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, estarei disponível através dos telefones: 49 - 999325131, ou pelo endereço rua: Paulo Londeiro, 131, bairro gethal. Se necessário também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Planalto Catarinense UNIPLAC, Av. Castelo Branco, 170, bloco 1, sala 1226, Lages SC. (49) 32511086, email: cep@uniplaclages.edu.br. Desde já agradecemos!

Eu Nicole da Rocha Modesto 139.592.759-45 (nome por extenso e CPF) declaro que após ter sido esclarecido (a) pelo(a) pesquisador(a) Ana Paula Kuster da Silva, lido o presente termo, e entendido tudo o que me foi explicado, concordo em participar da Pesquisa.

Nicole da Rocha Modesto
(nome e assinatura do sujeito da pesquisa e/ou responsável legal)

Lages, 30 de junho de 2024